



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO — PPG**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO — PPGEn**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**



**IDELZUITH SOUZA BORGES**

**ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO:  
PAISAGEM E LUGAR NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA**

Vitória da Conquista — BA

2023

**IDELZUITH SOUZA BORGES**

**ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO:  
PAISAGEM E LUGAR NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA**

Texto de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana David Ferreira Gusmão

Vitória da Conquista — BA

2023

B732e

Borges, Idelzuith Souza.

Ensino de geografia na Escola Família Agrícola Dom Fragoso: paisagem e lugar na pedagogia da alternância. / Idelzuith Souza Borges, 2023.

159f. il.

Orientador (a): Dr<sup>a</sup>. Adriana David Ferreira Gusmão.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação em Ensino – PPGEn, Vitória da Conquista, 2023.

Inclui referência F. 151 - 154.

1. Ensino de Geografia. 2.Lugar- Paisagem.3. Pedagogia da Alternância. I. Gusmão, Adriana David Ferreira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Acadêmico em Ensino- PPGEn.

CDD 910.07

*Catálogo na fonte: **Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890***

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

“ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM  
FRAGOSO: PAISAGEM E LUGAR NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA”

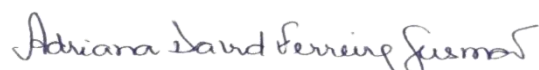
**Autora: Idelzuith Souza Borges**

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adriana David Ferreira Gusmão

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por **Idelzuith Souza Borges** e aprovada pela Comissão Avaliadora.

Data: 02/06/2023

COMISSÃO AVALIADORA



---

Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Adriana David Ferreira Gusmão (UESB)  
Presidente da Banca Examinadora/Orientador



---

Prof. Dr. Benedito Gonçalves Eugênio (UESB)  
Examinador interno



---

Prof. Dr. Glauber Barros Alves Costa (UNEB)  
Examinador externo

Dedico este trabalho aos meus pais, Izabel e José Almir, à minha irmã Islândia Maria e à minha sobrinha, Yslla Maria. Ao meu irmão Francisco Almir e à minha cunhada Ana Maria e a todos meus familiares. Também à EFA Dom Frágoso. Aos meus amigos, que direta e ou indiretamente me ajudaram a vencer mais uma etapa dessa missão.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que me deu paz e energia para que este trabalho fosse concluído. Sem ele, nada seria possível.

Aos meus pais, José Almir e Izabel, ao meu irmão Francisco Almir, à minha irmã Islândia Maria e à minha sobrinha Yslla Maria, assim como a todos os meus familiares queridos. Dispensando a minha gratidão pelo apoio e compreensão.

À minha orientadora, Adriana David Ferreira Gusmão, meus agradecimentos pela paciência, dedicação, compromisso e amor ao desempenhar, com maestria, a sua missão de educadora.

À EFA Dom Frágoso, por todos os conhecimentos obtidos ao longo da caminhada, pois, a partir das experiências vivenciadas, existe, de verdade, um antes e um depois da EFA em minha vida.

Aos colegas com quem trabalho atualmente, e também a todos com quem tive a honra de ser companheira de trabalho.

Aos meus educandos/as, obrigada por todas as vivências, desafios, alegrias, e, é claro, também as tristezas. Obrigada por terem me dado a oportunidade de fazer parte do mundo de vocês.

Às famílias que fazem parte da comunidade escolar da EFA Dom Frágoso, assim como a todas aquelas egressas. Minha eterna gratidão pelo convívio, aprendizagens e pela missão de serem guardiões de um mundo melhor.

A todos/as os/as amigos/as do mestrado, que tive o prazer de conhecer, mesmo que pela tela de um notebook. Vocês foram grandes companheiros/as, e levarei, para minha vida, essas lindas amizades que foram construídas através do lema “ninguém solta a mão de ninguém”.

Também agradeço à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e ao Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEN).

## RESUMO

O presente trabalho resultou de um estudo sobre o Ensino de Geografia na Escola Família Agrícola Dom Fragoso, à luz da Pedagogia da Alternância. Para tanto, foram destacados os conceitos de paisagem e lugar, visto que eles são indispensáveis para que o ensino se dê de forma significativa, de modo a promover a compreensão dos fatos da vida real, tanto do espaço vivido como concebido. A pesquisa se pautou por uma abordagem qualitativa, cujos sujeitos foram os/as educandos/as do Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano) e suas respectivas famílias no contexto da Escola Família Agrícola Dom Fragoso. A amostragem dessa pesquisa foi composta de 42 (quarenta e dois) participantes, destes, 22 (vinte e dois) educandos e 20 (vinte) familiares de alunos como pai, mãe ou responsável pelos educandos. A coleta dos dados ocorreu por meio de análise documental do currículo prescrito e dos planejamentos, do currículo realizado, bem como da aplicação de questionários com os alunos, por meio da Observação Participante e da Pesquisa de Campo Exploratória. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo e considerou como o ensino de Geografia se realiza na Escola Família Agrícola Dom Fragoso à luz da Pedagogia da Alternância e dos conceitos de paisagem e lugar.

**Palavras-chave:** ensino de Geografia; lugar; paisagem; Pedagogia da Alternância.

## **ABSTRACT**

This present work resulted from a study about the Teaching of Geography at the Dom Fragoso Agricultural Family School, in light of the Pedagogy of Alternation. Therefore, the concepts of landscape and place were highlighted, as they are essential for teaching to occur in a meaningful way, promoting understanding of real-life facts, both in the lived and conceptualized space. The research was based on a qualitative approach, with the subjects being the high school students (1st, 2nd, and 3rd year) and their respective families in the context of the Dom Fragoso Agricultural Family School. The sample for this research consisted of 42 participants, including 22 students and 20 family members, such as parents or guardians responsible for the students. Data collection occurred through documentary analysis of the prescribed curriculum and lesson plans, the realized curriculum, as well as the administration of questionnaires to the students, through Participant Observation and Exploratory Field Research. The data were analyzed through content analysis, considering how Geography teaching is carried out at the Dom Fragoso Agricultural Family School, in light of the Pedagogy of Alternation and the concepts of landscape and place.

**Keywords:** Geography teaching; place; landscape; Pedagogy of Alternation.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Mapa de localização da EFA Dom Fragoso (2022) .....	17
Figura 2 — Percurso da coleta dos dados .....	19
Figura 3 — Coleta dos dados.....	22
Figura 4 — Imagem panorâmica da EFA Dom Fragoso .....	44
Figura 5 — Mapa das comunidades atendidas pela EFA Dom Fragoso (2022).....	47
Figura 6 — Raleamento da Caatinga .....	51
Figura 7 — Raleamento da Caatinga .....	52
Figura 8 — Raleamento da Caatinga .....	52
Figura 9 — Raleamento da Caatinga .....	53
Figura 10 — Reaproveitamento da garrafa pet na construção de canteiros .....	54
Figura 11 — Construção de canteiros com garrafa pet.....	54
Figura 12 — Reaproveitamento de copo de geleia de vidro com palitos de picolé ...	55
Figura 13 — Reaproveitamento de garrafa de shampoo com palitos de picolé .....	55
Figura 14 — Análise do pluviômetro .....	56
Figura 15 — Análise do pluviômetro .....	57
Figura 16 — Análise do sistema de irrigação no Palmal .....	57
Figura 17 — Análise do sistema de irrigação no Palmal .....	58
Figura 18 — Desenvolvimento da apicultura por mulheres.....	59
Figura 19 — Desenvolvimento da apicultura.....	59
Figura 20 — Captura de enxame e manejo no meliponário realizado pelo educando e sua mãe .....	60
Figura 21 — Captura de enxame e manejo no meliponário realizado pelo educando .....	60
Figura 22 — Os quatro Pilares de Begnami.....	62
Figura 23 — Organização das aulas de Geografia na EFA .....	74
Figura 24 — Plantio de uma roça pelos educandos.....	91
Figura 25 — Manejo da ovinocaprinocultura .....	91
Figura 26 — Plantio de Palma.....	92
Figura 27 — Plantio de Palma.....	93
Figura 28 — Desenvolvimento de pesquisas na casa de semente EFA .....	98
Figura 29 — Desenvolvimento de pesquisas na casa de semente EFA .....	98

Figura 30 — Apresentação da dança do toré pelo educando Hugo Bezerra e sua família no PVFC .....	103
Figura 31 — Família do educando Hugo no PVFC .....	103
Figura 32 — Manejo com o gado em área em processo de degradação avançado	110
Figura 33 — Manejo com o gado em área em processo de degradação avançado	111
Figura 34 — Entrada de uma mina de ferro em Quiterianópolis .....	112
Figura 35 — Área de uma mina de ferro em Quiterianópolis .....	113
Figura 36 — Plantio de hortaliças .....	118
Figura 37 — Plantio de roçado .....	118
Figura 38 — Plantio do Palmal .....	119
Figura 39 — Plantio do Quintal produtivo .....	119
Figura 40 — Croqui Comunidade Cruz .....	124
Figura 41 — Croqui do Assentamento 25 de Maio — Fazenda Açude-Madalena ..	125
Figura 42 — Comunidade Várzea do São Pedro em Quiterianópolis .....	126
Figura 43 — Croqui da Comunidade Boa Esperança em Independência/CE .....	127
Figura 44 — Criação de suínos na comunidade Riacho do Meio em Independência .....	131
Figura 45 — Comunidade Riacho Fechado em Independência .....	132
Figura 46 — Comunidade Riacho do Meio em Choró Limão .....	132
Figura 47 — Comunidade Riacho do Meio em Choró Limão .....	133
Figura 48 — Comunidade Riacho do Meio em Choró Limão .....	134
Figura 49 — Comunidade Riacho do Meio em Choró Limão .....	134
Figura 50 — Comunidade Besouro em Quiterianópolis .....	135
Figura 51 — Comunidade Santa Rosa em Pedra Branca .....	135
Figura 52 — Áreas de pastagem no entorno da EFA Dom Frágoso em Independência .....	136
Figura 53 — Áreas de pastagem no entorno da EFA Dom Frágoso em Independência .....	137
Figura 54 — Jovens em seus quintais produtivos .....	138
Figura 55 — Jovens em seus quintais produtivos .....	139
Figura 56 — Jovens em seus quintais produtivos .....	139
Figura 57 — Mapa mental sobre convivência com o semiárido .....	140
Figura 58 — Mapa mental sobre convivência com o semiárido .....	141
Figura 59 — Mapa mental sobre convivência com o semiárido .....	141

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Unidades de registros: temas iniciais.....	23
Quadro 2 — Distribuição das atividades diárias da EFA.....	37
Quadro 3 — Distribuição dos componentes curriculares e horários de EFA.....	38
Quadro 4 — Distribuição de monitores por atividades .....	39
Quadro 5 — Territórios e quantidade de famílias atendidas pela EFA Dom Frago (2022–2023).....	44
Quadro 6 — Organização dos Planos de Estudo (2023) .....	84
Quadro 7 — Plano de Estudo “História da minha Família e Comunidade na construção do Bem Viver” .....	122
Quadro 8 — Plano de Estudo do tema: as riquezas naturais do nosso semiárido cearense.....	130

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1 CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>16</b>
1.1 Universo da pesquisa .....	16
1.2 Tipologia da pesquisa.....	18
1.3 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados.....	18
1.4 Análise e interpretação dos dados .....	21
<b>2 EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA</b> .....	<b>26</b>
2.1 Aspectos históricos e sociais da EFA Dom Fragoso.....	32
2.2 EFA Dom Fragoso e a comunidade escolar.....	40
2.3 A organização do trabalho pedagógico na EFA e a Pedagogia de Alternância .....	61
<b>3 ENSINO DE GEOGRAFIA E A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NA EFA DOM FRAGOSO</b> .....	<b>73</b>
3.1 A tríade ensino de Geografia, estudantes e família na Pedagogia da Alternância.....	81
3.2 Práticas do ensino de Geografia no campo.....	89
3.3 Situações geográficas para o ensino de Geografia na EFA .....	94
<b>4 LUGAR E PAISAGEM NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA</b> .....	<b>101</b>
4.1 Pensando a paisagem e o lugar em que se vive .....	107
4.2 Relações socioespaciais no ensino e na aprendizagem sobre lugar e paisagem.....	114
4.3 Raciocínio geográfico sobre o lugar e a paisagem na EFA Dom Fragoso.....	120
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>144</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>147</b>
<b>APÊNDICE A — Roteiro da Observação Participante</b> .....	<b>151</b>
<b>APÊNDICE B — Questionário dos educandos</b> .....	<b>154</b>
<b>APÊNDICE C — Questionário das Famílias</b> .....	<b>156</b>
<b>ANEXO A — MATRIZ CURRICULAR</b> .....	<b>157</b>

## INTRODUÇÃO

A Geografia tem o objetivo de analisar e explicar a dinâmica do espaço geográfico em suas diferentes dimensões, e nesse sentido, seu papel escolar é ensinar os educandos a refletir sobre o espaço.

Por meio da análise da paisagem e do lugar, como categorias importantes para a compreensão das vivências e transformações produzidas pela sociedade no percurso de suas histórias, estudamos o espaço geográfico. Portanto, a vivências dos sujeitos no espaço exercem importante papel para o protagonismo e para a busca pela emancipação social, e com isso, é oportunizado o desvelamento de diferentes contextos, bem como a assimilação de novos conhecimentos para o desenvolvimento desses povos.

Partindo destes pressupostos, o presente trabalho se propôs a desvelar o ensino de Geografia com destaque para os conceitos de paisagem e lugar, à luz da Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola (EFA) Dom Fragoso. A motivação inicial para a pesquisa adveio do envolvimento na EFA como monitora, na qual a pesquisadora atua há dezenove anos, contribuindo como educadora. Sou professora do componente curricular Geografia e trago, em minhas vivências, muito amor pelo ensino de Geografia. Além disso, sou motivada pelo desejo de poder contribuir com a Educação do Campo por meio desse trabalho, bem como alavancar a formação profissional e realizar o aprimoramento da *práxis*, das leituras e da minha visão de mundo.

A Escola Família Agrícola Dom Fragoso está localizada na comunidade Santa Cruz, no município de Independência, no estado do Ceará. É uma escola que adota a Pedagogia da Alternância<sup>1</sup> e atende a jovens camponeses do Ensino Médio, além de oferecer o Curso Técnico de Nível Médio Integrado com Habilitação em Agropecuária - Eixo Tecnológico: Recurso Naturais, em Regime de Alternância.

---

<sup>1</sup> A Pedagogia da Alternância é uma proposta pedagógica que leva em conta a realidade do jovem camponês, e trabalha com experiências que envolvem atividades de aprendizagens em tempos e espaços diferentes. Ela visa desenvolver potenciais e capacidades sociais, individuais e coletivas nos/as educandos/as, visto que facilita a aprendizagem e a inserção do jovem no mundo do trabalho, e por conseguinte, ajuda o jovem a se manter em suas comunidades camponesas. Segundo Gimonet (2005, 1999), a formação por Alternância não pode ser reduzida a simples relação binária do tipo: teoria e prática, escola e empresa, trabalho profissional e formação escolar, formação e emprego, conhecimento empírico e conhecimento teórico, pois ela requer um conhecimento aprofundado, que considere uma perspectiva sistêmica.

Ao pensar no exercício de uma Geografia crítica, com destaque para os conceitos de paisagem e lugar, é que esse trabalho se propõe a apresentar uma reflexão acerca de um olhar específico para Geografia na Pedagogia da Alternância. Segundo Cavalcanti (2019, p. 21), “pode-se inferir que havia um pressuposto, a partir dos movimentos de renovação da Geografia, de que ensiná-la não poderia consistir em uma ação de transmissão de conteúdos em si”, no entanto, ela “deveria ser uma ação que ensinasse a se fazer uma análise geográfica de fatos e fenômenos”.

Nessa acepção, podemos entender que a Geografia deve romper com o distanciamento da realidade dos/as educandos/as, e o ensino deve ser contextualizado no cotidiano, buscando a memória das vivências, ressignificando e ajudando a criar nos jovens, uma percepção crítica de suas próprias realidades. Dessa forma, o ensino de Geografia deve desenvolver o senso crítico dos educandos, a fim de que estes possam ser os verdadeiros protagonistas de suas histórias, ou seja, promover uma aprendizagem prática com intenção emancipatória.

Compreender o ensino mediante uma visão crítica e contextualizada é proporcionar aos educandos uma nova leitura de mundo, ajudando-os a reconhecer que a nossa realidade é uma construção social, política, cultural e econômica sobre a natureza. A respeito disso, Castellar e De Paula (2020, p. 316-317) esclarecem que

Esse movimento, talvez, possa ajudar a recontextualizar a educação geográfica. Uma Geografia recontextualizada baseia-se no desenvolvimento de mais que pensamentos, mas raciocínios, pois este último exige o uso de uma lógica – dialética – argumentativa propositiva e inferencial, fruto das conexões realizadas pelo sujeito com o mundo circundante experienciado e percebido a partir de um vocabulário robusto, fortalecendo o conhecimento geográfico no currículo e na vida da juventude e da sociedade. Recontextualizá-la significa fortalecê-la, não a dissociar de suas linguagens e natureza epistêmica. É também a capacidade de incentivar e envolver, a partir de situações geográficas provocadoras e significativas, os universos de crianças e jovens para que lidem com os problemas sociais de forma autônoma, criativa, rigorosa e, sobretudo, emancipadora, na busca pela cidadania e justiça social, pois a Geografia é, em primeiro lugar, um conhecimento poderoso.

Assim, para ensinar Geografia, é necessário apresentar o sentido da própria ciência e articular seus conteúdos com a vida. Deve-se oferecer uma especificidade ao assunto e mostrar como, o porquê, para quê e para quem se deve ensinar Geografia.

Nesse contexto, o ensino de Geografia tem como finalidade proporcionar o conhecimento acerca do espaço geográfico e especializar a compreensão sobre as vivências e leituras de mundo, de modo a promover a percepção dos fatos da vida real, em termos do espaço vivido e também concebido.

Diante do exposto, a problemática que sustentou esse estudo buscou explicar a seguinte questão: como o ensino de Geografia se realiza na Escola Família Agrícola Dom Fragoso à luz da Pedagogia da Alternância com destaque para os conceitos de paisagem e lugar? Desta pergunta central emergiram questões secundárias, a saber: como se dá a interação entre os aspectos familiar e escolar, com relação ao ensino de Geografia? Como o ensino de Geografia influencia/explica e problematiza a vida cotidiana dos/as educandos/as? Como os conceitos de paisagem e lugar são operacionalizados pelos estudantes para compreender a convivência com/no semiárido?

De modo a orientar a busca pelas respostas, foram delimitados alguns objetivos. O objetivo central foi analisar o ensino de Geografia na Escola Família Agrícola Dom Fragoso à luz da Pedagogia da Alternância, destacando os conceitos de paisagem e lugar. Como objetivos específicos, buscou-se: a) analisar as operações conceituais de paisagem e lugar no ensino de Geografia, realizados pelos estudantes; b) verificar a interação entre os aspectos familiar e escolar da Pedagogia da Alternância com relação ao ensino de Geografia; e c) analisar as práticas espaciais cotidianas dos estudantes e a influência do ensino de Geografia para a interpretação da realidade social e espacial.

Para responder às questões e atender aos objetivos propostos, a pesquisa de campo foi realizada na Escola Família Agrícola Dom Fragoso, com os educandos do Ensino Médio (EM) e com 20 familiares de alunos que fazem parte da comunidade escolar, no ano 2022. Os participantes totalizaram 42 pessoas pesquisadas, com as quais aplicamos questionários. Após a delimitação, coleta e análise dos dados, bem como das observações realizadas, procedeu-se à escrita da dissertação, que se apresenta estruturada em capítulos e seções.

No primeiro capítulo, são apresentados os caminhos metodológicos trilhados para a pesquisa, isto é, como o trabalho foi realizado.

No segundo capítulo, realizamos uma apresentação breve sobre a educação do/no campo e uma imersão na história da Escola Família Agrícola Dom Fragoso, em seus aspectos sociais, políticos e as relações construídas com a comunidade escolar,

com intuito de conhecer os espaços de onde os/as educandos/as vêm. Para tanto, foi destacada a operacionalização dos conhecimentos geográficos nos aspectos familiar e escolar, além de como se dá a organização do trabalho pedagógico realizado na EFA, de modo a oferecer compreensão sobre o contexto e espaço da pesquisa.

Por sua vez, no terceiro capítulo, são apresentados o ensino de Geografia e a Pedagogia da Alternância na EFA Dom Fragoso, com vistas a esclarecer como se dá a interação entre os aspectos familiar e escolar, com relação ao ensino de Geografia, bem como sobre o referido ensino e sua interação com a vida cotidiana dos/as educandos/as.

No quarto capítulo, o objetivo foi desvelar como os conceitos de paisagem e de lugar são trabalhados no ensino de Geografia à luz da Pedagogia da Alternância, bem como sua presença nas reflexões contextualizadas nas vivências dos/as educandos/as e comunidades. Neste capítulo, também são discutidos o pensamento espacial e o raciocínio geográfico – fundamentos do ensino de Geografia.

Na sequência, são apresentadas as Considerações Finais, que expõem uma retomada sobre o trabalho, os achados de pesquisa e o cruzamento entre questões e objetivos do trabalho. Por fim, são indicadas as referências consultadas (as quais fundamentam a teoria que embasa a análise ora apresentada), bem como os anexos e os apêndices.

Todos os esforços empreendidos na escrita desta dissertação<sup>2</sup> se voltaram para a apresentação da análise proposta, de modo que o leitor possa compreender o trabalho e também conhecer mais sobre o objeto de estudo proposto.

---

<sup>2</sup> Esta dissertação foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP com o número do Parecer 5.608.685.



## **1 CAMINHOS METODOLÓGICOS**

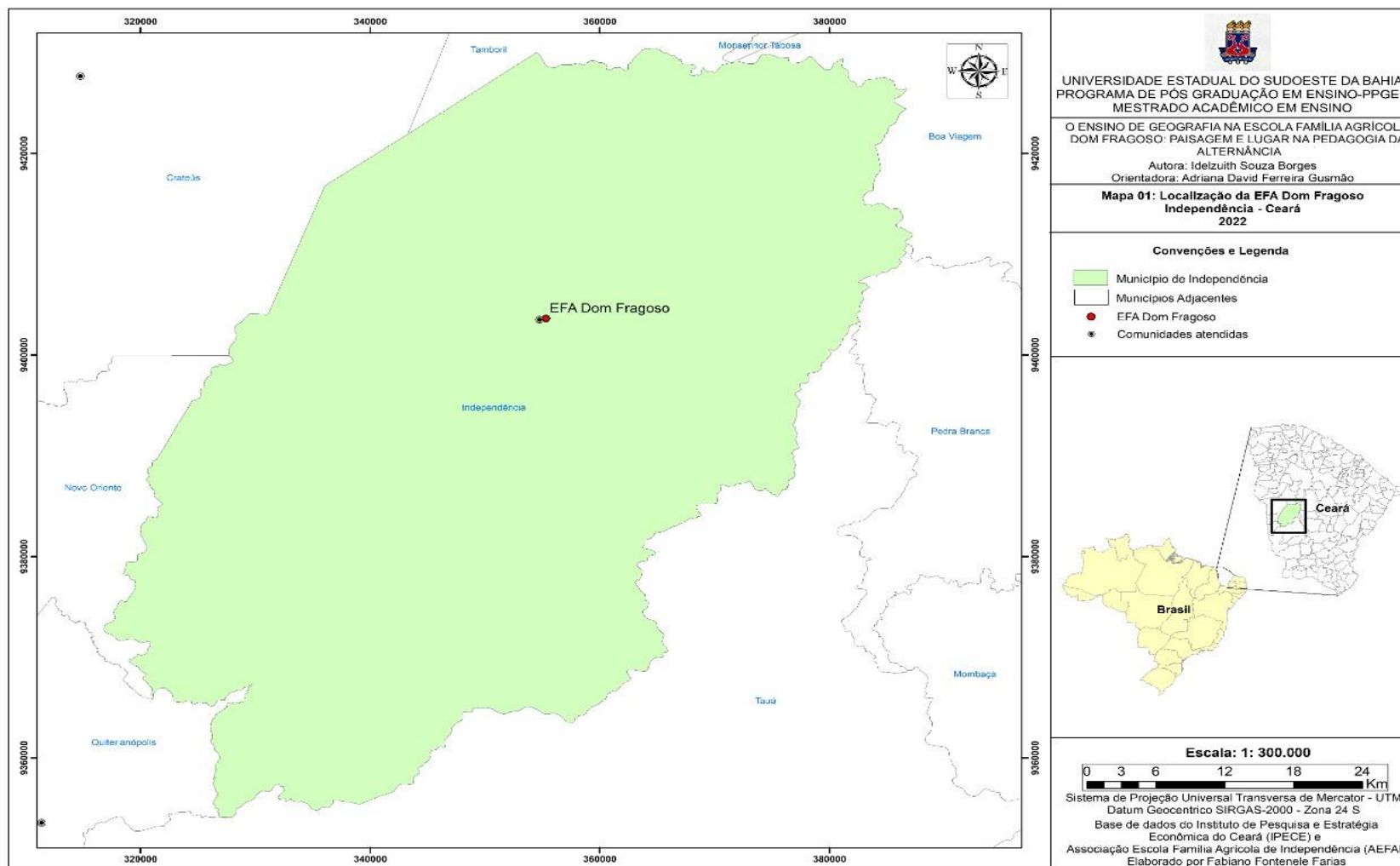
Apresentando os caminhos percorridos ao longo de todas as etapas desse estudo, o presente capítulo diz respeito à metodologia utilizada nesta pesquisa, como também as técnicas selecionadas para uma melhor compreensão e entendimento quanto ao questionamento central que move este trabalho, a saber: como o ensino de Geografia se realiza na Escola Família Agrícola Dom Fragoso à luz da Pedagogia da Alternância com destaque aos conceitos de paisagem e lugar? Para tanto, foram adotadas a Pesquisa de Campo Exploratória e a Observação Participante como procedimentos para a coleta e análise dos dados. A seguir, apresentamos as seções que abordam os procedimentos metodológicos do presente estudo.

### **1.1 Universo da pesquisa**

Conforme mencionado anteriormente, este trabalho foi desenvolvido na Escola Família Agrícola Dom Fragoso, localizada na comunidade Santa Cruz, no município de Independência – Ceará, representado, a seguir, no mapa de localização da EFA Dom Fragoso (2022) da Figura 1. A referida escola adota a Pedagogia da Alternância e atende a um total de 48 jovens camponeses do Ensino Médio, por meio da oferta do curso técnico em agropecuária.

Os sujeitos selecionados para esta pesquisa foram os/as educandos/as do 1º, 2º e 3º ano do EM, e mais 20 famílias da Escola Família Agrícola Dom Fragoso. A amostragem dessa pesquisa aconteceu com 50% dos/as educandos/as de cada turma, sendo oito educandos do 1º ano, oito do 2º ano e seis do 3º ano, os quais foram escolhidos de forma aleatória. Também foram selecionados, aleatoriamente, 20 participantes para representarem as famílias, como pai, mãe ou responsável.

Figura 1 — Mapa de localização da EFA Dom Fragoso (2022)



Fonte: Farias (2022).

## **1.2 Tipologia da pesquisa**

Considerando que se trata de uma pesquisa qualitativa, cujo propósito é representar opiniões e perspectivas dos/as pesquisandos/as, exigiu-se um olhar aprofundado do contexto e do local em que foi executada, tal como uma interação entre o pesquisador e objeto. Desse modo, a pesquisa qualitativa é conduzida no local onde o fenômeno ocorre, ou campo de pesquisa no qual o pesquisador realiza o levantamento dos dados, ou seja, interage com o fenômeno estudado (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Assim sendo, a pesquisa foi realizada por etapas e, na primeira delas, foi estruturado o referencial teórico deste estudo. Para construí-lo, foi realizado um levantamento bibliográfico em livros, artigos científicos, dissertações e teses, que pudessem corroborar ou refutar as discussões aqui propostas sobre as categorias eleitas nos objetivos. A partir disso, foram identificadas várias produções existentes sobre o tema estudado, nas quais, os principais autores discutem e sustentam as ideias e os conceitos presentes neste trabalho, que são: Cavalcanti (2019), Santos (2006), Tuan (1980), Carlos (2019), Moreira (2014) os quais fundamentam, principalmente, a discussão sobre o ensino de Geografia e as categorias paisagem e lugar. Ressaltamos ainda que, Begnami e Justino (2022), Gimonet (2005), Benisio e Costa (2019) e Calvó (1999) são os principais autores que embasam o debate sobre a Pedagogia da Alternância.

Para referenciar a educação do campo, recorreremos a Caldart (2012) e Antunes-Rocha e Leão (2015). Já Alonso (2016), Guerra (2014), Neto (1994), Mônico, Alferes, Castro e Pereira (2017), Lakatos e Marconi (2003), todos estes são ligados à área de atuação das Ciências Humanas, cujas pesquisas abordam a Pesquisa Qualitativa, a Pesquisa de Campo e a Observação Participante, ajudando-nos a caminhar com segurança e clareza dentro destes contextos. Nessa etapa, portanto, foi feita uma imersão na literatura sobre as categorias eleitas para a estruturação da pesquisa.

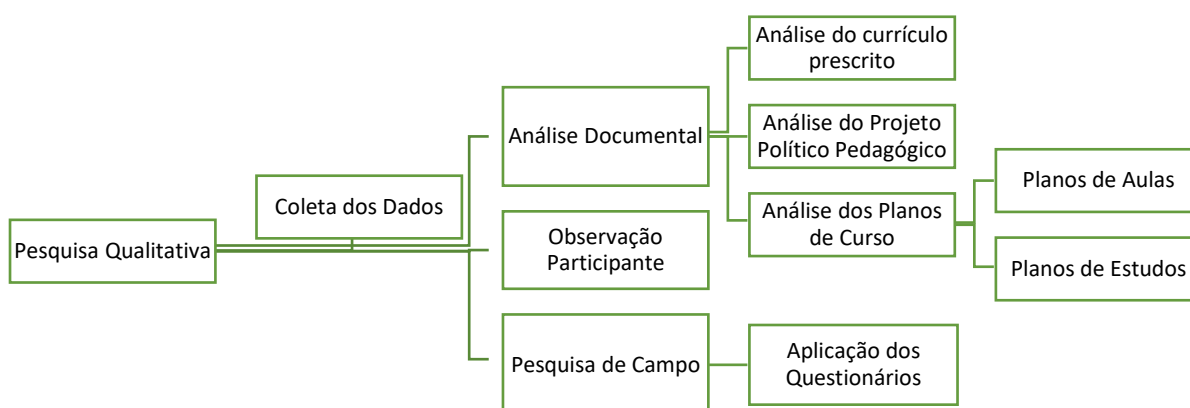
## **1.3 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados**

A etapa seguinte trata-se da coleta dos dados, que foi realizada por meio da Pesquisa de Campo, e recorreu a uma Análise Documental do currículo prescrito, do PPP da EFA, dos planos de curso, dos planos de aulas e dos planos de estudos dos

estudantes. Além disso, foram aplicados questionários aos alunos e às famílias participantes. A Observação Participante também foi utilizada na investigação, basicamente em todo o percurso da coleta de dados, bem como durante a escuta e a socialização do plano de estudo dos estudantes.

O fluxograma, a seguir, demonstra as etapas do percurso de pesquisa realizado:

Figura 2 — Percurso da coleta dos dados



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Na Pesquisa de Campo, foi necessário realizar uma imersão nas vivências da EFA, assim como na vida das famílias pesquisadas, e com isso, foi possível observar os fatos, bem como compreender de que forma ocorre o ensino de Geografia na EFA, com destaque para os conceitos de paisagem e lugar, à luz da Pedagogia da Alternância. Sobre a Pesquisa de Campo, Lakatos e Marconi (2003, p. 186) esclarecem que:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Adotamos a Observação Participante (APÊNDICE A) como uma das técnicas de levantamento de dados, embasada no que Mônico, Alferes, Castro e Pereira (2017, p. 3) definem como:

O método da Observação Participante é especialmente apropriado para estudos exploratórios, estudos descritivos e estudos que visam a generalização de teorias interpretativas. Habitualmente recorre-se à Observação Participante com o propósito de elaborar, após cada sessão de observação, descrições “qualitativas”, de tipo “narrativo”

(i.e., sem recorrer a grelhas de observação estandardizadas), que permitem obter informação relevante para a investigação em causa (exemplificando, formulação de hipóteses de investigação, auxílio à elaboração ou adaptação de teorias explanatórias, concepção de escalas de medida dos constructos em análise).

A Observação Participante não se restringe apenas a ver ou ouvir o fenómeno pesquisado, mas um envolvimento íntimo e ativo, ligado ao objetivo a ser alcançado. A Observação Participante é, portanto, a técnica de coletar dados com o intuito de adquirir informações relevantes para pesquisa, sendo ela essencial para investigação científica. Segundo Alonso (2016, p. 10),

A preocupação de fundo dessa técnica é entender como regras, hábitos, padrões sociais são vivenciados cotidianamente pelos indivíduos. Pergunta-se como a ordem social acontece em nível microssocial, isto é, como as pessoas de carne e osso vivem as suas vidas ordinárias, tanto no sentido de cotidianas, quanto de vidas-padrão, distintas das grandes biografias. É um estudo das rotinas sociais, do que parece trivial e óbvio, mas que, por ser muito disseminado, estrutura as relações sociais.

A Observação Participante, nesta pesquisa, assumiu a forma natural, na qual o/a pesquisador/a pertence ou tem interação com a comunidade/grupo estudado. Esclarece Guerra (2014, p. 31) que:

A observação participante é recomendada quando o pesquisador julgar que sua participação direta no evento ou fato a ser observado gerará maior profundidade na compreensão do mesmo, além de possibilitar uma intervenção por parte do pesquisador no fenómeno, fato ou grupo. Por esse motivo, geralmente a observação participante vem também carregada de propósitos políticos, e está fundamentada nos paradigmas que não concordam com a neutralidade e imparcialidade do pesquisador. Um de seus pontos fortes é integrar o observador à sua observação, aproximar o sujeito conhecedor ao seu conhecimento.

Além disso, a Observação Participante, neste trabalho, tem um significado muito especial, pois a pesquisadora trabalha na escola pesquisada, assim como também é a única professora de Geografia há 19 anos, e acompanha, de perto, todos os processos educativos desse espaço, em destaque, o Projeto Político Pedagógico (PPP), mediação pedagógica, Plano de Estudo, currículo e demais elementos aqui analisados.

Evidencia-se a importância da Observação Participante nesta investigação, despidendo-nos dos “achismos”, visto que foi realizada uma imersão na vivência da EFA, que ajudou a compreender, de fato, o ensino de Geografia operacionalizado nas

categorias paisagem e lugar, na Pedagogia da Alternância. Assim, de forma muito instigadora e motivadora, o resultado dos questionários revela uma Geografia viva que pulsa com a vida desses estudantes e dessas famílias/comunidades. Da mesma forma, a análise documental desvelou o quanto a Pedagogia da Alternância é transformadora na vida desses/as educandos/famílias e suas respectivas comunidades.

Cabe destacar que foi muito inspirador realizar a Observação participante, ou seja, observar essas mudanças acontecendo nas comunidades através do ensino de Geografia contextualizado na realidade dessas pessoas/comunidades. Dessa forma, podemos compreender que esses procedimentos de coleta permitiram um conhecimento aprofundado acerca do objeto de pesquisa.

Também aplicamos um questionário (APÊNDICE B) com os 42 participantes, sendo 22 educandos/as das três séries do Ensino Médio e 20 pessoas representando as famílias. Esse questionário possibilitou aos participantes da pesquisa discorrerem acerca das questões discursivas sobre o que estava sendo perguntado, abordando questões relacionadas ao ensino de Geografia, sobre a Escola Família Agrícola e a Pedagogia da Alternância, assim como acerca da compreensão e aplicação dos conceitos de paisagem e lugar. Os resultados desses questionários estão discutidos nas seções seguintes desse trabalho, nas quais foi possível abordar o conteúdo das falas das famílias e dos/as educandos/as. No texto, as mesmas são apresentadas de acordo com a temática abordada, destacando o cuidado de fazer uma apresentação de cada participante, e, para tanto, foram estabelecidos alguns códigos de referência, como por exemplo, números associados ao termo pesquisado do 01 ao 42, bem como a letra P, correspondente ao participante.

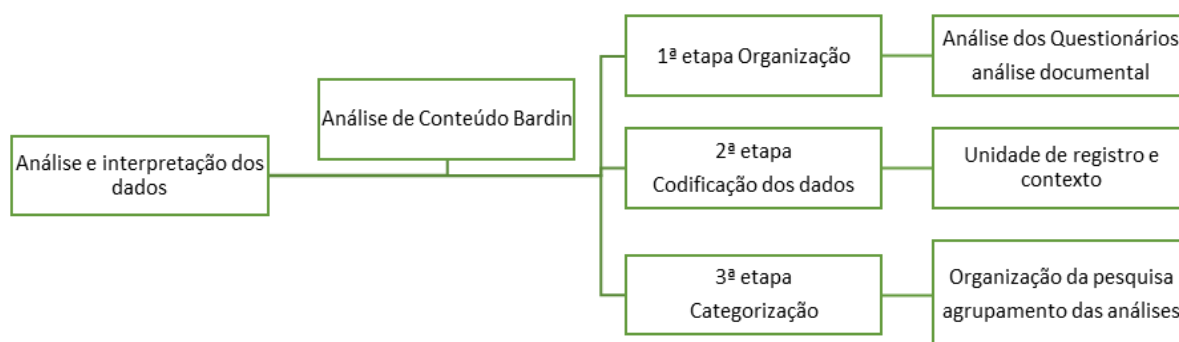
#### **1.4 Análise e interpretação dos dados**

Após a realização do levantamento bibliográfico, da construção do referencial teórico, da aplicação dos instrumentos e procedimentos de coleta de dados, foi efetuada a análise e interpretação das informações coletadas. Para isso, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2016), seguindo as etapas definidas por ela. Segundo essa autora, a Análise de Conteúdo se refere a:

Um conjunto de técnicas de análise, das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrições dos conteúdos das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos as condições de produções recepções (variáveis indeferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2016, p. 63).

Sobre a coleta dos dados, realizamos um fluxograma com o intuito de apresentar as etapas adotadas para coleta.

Figura 3 — Coleta dos dados



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Na Análise de Conteúdo, procura-se confirmar algo que supostamente se conhece, além das possibilidades de novas descobertas no campo da pesquisa. O método traz, como objetivo, as superações das incertezas que apareceram na pesquisa, além do enriquecimento da leitura, pois é preciso ler várias vezes o texto que está sendo analisado, recortar, categorizar para, assim, interpretar (BARDIN, 2016).

As etapas executadas durante a análise e interpretação dos dados foram baseadas nas técnicas de Bardin (2016). A primeira etapa, que é a da organização, abarcou a análise dos questionários, documentos, como currículo prescrito, e dos planejamentos. Na segunda etapa, foi realizada a codificação dos dados em função da unidade de registro e contexto, que é a parte do texto analisada. Na terceira fase, ocorreu a categorização, que é a etapa de organização da pesquisa por agrupamento das análises.

Iniciou-se esse processo de análise com a etapa de pré-análise. A pesquisadora organizou o material coletado diante dos resultados dos questionários, da observação participante e da análise dos documentos. Foi realizada, também, a

escolha dos documentos e informações importantes, realizando leituras flutuantes e leitura direcionadas. Nesse percurso, observamos as regras da exaustividade (em que todos os elementos importantes foram mantidos no texto), da representatividade (na qual o material selecionado para análise foi representativo na pesquisa inicial), da homogeneidade (em que o material selecionado foi organizado em tópicos ou variáveis, mantendo sua essência) e da pertinência (nela, o material analisado manteve-se fiel aos objetivos da pesquisa).

Na fase da exploração do material, foi realizada a codificação em função dos recortes feito nos textos, definindo as unidades de codificação por temas, palavras e contexto, como consta no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 — Unidades de registros: temas iniciais

<b>Temas</b>	<b>Observações sobre os agrupamentos</b>
A Escola Família Agrícola Dom Fragoso em Independência/CE	Realizamos, além de análise documental, o agrupamento de todas as reflexões sobre a EFA Dom Fragoso.
Aspectos históricos e sociais da EFA Dom Fragoso	Nesse tema, foi realizada a análise documental.
A EFA Dom Fragoso e a comunidade escolar	Nesse tema, foi realizada a análise documental e o agrupamento das reflexões sobre espaço.
A organização do trabalho pedagógico na EFA Dom Fragoso	Foi analisado o Projeto Político Pedagógico (PPP) da EFA.
Ensino de Geografia e a Pedagogia da Alternância na EFA Dom Fragoso	Foi realizado o agrupamento sobre como acontece o ensino de Geografia na Pedagogia da Alternância em face dos relatos dos educandos e famílias pesquisadas.
A tríade ensino de Geografia-estudantes-família na Pedagogia da Alternância	Nesse tema, foram agrupados conhecimentos sobre a tríade ensino de Geografia, estudantes e Pedagogia da Alternância em função das reflexões destacadas nos questionários dos educandos e das famílias.
Situações geográficas para o ensino de Geografia	Foi efetuado o agrupamento considerando as respostas do questionário, dadas pelos educandos, sobre as situações geográficas.
Práticas de ensinar Geografia no campo	Nesse tema, foram expostas a experiência e a vivência sobre as práticas de ensinar Geografia no campo, expressadas aqui por meio da Observação Participante.
Lugar e paisagem na Pedagogia da Alternância na EFA Dom Fragoso	Nesse tema, foram agrupados os conhecimentos sobre as categorias lugar e paisagem, refletidos diante das respostas do questionário, dadas pelas famílias e educandos/as.
Pensando a paisagem e o lugar em que se vive	Nesse tema, foi efetuado o diálogo sobre aspectos comuns das aprendizagens contextualizadas nas comunidades dos educandos, categorizados pela paisagem e lugar.
Relações socioespaciais no ensino e na aprendizagem sobre lugar e paisagem	Nesse tema, foram agrupados os conhecimentos socioespaciais construídos no ensino e na aprendizagem, diante das categorias lugar e paisagem,



Temas	Observações sobre os agrupamentos
	destacados nas respostas dos educandos ao questionário.
Raciocínio geográfico sobre o lugar e a paisagem na EFA Dom Fragoso	Nesse tema, foi discutido acerca da construção do raciocínio geográfico vivenciado na EFA Dom Fragoso em face das categorias lugar e paisagem destacados nas respostas dos educandos e famílias ao questionário.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com dados da pesquisa (2022).

Nessa etapa de análise dos dados obtidos, o material foi estudado com o intuito de estabelecer as unidades de contexto e unidades de registro. Para tanto, foi realizado um mergulho nos questionários, com várias leituras desse conteúdo, buscando respostas ao problema de pesquisa, de modo que foram destacadas falas relativas ao ensino de Geografia realizado na Escola família Agrícola Dom Fragoso à luz da Pedagogia da Alternância, operacionalizada, aqui, pelos conceitos paisagem e lugar.

Durante a análise e interpretação do material coletado, foram considerados os seguintes temas: Escola Família Agrícola Dom Fragoso, o ensino de Geografia e a Pedagogia da Alternância na EFA Dom Fragoso, além de lugar e paisagem na Pedagogia da Alternância na EFA Dom Fragoso. Em relação ao tema Escola Família Agrícola Dom Fragoso, realizamos análise documental do Projeto Político Pedagógico (PPP), além de refletirmos sobre os espaços da EFA e suas relações com a comunidade escolar.

Sobre o ensino de Geografia e a Pedagogia da Alternância na EFA Dom Fragoso, realizamos registros e análises sobre como acontece o ensino de Geografia na Pedagogia da Alternância, com base nas respostas dos educandos e das famílias pesquisadas. Também buscou-se expor os conhecimentos sobre as situações geográficas e a tríade ensino de Geografia, estudantes e família na Pedagogia da Alternância, além de destacar as experiências e vivências sobre as práticas de ensinar Geografia no campo, coletadas mediante Observação Participante.

No tema paisagem e lugar na Pedagogia da Alternância, na EFA Dom Fragoso, apresentamos os conhecimentos sobre os referidos conceitos refletidos em face das respostas das famílias e educandos/as ao questionário, e também dialogamos sobre a construção do raciocínio geográfico e das aprendizagens contextualizadas nas comunidades dos educandos, categorizados pela paisagem e lugar.

Dessa forma, a Análise de Conteúdo, neste trabalho, teve uma grande importância, pois possibilitou a realização de uma imersão em cada etapa vivenciada,

pois destacamos as descobertas significativas proporcionadas pela realização de uma “leitura verdadeira”, com profundidade, interpretativa, desvelando uma riqueza de conhecimentos mediante o universo e objetivo da pesquisa.

Com já demonstrado, por meio da técnica Análise de Conteúdo de Bardin (2016), foi possível realizar a inferência sobre as informações mais importantes em face do ensino de Geografia, desenvolvido na EFA Dom Fragoso à luz da Pedagogia da Alternância, das categorias paisagem e lugar, que têm desvelado aspectos muito significativos. Além disso, ficou evidenciada uma Geografia viva, dinâmica, que dialoga com as vivências nas comunidades, as quais estão refletidas na EFA e retornam para a comunidade em forma de aprendizagens, atividades e conhecimentos práticos que, por conseguinte, são refletidos na vida das comunidades e seus saberes. Assim, o tripé escola-família-comunidade mostra-se sempre em transformação, principalmente no formato do ensino e da aprendizagem da Pedagogia da Alternância.

## 2 EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

Neste capítulo, coloca-se em evidência a Educação do campo dialogando com a Pedagogia da Alternância, e para tal, são expostas evidências das lutas por uma educação que olhe para os sujeitos do campo como “gente”, fazendo surgir novas experiências dentre as várias concepções de educação no/do campo. Neste trabalho, destacamos a contribuição da Pedagogia da Alternância, vivenciada pela EFA Dom Fragoso.

Considerando esses fatores, vale destacar que a Educação do Campo tem como princípio a inclusão e o reconhecimento dos sujeitos do campo como protagonistas do processo, levando em conta a sua identidade camponesa, a sua história e identidade com o seu lugar de estudo. Sobre o conceito Educação do Campo, Caldart (2012, p. 326) esclarece que:

A concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da Educação do Campo, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação. Trata-se, portanto, de uma concepção que emerge das contradições da luta social e das práticas de educação dos trabalhadores do e no campo.

Assim, a educação do Campo é uma modalidade de educação que ocorre em espaços denominados rurais. Nesses territórios, temos as populações do campo que são agricultores/as, extrativistas, pescadores/as, ribeirinhos, assentados/as e acampados da Reforma Agrária, como também trabalhadores/as assalariados, quilombolas, indígenas, povos da floresta, entre outros, que têm seu desenvolvimento pautado no trabalho do campo.

Diante disso, podemos entender que a educação rural traz, em seu contexto, marcas de uma educação urbanística – escassez de políticas públicas que resulta na expulsão das pessoas do campo e intensifica o êxodo rural. Como explicam Junior e Neto (2011, p. 4):

A educação, no meio rural, não se constituiu, historicamente, em um espaço prioritário para uma ação planejada e institucionalizada do Estado Brasileiro. Isso privou a população do campo, em especial, a classe trabalhadora, de ter acesso às políticas e serviços públicos em geral. Esse fato contribuiu para o acelerado processo de êxodo rural, registrado a partir da década de 1950. O êxodo rural foi resultado de dois fenômenos: expulsão e atração. A expulsão, no caso brasileiro, aconteceu decorrente da modernização do campo, que privilegiou os

grandes latifundiários, não incluindo o agricultor familiar. E a atração que as cidades exerceram no processo de industrialização era, não raro, uma visão idílica, que não correspondia com a realidade dos trabalhadores do campo.

Neste contexto, temos a Educação do Campo como uma proposta revolucionária dos movimentos sociais ligados ao campo, se organizando contra a elite brasileira, ajudando os sujeitos desses lugares a se perceberem como protagonistas de suas histórias. Assim, muitas vezes, são percebidas as potencialidades e fragilidades existentes em face da oportunidade de conhecer melhor o seu lugar e buscar justiça social para as diversas mazelas, a exemplo do êxodo rural.

A terminologia Educação do Campo, vale ressaltar, não deriva da academia e chega aos movimentos sociais, mas ao contrário. São os movimentos sociais de camponeses que dão significado à Educação do Campo, destacando-se como pilares de luta de todos os povos do campo, os ribeirinhos, os indígenas, os quilombolas, os pescadores, os assentados, os acampados e tantos outros, pois, sem uma educação do campo, torna-se impossível a vida do campo. Assim esclarece Caldart (2012, p. 261) que:

O esforço feito no momento de constituição da Educação do Campo, e que se estende até hoje, foi de partir das lutas pela transformação da realidade educacional específica das áreas de Reforma Agrária, protagonizadas naquele período, especialmente pelo MST, para lutas mais amplas pela educação do conjunto dos trabalhadores do campo. Para isso, era preciso articular experiências históricas de luta e resistência, como as das escolas família agrícola, do Movimento de Educação de Base (MEB), das organizações indígenas e quilombolas, do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), de organizações sindicais, de diferentes comunidades e escolas rurais, fortalecendo-se a compreensão de que a questão da educação não se resolve por si mesma e nem apenas no âmbito local: não é por acaso que são os mesmos trabalhadores que estão lutando por terra, trabalho e território os que organizam esta luta por educação. Também não é por acaso que se entra no debate sobre política pública.

O conceito de Educação do Campo nasce na década de 1980, em razão da necessidade de construção de um projeto de educação que atendesse as famílias, crianças e jovens que estavam nas áreas de acampamento, assentamentos, comunidades rurais, aldeias, quilombos e demais comunidades camponesas. Dessa forma, percebe-se a luta pela terra como algo muito marcante – por isso, seus princípios estão muito vinculados à luta pelo acesso à terra, à água, à justiça social, o

que é um dos seus diferenciais. Sobre o ressurgimento da educação do campo, Silva (2014, p. 65) esclarece que:

Numa breve retrospectiva da educação brasileira identifica-se que o ressurgimento da educação no campo, em âmbito nacional, deu-se a partir da relação que os “novos movimentos sociais” estabeleceram com o Estado. Anteriormente se falava de uma educação rural com ingredientes bucólicos, reminiscências rurícolas ou de um neo-ruralismo pedagógico, mas não como um processo em construção a partir da realidade identitária de sujeitos heterogêneos que possuem um pertencimento com o espaço rural.

A Educação do Campo começa a surgir como um movimento teórico na década de 1990, cujo marco foi a 1ª Conferência Nacional dos Educadores Rurais. Outro marco importante, vale destacar, foi a criação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Cumpre ainda assinalar que a Educação do Campo é um conceito em disputa, mas também em construção, pois nos últimos anos, o acirramento dos embates, por conta dos desmontes que a educação pública vem sofrendo, fez esse campo tornar-se mais efervescente. Assim, a Educação do campo passa a ser discutida na perspectiva de uma educação libertadora, transformadora, ao contrário da educação rural, que tem uma perspectiva colonizadora. Quanto a esse aspecto, Junior e Netto (2011, p. 4) acrescentam que:

A educação, no meio rural, não se constituiu, historicamente, em um espaço prioritário para uma ação planejada e institucionalizada do Estado Brasileiro. Isso privou a população do campo, em especial, a classe trabalhadora, de ter acesso às políticas e serviços públicos em geral. Esse fato contribuiu para o acelerado processo de êxodo rural, registrado a partir da década de 1950. O êxodo rural foi resultado de dois fenômenos: expulsão e atração.

Como podemos perceber, a educação do campo compreende todas as dimensões do território para além da produção, isto é, a cultura, a religiosidade, as línguas faladas pelos povos nativos e a concepção de que não podemos olhar só para um aspecto produtivo, pois este território é habitado por pessoas que vivem, sonham, que têm outras perspectivas para além da produção. Segundo Caldart (2012, p. 265):

Como referência de futuro à educação dos trabalhadores, a Educação do Campo recoloca desde sua luta específica a questão sempre adiada na história brasileira da efetiva universalização do direito à educação, tencionando, na esfera da política, formas e conteúdos de ações do Estado nessa direção. E se buscar confrontar a lógica que impede os trabalhadores de ter acesso pleno à educação básica não

é ainda a “revolução brasileira”, na prática, a superação do capitalismo não se realizará sem passar por este confronto e sua solução.

Ressaltamos a importância de termos a educação do campo como um projeto educacional inclusivo e revolucionário, contextualizado em face dos sujeitos que têm o campo como espaço de vida, onde moram e trabalham. Dessa forma, a educação do campo deve ser **no** e **do** campo, já que as pessoas têm direito a serem educadas no lugar onde têm suas vivências, que reflitam a vida em função do seu lugar, das suas potencialidades, das fragilidades e dos contextos históricos. Santos (2006, p. 36) afirma que:

De acordo com a perspectiva dialética, concebemos a educação do campo como um processo de inserção crítica do sujeito no mundo por meio do qual se tem acesso ao acervo cultural para elevação do seu nível intelectual, moral, ético, social, afetivo, em prol da realização do projeto de humanidade e de construção de uma sociedade.

Podemos perceber a diferença entre a educação rural e educação do campo, visto que a educação rural nasce em razão de um olhar paternalista, em que os donos das terras, o “fazendeiro/coronel”, organiza uma escolinha no meio rural para ensinar os filhos dos moradores, vaqueiros e trabalhadores da sua fazenda, pautada na visão lúdica de um/a professor/a com pouco conhecimento que vai ensinar essas crianças. Dessa forma, a educação rural foi se estabelecendo no Brasil baseada nessa visão paternalista, também, com a presença da igreja católica que, durante muito tempo, manteve alianças com o poder dos coronéis nas comunidades rurais.

A Educação do Campo tem uma outra perspectiva, aquela fundamentada nas lutas dos movimentos sociais, dos territórios, das comunidades, dos povos ribeirinhos, indígenas, negros/as quilombolas e pequenos agricultores/as. É uma outra concepção na qual os trabalhadores camponeses exigem do Estado o direito a ter uma educação de qualidade, pautada na perspectiva libertadora e transformadora da sociedade. Esclarece Caldart (2012, p. 327) que:

[...] a concepção de escola do campo, a ser tratada aqui, se enraíza no processo histórico da luta da classe trabalhadora pela superação do sistema do capital. O acesso ao conhecimento e a garantia do direito à escolarização para os sujeitos do campo fazem parte desta luta.

Educação do Campo representa resistência ao mundo capitalista e também o sonho em construção de uma sociedade mais humana, com equidade, respeito, solidariedade, igualdade, na qual todas as formas de vida sejam respeitadas, valorizadas, em que todos os povos tenham dignidade, terra para produzir, além de direitos, de fato, garantidos.

O campo deve ser visto como um lugar de vida, digno e significativo para proporcionar às pessoas do campo, que migraram para os grandes centros urbanos, novas possibilidades. Por sua vez, a construção de uma identidade camponesa, antes vista como “jeca tatu”, possibilita, aos sujeitos do campo, criarem as próprias condições de vida na própria comunidade. A requalificação do ser humano do campo decorre das mudanças significativas na agroecologia do campo de produção, da organização e da comercialização de novas práticas de criação de animais, com um outro olhar, pautado na resistência ao que está posto pelo modelo capitalista de produção, de modo que a sociedade assuma uma nova filosofia de saúde.

Por esta razão, a educação do campo destaca o sujeito do campo e é criada pelos sujeitos do mundo rural. Com isso, adota uma espécie de retomada da educação popular, centrada em populações rurais de assentamentos, de acampamentos e da reforma agrária reivindicada por quilombolas, pelos povos da floresta, pelas comunidades tradicionais, com pretensões de fazer com que o campo participe dessa construção de um outro mundo possível.

A Escola Família Agrícola Dom Frágoso foi a primeira EFA do Estado do Ceará e tem sua gênese nas lutas movidas, principalmente, pelos/as trabalhadores/as que, desde muito tempo, sonhavam com uma educação diferenciada e sistematizada, e que com isso, ajudasse a enfrentar problemas como a formação de pessoas capazes de testemunhar e intervir por intermédio de uma prática diferenciada na área agropecuária, apropriada ao contexto do semiárido, com a adoção de técnicas alternativas que respeitassem o meio ambiente.

Para a implantação da EFA, adotou-se a Pedagogia da Alternância como instrumento de intervenção para a formulação de uma nova proposta educacional para o Campo. A fundação da EFA se baseou na proposta do Centro Educativo Familiar de Formação em Alternância (CEFFA), que busca desenvolver a capacidade de influenciar a comunidade diante dos interesses dos agentes envolvidos nesse processo. Os princípios dessa pedagogia se orientam em definir as escolhas a serem

tomadas, pautadas no entorno, ou seja, a comunidade local onde se insere essa escola.

A Escola Família Agrícola Dom Fragoso adota a Pedagogia da Alternância que consiste nos/as educandos/as passarem duas semanas na EFA, estudando, com aulas no campo, crescendo na fé, brincando, construindo laços de amizade, aprendendo a cuidar da casa, do campo e de seus sistemas produtivos. Posteriormente, esses estudantes retornam para as suas famílias/comunidades onde vivenciam a sessão familiar, assim como uma rotina em que organizam o seu tempo com as atividades no campo, e juntamente com sua família, cuidam da casa, dedicam um tempo para os estudos, os componentes curriculares, assim como as mediações pedagógicas do Plano de Estudo, Caderno de Acompanhamento, Caderno da Realidade, Estágio, além do Projeto de Vida da Família Camponesa. Todas essas atividades procuram estar inseridas nas vivências comunitárias e nos demais movimentos sociais. Segundo Begnami e Justino (2022):

A Pedagogia da Alternância representa uma estratégia paradigmática deste modelo educativo, uma *práxis* pedagógica orgânica ao contexto e seus sujeitos. A formação humana, integral, emancipatória e transformadora como finalidade educativa, coloca o CEFFA numa perspectiva da educação popular, crítica inclusiva da classe trabalhadora camponesa (BEGNAMI; JUSTINO, 2022, p. 54).

A concepção da Pedagogia da Alternância possibilita o estudo sem se desvincular das atividades do campo, o que aproxima a vida dos educandos do ensino de qualidade. Os conteúdos fundamentais das disciplinas curriculares são estudados de forma real, concreta, o que otimiza a evolução dos conhecimentos científicos presentes na prática do trabalho no campo, além de permitir a realização de experiências e práticas nas unidades produtivas. Isso se dá por meio dos conhecimentos adquiridos pelos jovens que difundem as técnicas de convivência com o semiárido pela execução do Projeto de Vida da Família Camponesa (PVFC) e do próprio exemplo de vida.

A Pedagogia da Alternância proporciona ao jovem agricultor uma formação integral, não apenas das técnicas, mas global. Por intermédio da EFA descobrimos um novo campo, produtivo, riquíssimo, com potencialidade de fazer brotar a vida em abundância. E é essa a educação que acreditamos: uma educação transformadora, libertadora, e que tem o ser humano como elemento base de sua formação.



## 2.1 Aspectos históricos e sociais da EFA Dom Fragoso

Realizamos, com aprofundamento, um estudo na história da Escola Família Agrícola Dom Fragoso de forma holística, com o intuito do leitor compreender a organização nos mais diversos contextos, desde a sua rotina até à organização das aulas, com destaque para a matriz curricular, dentre outros elementos que fazem parte da vivência da Pedagogia da Alternância. Trazemos a comunidade escolar com o objetivo de compreender o espaço de onde esses/as educandos/as vêm, além de destacar como se dá a organização do trabalho pedagógico realizado na EFA, de modo a oferecer compreensão sobre o contexto e espaço da pesquisa.

A Escola Família Agrícola Dom Fragoso nasceu de um sonho antigo. Desde a década de 1960, com a chegada do bispo, em 1968, Dom Antônio Batista Fragoso (1920-2006), paraibano, mas cearense de coração, foi o primeiro bispo de Crateús — CE, ficando nessa função até 1998. Dom Fragoso se destacou na defesa dos pobres e marginalizados. Era um homem simples, inteligente, humilde, audacioso, bom e justo, dentre outros adjetivos atribuídos a essa pessoa que dedicou a vida em comunidade para ajudar a refletir acerca das injustiças sociais e a buscar, também, os direitos sociais.

Dom Fragoso chegou à Diocese de Crateús — CE e deu início aos trabalhos da Comissão Pastoral da Terra (CPT), e para isso, ajudou os lavradores a refletirem sobre suas práticas no campo. Nos anos de 1980, várias comunidades conquistaram a terra para morar e trabalhar, então, deu-se início aos encontros nas áreas de assentamento, onde antes se promovia a organização dos trabalhadores, ainda na situação de conflitos agrários. Como resultado de um desses encontros, os lavradores apresentaram para a CPT a necessidade de mudança de suas práticas agrícolas, segundo registros históricos. Conforme depoimento de Manoel Bezerra Machado, padre em Independência, em 1990:

Bom, a gente conquistou a terra, a gente está agora no que é nosso. Mas a gente queria ajuda de vocês pra enfrentar um problema sério; nós estamos com as mesmas práticas, do tempo que a gente era morador. E os nossos filhos continuam deixando o campo para estudar na cidade. Então a gente gostaria de encontrar um jeito, não só para segurar os nossos filhos na roça, mas também ter uma relação diferente com a terra (COMISSÃO..., 1997, n.p.).

Assim, Dom Fragoso, juntamente com outras organizações e trabalhadores/as, passaram a pensar na proposta de uma Escola Família Agrícola (EFA) que atendesse a região. Ele chegou à diocese de Crateús em 1980 e participou da experiência das Escolas populares, e sua contribuição o consolidou como um dos grandes sonhadores da nova proposta de uma educação contextualizada na perspectiva da Educação do Campo.

Antes de começar as atividades pedagógicas da EFA Dom Fragoso, foi criada a entidade gestora denominada Associação Escola Família Agrícola de Independência (AEFAI). Segundo seu Estatuto, AEFAI é uma entidade comunitária, sem fins lucrativos, criada em 12 de novembro de 2001. A AEFAI existe e tem como princípio fundamental a participação e o envolvimento dos/as beneficiados/as como protagonistas do poder educativo.

Uma verdadeira EFA pressupõe a participação efetiva das famílias interessadas e seus protagonistas são agricultores (as) familiares, trabalhadores (as) rurais, líderes comunitários, dirigentes sindicais e representantes da Comissão Pastoral da Terra (CPT) da Diocese de Crateús. Essa experiência nasceu de um sonho dos/as trabalhadores/as que, desde muito tempo, almejavam uma formação continuada e sistematizada que ajudasse a enfrentar os problemas, como a formação de pessoas capazes de testemunhar e intervir mediante uma prática diferenciada na área agropecuária, apropriada ao contexto do semiárido, com a adoção de técnicas alternativas que respeitassem o meio ambiente.

O principal objetivo da EFA Dom Fragoso, inscrito em seu Projeto Político Pedagógico, é promover uma formação contextualizada e integral de jovens agricultores (as) camponeses (as), buscando desenvolver o protagonismo juvenil e tecnologias apropriadas para a convivência com o semiárido do território Inhamuns-Crateús, na perspectiva do bem viver no sertão cearense.

A formação integral e contextualizada, realizada pela EFA Dom Fragoso, tem como intuito ajudar na formação nos mais diversos aspectos da vida dos estudantes como: social, político, cultural, agroecológico e econômico, compreendendo as individualidades que se somam e vão formando as coletividades. A dinâmica da Pedagogia da Alternância vai proporcionando essa formação nos diferentes momentos que envolvem a escola, a família e a comunidade. Assim, contextualiza o conhecimento nesses espaços de forma muito significativa. Begnami (2012, p. 41) anuncia que:

A formação integral tem em conta que cada pessoa é distinta e completa, em si mesma, mas ao mesmo tempo coletiva, porque vive numa comunidade e não se subsiste enquanto indivíduo isolado. Por isso, a formação integral compreende a formação da pessoa como um todo, levando em consideração todas as dimensões da pessoa: pessoal e coletiva, afetivo-emocional-intuitivo e intelectual-racional, profissional e lúdica, física e psicológica, espiritual e material-econômica, ética e ecológica, política e cultural.

Dessa forma, verificamos que o ensino de Geografia é importante para a formação integral dos educandos da EFA, visto que possibilita a construção de conhecimentos significativos na vida destes educandos e da comunidade escolar, cuja dinâmica da alternância exerce contribuição valiosa, uma vez que esse estudante aprende e contextualiza seus conhecimentos nesses diversos espaços.

Uma EFA é uma organização estruturada em quatro pilares, a saber: Associação, Pedagogia da Alternância, Formação Integral e Desenvolvimento Local Sustentável. Em resumo, é uma associação que, ao desenvolver a metodologia da alternância, tem como objetivo formar educandos do campo buscando avançar no protagonismo juvenil e no uso de tecnologias apropriadas para a convivência com o semiárido.

A organização da EFA reúne os eixos centrais dos processos de educação e tem uma preocupação com a gestão democrática, que ocorre de forma visível na participação ativa das famílias da associação. Utiliza-se a alternância como pedagogia integrativa entre o meio e os aspectos socioprofissionais, desenvolvendo a formação integral de modo pleno, mediante a interação teoria e prática, o saber empírico e o científico, a realidade da comunidade e o mundo global, a convivência em grupo, a ética e a vocação aliada à profissão, a fim de promover a preparação profissional de jovens integrado ao Ensino Médio, com vistas ao desenvolvimento social pela prática de alternativas de convivência com o semiárido.

Em 2002, a EFA Dom Fragoso teve os trabalhos iniciados, momento em que ofertou o Ensino Fundamental, que na época, correspondia às turmas de 5ª a 8ª série, pelo sistema da Pedagogia da Alternância, alternando em períodos quinzenais, o qual foi chamado de sessão escolar, e o período comunitário chamado de sessão familiar.

Da experiência em ofertar o Ensino Fundamental, no decorrer dos anos, surge a motivação das famílias e dos educandos em continuar seus estudos no Ensino Médio, provocando uma reflexão sobre a necessidade da implantação do segmento.

As escolas públicas convencionais não atendiam as necessidades dos jovens do campo. Por isso, depois de muitos estudos, implantou-se o curso de Educação Profissional de Nível Médio integrado ao Ensino Médio com Habilitação em Técnico em Agropecuária, seguindo os princípios da Alternância em seu funcionamento.

Atualmente, a EFA Dom Fragoso atende ao público de 56 jovens oriundos de comunidades de 16 municípios do Estado do Ceará, a saber: Independência, Crateús, Tamboril, Monsenhor Tabosa, Madalena, Quiterianópolis, Novo Oriente, Ararendá, Ipueiras, Quixeramobim, Pedra Branca, Madalena, Piquet Carneiro, Senador Pompeu, Choró e Quixadá.

Observamos e constatamos, por meio das matrículas, que, a cada ano, o número de educandos tem se reduzido drasticamente. Levantamos hipóteses sobre isso, e uma delas diz respeito à pulverização de Escolas Profissionalizantes no Estado do Ceará, pois elas ofertam também o curso Técnico em Agropecuária. Outra hipótese está ligada à própria realidade do campo, que ainda vê seus jovens migrarem para os centros urbanos, tanto para as cidades de pequeno porte como também para as grandes cidades, além da própria dinâmica da vida no campo sofrer alterações nesse processo de globalização, face à fragilização do campesinato. Outro aspecto a ser considerado é a presença limitada das organizações que ofertam assistência técnica – esses movimentos têm uma atuação importantíssima, reforçando, assim, a ideia de que a educação do campo é feita por muitas mãos.

A EFA Dom Fragoso conta com 14 funcionários, dos oito são monitores/as em tempo integral, quatro monitores com a carga horária de 100 h, um cozinheiro, um caseiro, além de três colaboradores. São pessoas muito especiais, que assumem a educação vivenciada na EFA como uma verdadeira missão, um ato revolucionário e transformador. Percebemos, nessa equipe, um desejo de transformar as vidas dos/as educandos/as e de suas famílias, cuja Pedagogia da Alternância atua como a base para que toda aprendizagem possa acontecer. Assim, a equipe é formada por:

- a) André, que tem formação em Matemática. É professor do componente curricular Matemática nas turmas do 1º, 2º e 3º ano do EM, além de desenvolver outros serviços como consertos hidráulicos, e também em relação à questão da energia elétrica (ele é considerado como “faz tudo”).
- b) Aparecida é professora e monitora dos componentes curriculares História, Filosofia, Sociologia e acompanhamento personalizado. Nos Sistemas Produtivos, ela é responsável pela produção de hortaliças.

- c) Auricélio é monitor e coordenador de campo, responsável por coordenar todos os Sistemas Produtivos.
- d) Gilvan é professor e monitor do componente curriculares Língua Portuguesa, na turma do 3º ano, e Projeto de Vida da Família Camponesa (PVFC), nas turmas do 1º, 2º e 3º ano do EM. Assume a Coordenação Pedagógica, acompanhamento personalizado, já no componente Sistema Produtivo, e é responsável pelo bloco dos animais (suinocultura e aviário).
- e) Gorete é monitora e professora do componente curricular Artes Regionais, acompanhamento ao Plano de Estudo da turma do 1º ano. Assume a biblioteca e o Acompanhamento personalizado, nos Sistemas Produtivos, e é responsável pelo bloco das hortaliças.
- f) Islândia é monitora e professora do componente curricular Língua Portuguesa nas turmas do 1º e 2º ano. Além de ser a secretária da escola, é também responsável pelos Sistemas Produtivos (ovinocaprinocultura, bovinocultura).
- g) Idelzuith é professora e monitora dos componentes curriculares Geografia nos três anos (1º, 2º e 3º anos), Agroecologia e Sociologia Rural no 1º ano, Práticas de Convivência com o Semiárido no 2º ano, Agroindústria no 3º ano, além de realizar o acompanhamento do Plano de Estudo com a turma do 2º ano. Nos Sistemas Produtivos, assume paisagismos e os serviços, cuja responsabilidade é monitorar toda a estrutura de prédios.
- h) Mardones é professor e monitor dos componentes curriculares Produção Vegetal, nos três anos do EM, coordenador de curso, e assume, nos Sistemas Produtivos, a produção de forragem, com destaque para a produção de Palmas, que é, também, o estudo de sua tese de doutorado.
- i) Marciel é professor e monitor do componente curricular Artes Regionais. Assume o acompanhamento personalizado e a comunicação da EFA (programa de rádio) nos Sistemas Produtivos, como também a produção de fruteiras por meio das Bioáguas<sup>3</sup>.
- j) Nacélio é professor e monitor dos componentes curriculares Química e Física nos três anos do EM, e assume acompanhamento personalizado, assim como

---

<sup>3</sup> Bioágua familiar é uma tecnologia social de convivência com o semiárido, em que o sistema é composto por um tanque filtro e um tanque de reservatório, nos quais as águas cinzas são direcionadas para um sistema de irrigação.

coordenação financeira, nos Sistemas Produtivos, e é responsável pelo componente Casa de Sementes e padaria.

- k) Rayla é monitora e professora dos componentes curriculares Produção Animal I, II e III e assume, nos Sistema Produtivos, toda área que compõe a pecuária.
- l) Raquel é professora e monitora dos componentes curriculares Biologia e Informática e assume a comunicação da EFA. Ela também faz o acompanhamento do Plano de Estudo com o 2º ano do EM, e nos Sistemas Produtivos, é responsável pelo sistema das fruteiras.

O nosso dia a dia é vivenciado pelos seguintes horários:

Quadro 2 — Distribuição das atividades diárias da EFA

Horários	Atividades vivenciadas
6h	O sino ou a música toca anunciando um novo dia (acordamos e fazemos nossa higiene pessoal, organizamos nossas coisas).
6h15	Mística <sup>4</sup> .
6h35	Café da manhã.
7h	Aula de Campo nos Sistemas Produtivos e também outros serviços como cuidado com a limpeza e organização dos prédios, cuidados com o lixo, organização e monitoramento em relação à água.
8h	Os/as educandos/as retornam aos alojamentos para tomar banho e organizar os alojamentos.
8h30	1ª aula dos componentes curriculares.
9h20	Lanche.
9h30	Os/as educandos/as retornam para a segunda aula.
10h20	3ª aula.
11h10	4ª aula.
12h	Almoço; em seguida, a mesa do dia lava as panelas e organiza a cozinha e refeitório com o monitoramento do/a monitor/a do dia.
13h30	Retorno para a 5ª aula.
14h20	6ª aula.
15h10	Lanche.
15h20	Retorno para a 7ª aula.
16h20	Aula de campo.
17h20	Lazer.
18h40	Jantar, que compreende a mesma dinâmica do almoço.
19h30	Momento da noite é organizado com uma programação que chamamos de “serão”: pode ser filme, palestras com temas diversos, tempo de estudo, aula de artes, noite cultural.
21h30	Recolhimento nos alojamentos. Horário para dormir.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

<sup>4</sup> A mística é um momento de encontro com você mesmo, um contato mais forte com essa energia que algumas pessoas chamam de Deus, Jesus. É um momento de alimentar a caminhada, em especial, de trazer presente as vivências fortes do povo camponês. É comum, nesses espaços, ter símbolos que representem essa caminhada, símbolos que lembrem o círculo da vida. É importante destacar a mística como um momento ecumênico.

Toda essa rotina recomeça no dia seguinte. Dessa forma, o nosso dia a dia torna-se, sempre, muito dinâmico, com aulas, aulas de campo, serões, místicas. Na organização de todas essas vivências, temos a figura do/a monitor/a do dia, que anima durante todos esses processos, fica atento/a aos horários, ao momento das refeições, e em relação aos/às educandos/as, verifica se estão todos bem de saúde e, em caso de alguma enfermidade, providencia auxílio pela farmácia viva; já nos casos mais complicados, faz o encaminhamento para o hospital ou para o Programa Saúde da Família (PSF). Outra missão da monitoria é, juntamente com o grupo do dia, planejar e executar, bem cedo, no dia seguinte, a nossa mística.

O quadro de horários da EFA mostra a forma como estão organizadas as aulas no cotidiano. Assim, ocorrem oito aulas, das quais duas são aulas de campo, enquanto que as outras seis aulas são da matriz curricular. Isso acontece de segunda a sábado, na primeira semana da sessão escolar; já na outra semana, os/as educandos/as estudam de segunda a sexta, sendo que na sexta, ocorre apenas uma aula, pois os/as educandos/as estão se preparando para retornar às suas famílias/comunidades.

Na sessão familiar de cada um, os/as educandos/as estão juntos/as de seus familiares em suas respectivas comunidades, e realizam as atividades dos componentes curriculares, fazem o Plano de Estudo, participam dos movimentos sociais ou outras atividades coletivas, como a inserção nas pastorais da juventude, grupos de jovens, catecismo ou crisma, cuidam, juntamente com a família, dos Sistemas Produtivos organizados por ela, brincam e se divertem, além de ir a festas, namorar e ter uma vida social bem intensa. O Quadro 3, a seguir, apresenta a distribuição dos componentes curriculares e horários de cada monitor durante a semana.

Quadro 3 — Distribuição dos componentes curriculares e horários da EFA

HORÁRIO 1º ANO											
	Seg.	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.	Sáb.	Seg.	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.
7h às 8h	Campo	Campo	Campo	Campo	Campo	Campo	Campo	Campo	Campo	Campo	Campo
8h30 às 9h20	Chegada	Geografia (Idelzuith)	Química (Nacelio)	Informática I (Raquel)	Agricultura (Mardones)	Matemática (André)	História (Cida)	Português (Islândia)	Adm. Rural (Mardones)	Plano de Estudo (Cida e Gorete)	Avaliação e Encaminhamentos

HORÁRIO 1º ANO											
	Seg.	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.	Sáb.	Seg.	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.
9h30 às 10h20	Chegada / merenda	Geografia (Idelzuith)	Biologia (Raquel)	Informática I (Raquel)	Agricultura (Mardones)	Matemática (André)	História (Cida)	Português (Islândia)	Adm. Rural (Mardones)	Plano de Estudo (Cida e Gorete)	Envio / Reunião Pedagógica
10h20 às 11h10	Acolhida / Mística	História (Cida)	Oficina de Ecoenzima (Machado)	PVFC I (Gilvan e Idelzuith)	Português (Islândia)	Química (Nacelio)	Geografia (Idelzuith)	Zootecnia (Raila)	Matemática (André)	Português (Islândia)	
11h10 às 12h	Acomp. Personalizado (tutoras)	História (Cida)	Oficina de Ecoenzima (Machado)	PVFC I (Gilvan e Idelzuith)	Português (Islândia)	Química (Nacelio)	Geografia (Idelzuith)	Zootecnia (Raila)	Matemática (André)	Português (Islândia)	
ALMOÇO											
13h30 às 14h20	Plano de Estudo (Cida e Gorete)	Agroecologia (Idelzuith)	Sociologia (Cida)	Física (Nacelio)	Zootecnia (Raila)	Matemática (André)	Biologia (Raquel)	Form. Humana (Roginaldo)	Português (Islândia)	Biologia (Raquel)	Reunião Pedagógica
14h20 às 15h10	Plano de Estudo (Cida e Gorete)	Agroecologia (Idelzuith)	Matemática (André)	Física (Nacelio)	Zootecnia (Raila)	Hora de Estudo (Marciel)	Biologia (Raquel)	Form. Humana (Roginaldo)	Português (Islândia)	Agricultura (Mardones)	
15h20 às 16h10	Ed. Física (Gorete)	Agricultura (Mardones)	Matemática (André)	Filosofia (Cida)	Espanhol (Islândia)	Física (Nacelio)	Física (Nacelio)	Química (Nacelio)	Inglês (André)	Acomp. Personalizado (Tutoras)	
16h20 às 17h20	Campo (Educação Física)	Campo (PVFC I)	Campo (Zootecnia)	Campo (Adm. Rural)	Campo (Agricultura)	Campo (Soc. Rural)	Campo (Agroecologia)	Campo (Inform. I)	Campo	Campo	
LAZER – JANTAR											
19h30 às 21h30	Serão de Filme "Estrelas além do tempo" (Gilvan)	Serão Aprofund. PE (Cida e Gorete)	Serão Personalidade (Raquel)	Sociologia Rural (Idelzuith)	Serão de Artes Regionais (Marciel)	Serão Musical (Nacelio)	Serão de preparação Culminância (Cida)	Serão Dia da Luta Indígena (Idelzuith)	Serão Ciclo de Leitura (Gorete)	Serão de Culminância da Sessão	

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quadro 4 — Distribuição de monitores por atividades

Monitorias	MONITORIAS											
	1ª SEMANA						2ª SEMANA					
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado/ domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado/ domingo
	Gilvan	Cida	Nacelio	Idelzuith	Marciel	Nacelio	Raquel	Mardones	Raila	Islândia	Gilvan	André



Folgas	-	-	Mardones	Islândia	Cida Idelzuith Gilvan Nacelio Raquel	-	Islândia Mardones	-	Cida Gilvan Idelzuith Nacelio Raquel	-	-	-
Reuniões da equipe	19h30 – Reunião Pedagógica	10h30 – Planejamento das Linguagens	13h30 – Planejamento Ciências da Natureza e Matemática	13h30 – Planejamento Ciências Humanas	-	-	-	8h30 – Planejamento Base Técnica 13h30 – Reunião notas qualitativas	-	-	10h – Reunião Pedagógica	-
Outras atividades	Manhã da terça da primeira semana <b>Mutirão de colheita do mel:</b> Auricelio, Nacelio e Raquel											

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Na matriz curricular da EFA Dom Fragoso (ANEXO 01), verifica-se que o componente curricular Geografia tem uma carga horária de seis aulas, na sessão escolar, e uma, na sessão familiar, durante um mês. Na dinâmica da Pedagogia da Alternância, há uma organização em dez sessões escolares e dez familiares, totalizando 70 aulas durante um ano, e 210 aulas no curso do Ensino Médio. Considera-se, portanto, ser um número de aulas relativamente baixo, no que diz respeito à importância que esse componente curricular apresenta na Pedagogia da Alternância na EFA Dom Fragoso.

A matriz curricular foi alterada em 2022 para atender as exigências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para isso, a equipe pedagógica, juntamente com os assessores, realizou vários momentos de estudos e reflexões, com o intuito de encontrar o melhor caminho a fim de oferecer a carga horária necessária para a formação dos/as educandos/as, mantendo, desse modo, a essência da Escola Família Agrícola que adota a Pedagogia da Alternância.

## 2.2 EFA Dom Fragoso e a comunidade escolar

As famílias que fazem parte da comunidade escolar da EFA Dom Fragoso são pessoas de realidades camponesas, que moram no campo ou em cidades, mas que mantêm relações com as vivências no campo ou em espaços comunitários de vida simples. São pessoas marcadas pelo trabalho com a terra, que vão criando suas famílias e têm suas organizações e lutas voltadas para a busca do bem viver.

São povos diversos: indígenas, negros/as, pescadores/as e assentados/as da Reforma Agrária que têm como renda principal as atividades agropecuárias. Muitos

também desenvolvem outros ofícios como borracheiro, cabeleireiro, vendedores (sacoleiros), pequenos mercantis, bodega, dentre outras. Portanto, são pessoas que se organizam em prol de objetivos comuns para a vida em comunidade. Como anunciam Antunes-Rocha e Leão (2015, p. 20):

Os trabalhadores camponeses organizam-se em torno de uma proposta de luta pela realização da reforma agrária, do uso sustentável da terra, águas e florestas, baseados nos princípios da agroecologia, desenvolvida na prática do trabalho familiar, no acesso aos direitos como educação, saúde, lazer, entre outros, e tendo com eixo central a presença massiva na definição política e práticas que dizem respeito as suas vidas.

Os referidos espaços são definidos como Comunidades Tradicionais Camponesas e, considerando a dicotomia entre agronegócio e comunidades tradicionais, os seus territórios vão se desenhando, cotidianamente, nas relações sociais, econômicas e ambientais. Assim, nesse contexto histórico e sociológico, vão construindo essa identidade camponesa.

Os povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados, que possuem condições sociais, culturais e econômicas próprias, mantendo relações específicas com o território e com o meio ambiente no qual estão inseridos. Respeitam também o princípio da sustentabilidade, buscando a sobrevivência das gerações presentes sob os aspectos físicos, culturais e econômicos, bem como assegurando as mesmas possibilidades para as próximas gerações. (CARTILHA DO MPMG, 2012, p. 12).

As comunidades tradicionais camponesas podem ser definidas como grupos que têm o cuidado e o respeito com a vida de forma muito integrada com suas vivências. A maneira como essas pessoas se sentem pertencentes a essas comunidades e se relacionam os aspectos culturais, suas atividades econômicas, a forma como cuidam da casa maior, chamada gaia<sup>5</sup>, representa um conhecimento com o qual as civilizações contemporâneas têm muito a aprender. Isso não quer dizer que esses grupos não sintam a interferência do sistema capitalista; por isso, todos os dias se faz necessário lutar pela vida e para manter viva toda a ancestralidade presente nesses territórios. Esclarece Souza e Brandão (2012, p. 4, grifos dos autores) que:

---

<sup>5</sup> Gaia, segundo a mitologia grega, representa a terra como algo divino, grandioso, tamanha importância desse termo. Portanto, quando nos referimos a gaia, estamos falando que a Terra é a nossa mãe ou nossa casa maior.

Além do território, percebemos ainda o sentimento de afetividade presente na vida comunitária. São laços de reciprocidade, onde o viver juntos em um mesmo lugar, a união e a "área de vida em comum" faz de um dado lugar uma comunidade, em que é garantida a sobrevivência e a reprodução da vida. Comunidade é, portanto, a partilha tanto de um modo de vida, quanto de uma terra em comum.

A propriedade camponesa organiza sua produção pensando, em primeiro lugar, na alimentação da família e depois no excedente que é comercializado para as feiras, venda direta ao consumidor ou para outros mercados como Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Como se vê, mesmo em uma sociedade capitalista, a lógica da agricultura familiar camponesa é a soberania alimentar. Assim como esclarece Marcos (2019, p. 96):

Diferente do capitalista, que organiza sua produção com vistas à obtenção do lucro e, sempre que possível, da renda da terra, o camponês organiza sua produção com objetivo, em primeiro lugar, de satisfazer as necessidades de sua família, cujo caráter é qualitativo (suficiente ou não) e não quantitativo. Mesmo inserido no modo capitalista de produção e comercializando no mercado capitalista, não é a lógica capitalista que o rege, o que determina diferenças significativas entre essas formas de produção no campo.

Podemos definir o assentamento rural como espaço de uso coletivo e social da terra, com destaque para o princípio da luta, com a finalidade de que essas famílias possam acessar a terra. Tal espaço precisa ser antecipadamente comprovado caso uma terra não esteja cumprindo com sua função social. Diante dessa realidade, é que as famílias se organizam e vivenciam todas as etapas, desde o momento em que rompem as cercas e passam a ocupar essas terras, dormindo ao relento ou em lonas, barracas improvisadas, feitas com galhos de árvores, até o momento em que conquistam, de fato, a posse dessas terras.

Sobre o conceito de assentamento rural, segundo a Instrução Normativa nº 15, de 2004, do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o Estado o define como:

[...] um conjunto de ações planejadas e desenvolvidas em área destinada à Reforma Agrária, de natureza interdisciplinar e multissetorial, integradas ao desenvolvimento territorial e regional, definidas com base em diagnósticos precisos acerca do público beneficiário e das áreas a serem trabalhadas, orientadas para a utilização racional dos espaços físicos e dos recursos naturais existentes, objetivando a implementação dos sistemas de vivência e produção sustentáveis, na perspectiva do cumprimento da função

social da terra e da promoção econômica, social e cultural do trabalhador rural e de seus familiares. (BRASIL, 2004, p. 148).

Ressaltamos que, nos anos 2022 e 2023, as pessoas que fazem parte da EFA têm a agropecuária como uma das atividades econômicas principais; entretanto, elas também realizam outras atividades. Destacamos ainda que a maioria das famílias tem o seu quintal produtivo e os criatórios de animais (ovinos, caprinos, bovinos, suínos, aves). Na dinâmica organizacional das terras, as famílias têm uma área coletiva e sua área individual que, às vezes, corresponde ao quintal da casa. Diante desse cenário, podemos observar que esse é um aspecto que diz respeito, de forma muito peculiar, ao estado do Ceará.

Ainda referente aos anos de 2022 e 2023, temos apenas duas comunidades que fazem parte das comunidades tradicionais: os povos indígenas, que são Aldeia Tourão, localizada no município de Monsenhor Tabosa, e a aldeia Fidelis, em Quiterianópolis. Assim, podemos destacar a forma como esses grupos estão organizados – as relações construídas com a terra, com água, os animais, com a vida, de forma holística. De acordo com Maracci (2012):

Além de indígenas, outras expressões também são utilizadas para denominar esses povos: autóctones, aborígenes, nativos e originários. Nativos e originários, de modo mais específico, são expressões que nos remetem ao fato de essas populações serem preexistentes às invasões de seus territórios pelos colonizadores europeus. Por conta das diversas semelhanças que unem os povos indígenas originários das Américas, há quem também se refira a eles como ameríndios. (MARACCI, 2012, p. 602).

Os grupos denominados aldeias indígenas se destacam pela relação diferenciada com a terra, com a natureza e com a vida como um todo. É visível a energia do cuidado, do amor ao coletivo, de modo que a sua ancestralidade se manifesta no seu dia a dia, no ato de plantar, se alimentar, em suas brincadeiras e a na forma como vivem o sagrado, suas crenças e seu jeito de cultivar.

Quanto à Escola Família Agrícola Dom Frágoso, ela está localizada no município de Independência – Ceará, a 14 km da sede do município. Em destaque, na Figura 2, apresentamos uma imagem que representa a área da EFA.

Figura 4 — Imagem panorâmica da EFA Dom Fragoso



Fonte: Acervo da autora (2022).

Os jovens enfrentam as mais diversas distâncias para chegar à EFA, desde os que são do município de Independência aos que se deslocam por vários quilômetros, oriundos dos municípios Pires Ferreira, Quixadá, Choró. As maiores distâncias percorridas, em média, compreendem cerca de mais de 200 km.

Quadro 5 — Territórios e quantidade de famílias atendidas pela EFA Dom Fragoso (2022–2023)

<b>Microrregião</b>	<b>Municípios</b>	<b>Comunidades</b>	<b>Nº de famílias</b>
<b>Sertão de Crateús</b>	<b>Monsenhor Tabosa</b>	Assentamento Santana, Assentamento Paulo Freire, Assentamento Xiquexique, Assentamento Orange, Comunidade Vista Alegre, Comunidade Socó e Aldeia Tourão.	<b>07</b>
	<b>Crateús</b>	Poço da Pedra	<b>01</b>
	<b>Independência</b>	Comunidades: Caiçarina/Brilhante, Boa Esperança, Riacho do Meio, Riacho Fechado, Ematuba, Açudinho, Moleque e Santa Luzia.	<b>10</b>
	<b>Novo Oriente</b>	Morgado e Santa Maria	<b>02</b>
	<b>Tamboril</b>	Assentamento Monte Alegre, Comunidades: Alegre e Aprazível.	<b>06</b>
	<b>Ararendá</b>	Assentamento Itauru	<b>01</b>
<b>Sertão de Inhamuns</b>	<b>Quiterianópolis</b>	Caeiras, Ipueiras, São Miguel, Sítio Cruz, Várzea de São Pedro, Calixto, Bom Jesus, Aldeia Fidelis, Inácio José.	<b>14</b>
<b>Ipu</b>	<b>Ipueiras</b>	Sítio Arroz	<b>01</b>

<b>Microrregião</b>	<b>Municípios</b>	<b>Comunidades</b>	<b>Nº de famílias</b>
<b>Sertão Central</b>	<b>Quixeramobim</b>	Lagoa de São Miguel, Recanto dos Patos e São Miguel.	<b>03</b>
	<b>Pedra Branca</b>	Barra do Riachão, Santa Rosa, Limoeiro e Camaroa	<b>05</b>
	<b>Piquet Carneiro</b>	Comunidade Garrote	<b>01</b>
	<b>Senador Pompeu</b>	Comunidade Candoca	<b>01</b>
	<b>Choró</b>	Riacho do Meio	<b>01</b>
	<b>Quixadá</b>	Vila Rica	<b>01</b>
<b>Sertão de Canindé</b>	<b>Boa Viagem</b>	Divisão	<b>01</b>
	<b>Madalena</b>	Assentamento Tigre dos Carneiros, Fazenda Açude, Paus Brancos, Olho D'água dos Barros.	<b>06</b>
<b>Sertão de Sobral</b>	<b>Pires Ferreira</b>	Sítio Barros	<b>01</b>
<b>Total de Famílias atendidas pela EFA Dom Fragoso</b>			<b>46</b>

Fonte: Elaborado com base nos dados dos arquivos da EFA Dom Fragoso (2023).

Sobre essa realidade das grandes distâncias percorridas, destacamos algumas falas dos/as educandos/as:

[...] Chamo-me Rair Castelo Branco de Melo. Moro na comunidade de Vila Rica, às margens da CE-265, no município de Quixadá- CE. Minha comunidade se localiza a 28 km do município e a 241 km da Escola Família Agrícola Dom Fragoso em Independência – CE, local que atualmente estou cursando a formação média técnica com habilitação em agropecuária, sendo o único educando representante do município. Atualmente, tenho deslocamento contabilizado em 10 a 11 horas de viagem, levando em conta as pausas para espera de transportes e para locomoção de minha residência familiar até a sede da EFA Dom Fragoso, iniciando às 06h da manhã e finalizando por volta das 16h ou 17h.

Ao longo desses anos, estou vivenciando e bebendo desta fonte, e vejo que, até mesmo a ideia de EFA transforma-se e molda-se por meio das mãos dos educandos. Espero que este esforço, que hoje estou plantando, torne-se um exemplo para muitos jovens e adultos de minha família, comunidade e município. (Educando Rair, 3º ano do EM, 2023).

[...] Olá, sou Thays Araújo Barbosa, vim de uma cidade chamada Morrinhos. Atualmente resido na comunidade São Miguel, da cidade Quixeramobim. Desde sempre me apaixonei pela escola do campo, e agradeço a oportunidade de estar na Dom Fragoso em 2023, no terceiro ano. A distância da minha comunidade para Independência é 156 km, mas, apesar da distância, não deixamos desanimar.

Eu e minha família agradecemos muito a oportunidade de estar na escola, de sermos acolhidos pelas pessoas que fazem a escola funcionar, e também pela educação de Paulo Freire, que nos mostra que não devemos sair do nosso campo para, assim, ter uma formação

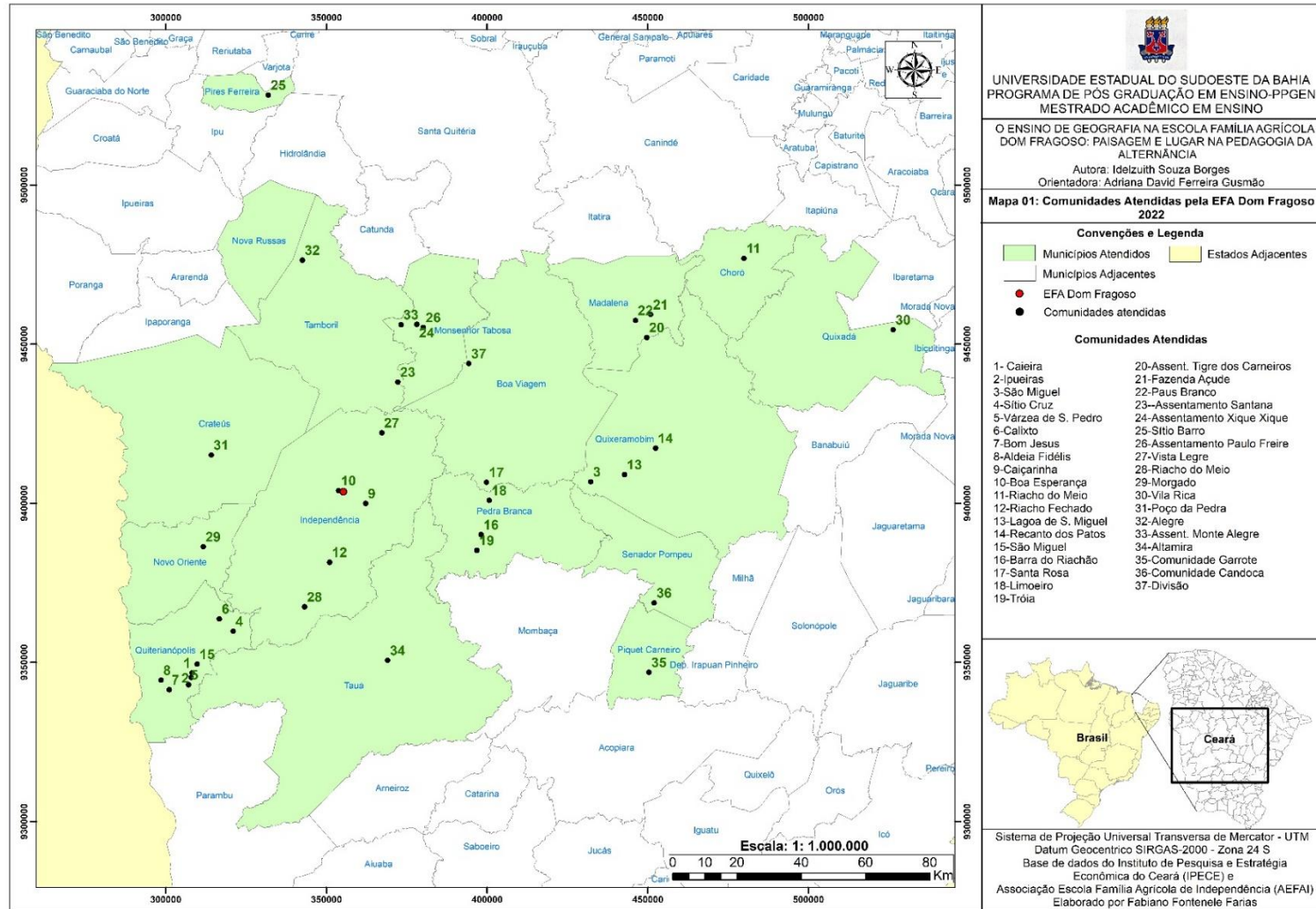
que podemos praticar no nosso convívio. (Educanda Ana Thays, 3º ano do EM, 2023).

[...] O que me leva ir pra EFA Dom Fragoso é a busca por novos conhecimentos, saber que ainda conseguimos produzir no campo e termos esse elo entre família e comunidade, e por acreditar que consigo desenvolver um bom trabalho na comunidade, e a EFA proporciona isso, essa troca com a escola, família e comunidade, e por acreditar no desenvolvimento de novas atividades onde tiraremos o nosso sustento do campo, poder viver bem dentro dos princípios agroecológicos, onde a família já tem essas vivências desde 2002, e tento buscar esse conhecimento pra trabalhar melhor com o campo, conseguir lidar com a terra, envolver novas técnicas de convivência com o semiárido, pensar em desenvolver novas atividades, tentar buscar novos conhecimentos. (Educando Jullierllys, 3º ano do EM, comunidade Riacho do Meio, Choró).

Observamos, diante das falas dos/as educandos/as, os motivos que levam esses/as jovens a enfrentarem distâncias tão grandes, como também a esperança e a busca por novos conhecimentos significativos para sua realidade camponesa. Conhecimentos estes que podem fortalecer as práticas de convivência com o semiárido, as vivências em comunidades, as perspectivas de luta e a formação que olha para o ser humano de um modo muito holístico. Ou seja, uma formação que compreende a importância desse ser que tem valores humanos e enfrenta as diversidades de vida como algo precioso. A Figura 3, a seguir, apresenta o mapa das comunidades atendidas pela EFA Dom Fragoso.



Figura 5 — Mapa das comunidades atendidas pela EFA Dom Fragoso (2022)



Fonte: Farias (2022).



Os/as educandos/as são provenientes de uma realidade de convívio com o Semiárido cearense, cujo contexto, muitas vezes, é esquecido pelo poder público. Convivendo com a escassez de chuvas, acentuadas nos últimos anos de irregularidade pluviométrica, associada à carência de políticas públicas efetivas para o campo, e de uma educação inadequada à realidade camponesa. Desse modo, percebemos a importância de conhecer a realidade desses espaços, sobre o perfil que os jovens apresentam. Destaca-se que são oriundos da realidade camponesa e de classe média baixa (como pode ser observado nas informações da ficha de matrícula dos/as educandos/as), além de boa participação nos movimentos sociais.

No entanto, observou-se que parte dos jovens, antes do ingresso na EFA, tinha muita dificuldade em assumir a sua identidade de jovem camponês, de se inserir dentro dos movimentos sociais, assim como integrar as atividades desenvolvidas pelas famílias. Percebemos que essa situação acontece pela falta de valorização das atividades camponesas, falta de conhecimento por parte dos jovens e, também, porque não existe nenhum incentivo que fortaleça essa construção da identidade camponesa.

Este fato evidencia a contradição do tipo de educação vivenciada por esses jovens no decorrer de sua infância, visto que somente no decurso de sua adolescência/juventude, ao adentrar no mundo de uma educação em alternância, é que o seu lugar de origem é valorizado e integrado ao meio, na busca por melhoria do bem viver.

Podemos constatar que a visão dos educandos sobre a paisagem<sup>6</sup> e o lugar<sup>7</sup> — que são importantes conceitos da Geografia trabalhados nas aulas e demais momentos formativos dentro da dinâmica da Pedagogia da Alternância — é de acordo com a vivência cotidiana deles, e nesse sentido, o componente curricular Geografia, atrelado à Pedagogia da Alternância, discute elementos novos e concretos para transformar a visão destes educandos sobre a localidade na qual convivem. Como

---

<sup>6</sup> O conceito de paisagem, na Geografia, refere-se a tudo aquilo que os nossos cinco sentidos podem captar do espaço geográfico, ou seja, podemos destacar aquilo que vemos, mas também percebemos o espaço por meio dos cheiros, dos sons, do toque e dos gostos que os alimentos têm. Por exemplo, no semiárido cearense, nesse momento, podemos destacar que a paisagem está sendo marcada pelo cheiro da terra molhada, e o som da chuva caindo no telhado gera beleza nas matas, e também, sabores em nossas mesas.

<sup>7</sup> O conceito de lugar, na Geografia, corresponde ao sentimento nutrido por alguma parte do espaço geográfico com o qual temos uma ligação: um sentimento de pertence, afetividade, aquilo que, muitas vezes, chamamos de “meu”, com a consciência de que não somos donos desses espaços, mas pertencentes a eles. A comunidade onde o indivíduo nasce é chamada de “minha” por que ele pertence a esse espaço, ele nasce nesse lugar e constrói relações de afetividade com esse espaço.

exemplo desse trabalho, pode-se destacar as reflexões feitas acerca da convivência com o Semiárido.

Dessa forma, observa-se que, atualmente, após ingressar na EFA, os/as jovens educandos/as têm participação nas decisões e atividades desenvolvidas pelas famílias, uma vez que passam a se enxergar, também, como responsáveis pela manutenção e (re)produção familiar. Com isso, reconhecem a importância da valorização e legitimidade da sua formação e inserção nas atividades, percebendo os potenciais e limitações nas práticas agropecuárias desenvolvidas pela família, bem como a compreensão da necessidade de propor as mudanças necessárias para uma convivência com o Semiárido. Assim, em destaque, a fala do/a educando/a:

Venho de uma construção coletiva de lutas camponesas e agricultoras onde o ideal da valorização é para além do plantar por plantar e viver para sobreviver. O movimento sindical, religioso e comunitário trouxe influências fortes para despertar o desejo de conhecer e saber muitos saberes sem desmerecer nenhum outro, e por meio dessas lutas e bandeiras levantados pelos movimentos já citados e com o ideal de não ser um pessoa com pensamentos e ações individualistas, chego a uma EFA (Escola Família Agrícola), local onde idealizei o ápice da liberdade camponesa juvenil. (P 02, 2022).

Partindo da apreensão do “fazer educativo” dos educandos, acredita-se que a educação para a mudança remete, primeiramente, à eminência na quebra de paradigmas que condicionam o ser humano apenas como força de trabalho, a depender de sua condição social. Ao contrário desta percepção, acredita-se que motivar os jovens para que possam perceber os potenciais existentes em suas comunidades, adotando as práticas corretas de convivência com o Semiárido, proporcionará a eles um bem viver, capaz de transformar sonhos em realidade, e estas, por sua vez, em uma prática educativa. A esse respeito, Freire (2008) afirma que a educação libertadora dos homens se dá em função de sua realidade, ou seja, de sua vida, do seu trabalho, de uma educação que dialogue, comunique e questione a condição de vida, logo, a condição de trabalhador. Assim, em destaque, a fala do/a educando/a:

Desde dos nove anos eu sempre sonhei em estar numa escola do campo. Tive várias formações para aprender melhor sobre a educação de Paulo Freire. Minha mãe é sindicalista e meu padrasto é um transexual que atualmente, também efetua trabalhos no sindicato de Quixeramobim. Eu e minha família sempre sonhamos em estar numa escola do campo, e já passei por três EFAs: Chico Antônio Bie, Danilo Almeida e, atualmente, Dom Frágoso.

O nosso sonho é a formação em uma escola do campo, não só a formação, mas a junção da nossa família e da nossa comunidade, assim efetuando as oportunidades de conhecimento na escola e na minha comunidade, além de unir melhor minha família e aprender mais sobre o meu interior. A nossa maior expectativa da EFA Dom Fragoso era o acolhimento dos professores e monitores, de aprender melhor na prática e no convívio na escola. O nosso amor pela escola do campo aumentou cada vez mais a atuar na escola dom Fragoso. Estar na escola do campo que efetuou a primeira oportunidade dos jovens do campo a estar no campo é a melhor sensação que nos deixou não só sonhar, mas se realizar. (P 01, 2022).

Outro elemento de destaque dos educandos da EFA diz respeito à forma de integração social e compreensão na luta dos grupos e movimentos sociais, como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Pastoral da Juventude Rural (PJR) e a Comunidade Eclesial de Bases (CEBs). Essa realidade tem sido percebida e dialogada pelos/as monitores/as no ato das visitas às famílias, junto às comunidades e suas famílias, cujo destaque é dado à busca pelas vivências coletivas. Isso contribui com a formação de jovens com uma visão holística do seu meio, assim, cabe ressaltar o quanto é importante a inserção dos jovens nesses movimentos sociais, sobretudo, com a perspectiva de que as transformações sociais, nas comunidades, acontecem em razão das diversas formas de coletividade e nos diversos espaços.

Para que tal modelo de formação se efetive, são necessários valores como o respeito, a solidariedade, suscitados por um olhar social e crítico, com visão aberta para as relações construídas no meio em que esses sujeitos estão inseridos. Isso se concretiza por meio da valorização de raízes pautadas na alternância, na diversificação dos saberes e espaços, e com isso, há o enriquecimento de conhecimentos.

Os jovens destacaram, nas respostas obtidas pelo questionário, que a partir da EFA começaram a desenvolver ou a melhorar as práticas junto às famílias. A adoção dos princípios agroecológicos promoveu a diversificação da produção, tanto vegetal como animal, dadas as aprendizagens obtidas na EFA:

Em relação aos manejos com o solo e com a água e as tecnologias de convivência com o semiárido. (P 01, P 03, P 05, 2022).

Principalmente com as minhas criações, pois preciso das técnicas pra saber melhor onde localizar minha base de criação como a avicultura e o apiário. (P 02, P 07, 2022).

Minha aprendizagem contribui com o desenvolvimento do assentamento, pensando no que plantar, como plantar, que manejos podemos estar desenvolvendo. (P 04, P 05, P 08, 2022).

Passamos a desenvolver um quintal produtivo, com maior diversidade, e com isso, obtemos uma alimentação saudável. (P 13, P 15, P 17, 2022).

Realizando práticas como coroamento, cobertura seca, uso do esterco, passamos a ter um quintal bonito e produtivo. (P 09, P 10, 2022).

Por intermédio do trabalho de conscientização, as famílias dos educandos estão abandonando práticas como desmatamento e queimadas, que antes usavam no preparo do terreno para o plantio. Além disso, estão preparando as suas áreas seguindo as etapas de: raleamento, com cuidado em preservar as plantas da Caatinga, e leiras com o resto de culturas. Com isso, estão usando mais o esterco dos animais, cobertura seca e verde, e quando necessitam, fazem a aplicação de defensivos naturais, diversificando mais as culturas plantadas. As figuras 4, 5, 6 e 7,<sup>8</sup> mais adiante, destacam o desenvolvimento de etapas do raleamento da Caatinga com podas, leiramento, rebaixamento e cobertura do solo.

Figura 6 — Raleamento da Caatinga



Fonte: Acervo da autora (2023).

---

<sup>8</sup> Temos o Termo de Autorização para o uso de imagens e depoimentos para todas as fotografias neste trabalho.

Figura 7 — Raleamento da Caatinga



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 8 — Raleamento da Caatinga



Fonte: Acervo da autora (2023).



Figura 9 — Raleamento da Caatinga



Fonte: Acervo da autora (2023).

Observa-se também que, pela dinâmica da Pedagogia da Alternância, essas ações se tornam viáveis por meio, especialmente, da mediação pedagógica proposta no Plano de Estudo. O Plano de Estudo na EFA Dom Fragoso se efetiva como uma das mediações pedagógicas que possibilitam a ligação entre o tempo comunitário e o tempo escolar, ambos desenvolvidos nas comunidades.

Com isso, é possível a realização de práticas concretas como a coleta e seleção de lixo, reflorestamento, viveiro de mudas, implantação de casas de sementes, plantio ou preservação das matas ciliares. Somam-se a estas ações, a participação das famílias, tal como a realização de oficinas e palestras promovidas pelos educandos. As Figuras 8, 9, 10 e 11 demonstram o reaproveitamento da garrafa pet na construção de canteiros, assim como a reciclagem de embalagens de plásticos e o vidro transformados em artesanatos.

Figura 10 — Reaproveitamento da garrafa pet na construção de canteiros



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 11 — Construção de canteiros com garrafa pet



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 12 — Reaproveitamento de copo de geleia de vidro com palitos de picolé



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 13 — Reaproveitamento de garrafa de shampoo com palitos de picolé



Fonte: Acervo da autora (2022).

Percebemos que, em razão da mudança de concepção do que é “lixo”, foram evidenciadas novas possibilidades de paisagens que ganham significado, e assim, possibilitam até um melhoramento na renda dessas famílias, face à venda de alguns produtos que são oriundos de reciclagem.

As técnicas e tecnologias de convivência com o Semiárido que mais se destacam, por estarem presentes na vida das famílias — de acordo com o Plano de



Estudo, com as respostas obtidas pelo questionário aplicado e pelas visitas as famílias realizadas pela pesquisadora — são cisternas de placa, cisterna de enxurrada, cisterna calçadão, barreiro de trincheira. Já em relação às tecnologias sociais, os conhecimentos obtidos pelas famílias permitiram a adoção de novas técnicas e manejos como os tratos culturais, coroamento, uso do esterco, cobertura seca e verde, podas, uso de defensivo natural, plantio diversificado e irrigação por gotejamento, de acordo com a realidade de semiaridez.

Em relação aos criatórios, as famílias estão se preocupando mais com a produção de forragem para seus rebanhos e, por intermédio dos bancos de proteína, encontram suporte forrageiro que tem melhorado a alimentação dos animais. Ademais, são produzidos feno e silagem dessas culturas e das plantas nativas, de modo que, aos poucos, as famílias começam a se preocupar com o seu manejo. Dessa forma, passaram a adotar as técnicas de manejo (como cobertura morta nas plantas para amenizar o processo de evaporação), coroamento, adubação, podas, o uso de biofertilizantes e defensivos naturais no combate às pragas e (re)uso das águas cinzas. Na Figura 12 e 13, a seguir, é apresentada a análise de um pluviômetro com o intuito de monitorar as chuvas na EFA. Já nas Figuras 14 e 15, temos uma aula de monitoramento do sistema de irrigação por gotejamento na área do Palmal.

Figura 14 — Análise do pluviômetro



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 15 — Análise do pluviômetro



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 16 — Análise do sistema de irrigação no Palmal



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 17 — Análise do sistema de irrigação no Palmal



Fonte: Acervo da autora (2022).

Dentro de suas potencialidades, as famílias desenvolvem as atividades de hortas, mandalas<sup>9</sup>, fruticulturas, quintais produtivos, suporte forrageiro, além dos criatórios de ovinos, caprinos, suínos, aves e apicultura. Destaca-se que, por intermédio dos componentes curriculares em destaque na Geografia, os educandos desenvolvem habilidades que fortalecem suas vivências no campo, assim, ao chegarem/retornarem à família, desenvolvem aquilo que aprenderam. Por conseguinte, mudam a forma de trabalhar, pois passam a ver o mundo de outra maneira, enxergando-o diante de suas experiências no meio em que estão inseridos, culminando no aumento da qualidade das atividades desenvolvidas. Sobre a vida do camponês, Marcos (2019, p. 105-106) esclarece que:

Pensar o modo de produção e da vida do camponês, e as diferentes experiências por ele postas em prática, à luz da Geografia, é mais que uma possibilidade, é uma necessidade. É ela que nos permite visualizar a territorialização dessas experiências, as possibilidades, de

<sup>9</sup> Mandala é um sistema produtivo que tem inspiração indiana. O seu desenho também lembra o sistema solar, no qual o tanque com água seria o sol e os nove círculos de canteiros, os planetas. Então, a proposta é ter uma diversidade produtiva em hortaliças, fruteiras, nativas, e até culturas exóticas que são incluídas nesse sistema, pois elas contribuem com a criação de um microclima, quebra vento em que os animais como peixes e patos também são incluídos nesse sistema.

articulações entre si, de constituição de redes de colaboração e o território que produzem [...].

As Figuras 16, 17, 18 e 19, que seguem, destacam a atividade da apicultura, predominantemente exercida por mulheres, e sua imensa importância dentro da agricultura familiar camponesa.

Figura 18 — Desenvolvimento da apicultura por mulheres



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 19 — Desenvolvimento da apicultura



Fonte: Acervo da autora (2022).



Figura 20 — Captura de enxame e manejo no meliponário realizado pelo educando e sua mãe



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 21 — Captura de enxame e manejo no meliponário realizado pelo educando



Fonte: Acervo da autora (2022).

Ao observarmos as ações das famílias, percebe-se que elas passam a ver, de outro modo, a paisagem e o lugar, bem como a forma de produzir e usar os recursos naturais, pois, a aquisição de conhecimentos sobre a convivência com o Semiárido estimula a adoção de outra postura de trabalho, evitando as queimadas e o desmatamento. Em relação a essa percepção de mudança nas práticas produtivas, destacam-se as discussões realizadas na EFA, no que diz respeito aos princípios e práticas agroecológicas. Tais discussões partem do pressuposto de que a agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a apreensão profunda, tanto da natureza, dos Agroecossistemas, como dos princípios segundo os quais ele funciona.

### **2.3 A organização do trabalho pedagógico na EFA e a Pedagogia de Alternância**

Esta seção tem o objetivo de apresentar a Pedagogia da Alternância no Brasil e a organização do trabalho pedagógico na EFA Dom Fragoso, que tem por base a alternância e sua ressignificação no ensino de Geografia.

No Brasil, a experiência pioneira em Pedagogia da Alternância se deu por intermédio da Escola Família Agrícola (EFA), inspirada no modelo francês e sob influência italiana. Foi implantada no interior do Estado do Espírito Santo, sob a coordenação do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), no final da década de 1960. Com o passar dos anos, a pedagogia se expandiu para outros estados brasileiros. Esclarece Begnami e Justino (2022, p. 50) que:

A Pedagogia da Alternância surge, portanto, como uma proposta arrojada para as comunidades do campo por meio de uma formação contextualizada com a realidade camponesa e se amplia no Brasil especialmente a partir da aproximação com o movimento da Educação do Campo, que vê na Formação por Alternância uma estratégia profícua para garantia do acesso e permanência dos sujeitos do campo ao processo de escolarização nos diferentes níveis.

Segundo Gimonet (2005), um Centro Educativo Familiar de Formação por Alternância (CEFFA) se sustenta em quatro pilares: o desenvolvimento do meio, a formação integral do/a educando/a, a associação de pais e a Pedagogia da Alternância. Assim:

Mesmo sendo invariáveis inegociáveis[...] os Quatro Pilares são conceitos genéricos e precisam ganhar ressignificações, de acordo

com os contextos sociais, políticos e econômicos onde estão inseridos. Neste sentido, segundo (BEGNAMI et al, 2019), as aproximações dos CEFFAs com o Movimento da Educação do Campo no Brasil têm tencionado e ressignificado suas práticas socioeducativas, conforme se apresenta na imagem a seguir. (BEGNAMI; JUSTINO, 2022, p. 51).

Estes quatro elementos, chamados pelo autor de pilares da Pedagogia da Alternância, constituem a marca identitária dos CEFFAs, pois estavam presentes desde a primeira instituição. A Figura 20, que segue, representa tais pilares de forma detalhada, segundo Begnami (2022).

Figura 22 — Os quatro Pilares de Begnami



Fonte: Adaptado de Begnami e Justino (2022).

Inicialmente, é importante afirmar que as EFAs não são homogêneas, no que concerne às práticas pedagógicas, visto que existe uma grande diversidade de experiências. As EFAs surgem em função de demandas concretas nas mais variadas realidades, contudo, há elementos comuns que as identificam e o princípio da alternância é o primeiro deles. De acordo com Calvó (1999, p. 17), as características das EFAs são:

- 1) uma metodologia pautada no princípio da alternância que integra o meio socioprofissional (família/comunidade) e o centro escolar;
- 2) uma associação responsável nos diversos aspectos: econômicos, jurídicos, de gestão, etc.;
- 3) a educação e a formação integral da pessoa e finalmente,
- 4) o desenvolvimento do meio local através da formação

de seus próprios atores. Essas características são consideradas condição *sine qua non* das EFAs.

São diversas as definições sobre o significado da Pedagogia da Alternância. Entretanto, nesse trabalho, foi eleita a definição de Gimonet (1999, p. 44-45), que afirma a prática como:

Alternância de tempo e de local de formação, ou seja, de períodos em situação socioprofissional e em situação escolar [...] outra maneira de aprender, de se formar, associando teoria e prática, ação e reflexão, o empreenderem e o aprender dentro de um mesmo processo. A Alternância significa uma maneira de aprender pela vida, partindo da própria vida cotidiana, dos momentos de experiências colocando, assim, a experiência antes do conceito. A Pedagogia da Alternância, nos CEFFAs, dá a prioridade à experiência familiar, social, profissional, ao mesmo tempo como fonte de conhecimentos, ponto de partida e de chegada do processo de aprendizagem, e como caminho educativo.

Um diferencial da Pedagogia da Alternância praticada pelas EFAs, no Brasil, é a influência da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, cujo tripé se pauta na ação-reflexão-ação das *práxis*. Os educandos e educandas nesse movimento de ir e vir, de combinar o período de quinze dias na escola e quinze dias na família/comunidade têm a oportunidade de pensar a teoria e a prática e retornar a ela para transformá-la. Freire (1987, p. 125) enfatiza que esse movimento implica em transformar a realidade em que estão inseridos, ele o define como “que fazer é teoria, prática é reflexão e ação. [...] isso porque ação e reflexão se dão simultaneamente”. Ainda segundo Garcia-Marirrodiga (2010, p. 64), pode-se depreender que:

Nos CEFFAs, a Pedagogia da Alternância permite a cada jovem viver sucessivamente períodos no mundo dos adultos, do trabalho, e períodos no Centro de Formação. A educação e a formação estão centradas na vida, na realidade cotidiana – familiar socioprofissional – vividas pelos jovens em contato com os adultos, pais, responsáveis da alternância, e outros profissionais.

A Pedagogia da Alternância é o ensino por meio de vivências em espaços e tempos diferenciados: um período letivo no centro educativo, alternado por um período no meio socioprofissional. Nesse trabalho, destaca-se o exemplo da EFA Dom Fragoso, na qual os estudantes vivenciam 12 dias na escola e 18 dias na família/comunidade.



A alternância está embasada no princípio de que a vida ensina tanto quanto a escola, por isso, o tempo escolar é alternado e integrado com o tempo familiar. O trabalho e as experiências sociais no meio integram o currículo e constituem os conteúdos vivenciais básicos da ação educativa da EFA. De acordo com o PPP da EFA Dom Fragoso, Independência-CE (2019, n.p.):

O Currículo da EFA Dom Fragoso é organizado com base na legislação em vigor e conforme a proposta pedagógica da alternância. A forma de apresentar o currículo na EFA é através do Plano de Formação, que organiza os instrumentos metodológicos e as alternâncias. Ele possui duas lógicas: uma representada pela experiência de vida dos educandos, suas atividades e responsabilidades familiares, sociais, dentro do ambiente local e regional, e a outra constituída dos aspectos escolares formais, subordinados aos “controles” sociais externos à instituição escolar.

Plano de Formação na EFA, para cada ano, terá um tema gerador, que será baseado nos subtemas do Plano de Estudo. De acordo com o Plano de Formação e o currículo da EFA Dom Fragoso, os Planos de Estudo são pontos de partida do processo ensino-aprendizagem. Nesse caso, as matérias ou áreas de conhecimento estão a serviço do aprofundamento dos temas.

A Pedagogia da Alternância, por intermédio de suas mediações pedagógicas, extrai da realidade concreta os elementos significativos que motivam a relação ensino-aprendizagem. De acordo com Benísio e Costa (2019, p. 30):

Congregando-os com as áreas de conhecimento, os instrumentos pedagógicos, principalmente, os de pesquisa como o Plano de Estudo e Estágio, possibilita ao jovem perceber as contradições existentes dentro do seu próprio meio, tornando-o ainda sujeito que analisa sua realidade, transformando-a, recriando-a.

Como forma de fortalecer e concretizar a prática das EFA, são adotados instrumentos que visam a mediar a aplicação da Pedagogia da Alternância, como o Plano de Estudo (PE), o Caderno da Realidade (CR), o Caderno de Acompanhamento (CA), o Acompanhamento personalizado/tutoria, as Visitas de Estudo (VE), as Visitas as Famílias (VF), o Projeto de Vida da Família Camponesa (PVFC).

O Plano de Estudo é uma das ferramentas da Pedagogia da Alternância e é realizado com as turmas de 1º e 2º ano do EM. A cada estadia no meio socioprofissional, o/a educando/a desenvolve etapas do Plano de Estudo com base em um tema previamente selecionado e de acordo com o diagnóstico de sua realidade. Os temas são organizados numa sequência progressiva em módulos,

respeitando a idade física e psíquica dos aprendizes, bem como o nível de conhecimento e interesses apresentados. (PPP DA EFA DOM FRAGOSO, 2019).

O Caderno da Realidade é o material no qual se registram todas as etapas do Plano de Estudo, sistematizando as experiências realizadas em casa, na comunidade e na EFA. Ele possui onze etapas referentes a cada tema do plano de Estudo; 1. Identificação do tema; 2. Desenho; 3. Pesquisa; 4. Síntese pessoal; 5. Síntese Geral (Coletiva); 6. Comentários Críticos; 7. Contextualização nas disciplinas; 8. Construção do Roteiro Devolução e Atividade de Retorno; 9. Relatórios da Atividade de Retorno e Devolução; 10. Conclusão; por fim, 11. Ficha de Frequência da assinatura das famílias que participaram das Atividades de Retorno Devolução.

O Caderno de Acompanhamento é o material para registro das atividades desenvolvidas pelo/a educando/a em cada sessão escolar e familiar. É um instrumento de comunicação de mão dupla entre escola-família, família-escola, permitindo o monitoramento e avaliação dos sujeitos envolvidos na dinâmica da Pedagogia da Alternância (educando/a, família, monitor/a).

O Acompanhamento Personalizado é realizado pelos monitores/as da EFA e organizado da seguinte forma: os educandos são organizados em grupos, levando em consideração o ano e a proximidade geográfica para cada grupo (com número de aproximadamente dez educandos), em que um/a monitor/a é o animador. Consiste em momentos de conversas, acompanhamento do tempo escolar e comunitário (acompanhamento das atividades do tempo comunitário, desenvolvimento das unidades produtivas e vida pessoal).

Mediante Acompanhamento Personalizado são realizadas as visitas às famílias dos/as educandos/as em suas comunidades/assentamentos durante duas vezes ao ano. Na visita às famílias, o objetivo é conhecer os membros, estreitar os laços entre escola x família x comunidade, dialogar sobre o acompanhamento a cada educando/a, conhecer, acompanhar as práticas agropecuárias desenvolvidas pelas famílias e educandos/as, bem como fortalecer e aproximar o diálogo com o espaço comunitário.

As Visitas de Estudo acontecem de acordo com a temática do Plano de Estudo e tem como objetivo fortalecer os conhecimentos obtidos pelas vivências concretas desenvolvidas pelas famílias camponesas. Nessa atividade, é feita a escolha da experiência a ser visitada, e cada turma realiza a sua visita de acordo com a necessidade e com o seu contexto de aprendizagem, mediado pelo plano de estudo.

O Projeto de Vida da Família Camponesa (PVFC) faz parte das mediações pedagógicas da EFA Dom Fragoso, que vai muito além de um Projeto de conclusão de curso, pois ele ajuda a ter uma visão holística da sociedade, como também perceber as relações sociais estruturadas como as de gêneros, o machismo e o patriarcalismo. As demais EFAs recebem o nome Projeto Profissionalizante do Jovem (PPJ), e é um dos elementos de destaque na formação dos CEFFAS e da Pedagogia da Alternância, atuando com a culminância de toda formação do jovem camponês. Assim:

O Projeto de Vida da Família Camponesa (PVFC) nasceu pela necessidade de se contemplar toda a produção familiar. “O PVFC não é meramente um trabalho prático que o jovem apresenta ao término do Ensino Médio Técnico. Mas sim um instrumento que dentro da Pedagogia da Alternância, equipara-se ao Projeto Profissionalizante do Jovem-PPJ, desenvolvido pelas demais Escolas Família Agrícola do Brasil, contudo, sendo mais abrangente. Específico da EFA Dom Fragoso, tem como finalidade primordial envolver toda a família na construção da autonomia no setor produtivo da agropecuária, de modo a gerar desenvolvimento e renda, visando garantir ao concluinte e sua família, meios para se manter profissionalmente no campo. (PPP DA EFA DOM FRAGOSO, 2019, p. 25).

O Projeto de Vida da Família Camponesa (PVFC) exige dos/as educandos/as uma visão holística das suas realidades, em múltiplas faces. Para tanto, a formação integral deve possibilitar conhecimento amplo do seu contexto, bem como das diversas vertentes de sustentabilidade. Observa-se que o PVFC se apresenta como uma forma de inserção profissional e estratégia de desenvolvimento pessoal e social, e portanto, é para a alternância uma importante ferramenta de intervenção prática, tanto para o jovem quanto para que o meio que se desenvolve.

Para atender às exigências legais, são ofertados, no mínimo, 200 dias letivos, porém, divididos com uma parte na escola e a outra no meio familiar e comunitário. Assim:

Na EFA Dom Fragoso será desenvolvido um ritmo de alternância, sendo 12 dias na escola alternados por 18 dias na comunidade ou meio sócio profissional. São 10 sessões na escola e 10 sessões na família. Este conjunto de sessões lá e cá cumprem com as exigências legais dos 200 dias letivos mínimos e das 800 horas (Ensino Fundamental) e 1.200 horas (Ensino Médio) mínimas anuais. (PPP da EFA DOM FRAGOSO, 2019).

A contextualização nas aulas na EFA acontece em função do Plano de Estudo que é uma pesquisa realizada pelos/as educandos/as em suas comunidades, cuja temática está de acordo com suas realidades. Eles realizam essa pesquisa na sessão familiar e, quando retornam para a sessão escolar, existe um momento de escuta e socialização dos resultados pesquisados. Após a exposição em comum do Plano de Estudo, a equipe educativa promove uma reunião pedagógica exclusiva para discutir o projeto interdisciplinar. Implica em planejar como as áreas vão responder às questões postas pelo Plano de Estudo, ou seja, como os conhecimentos podem se interligar para serem trabalhados em conjunto. Assim, como esclarece o PPP da EFA Dom Fragoso (2019, p. 21):

Os conteúdos das disciplinas são trabalhados a partir das necessidades provocadas pelos Planos de Estudo. Eles são importantes desde que sejam contextualizados. Neste sentido, a escola não se torna o aparelho meramente repassador do saber acumulado pela cultura universal, mas um agente que interage continuamente com a realidade do jovem, investigando, buscando compreender os fenômenos de sua realidade profissional e construindo novos conhecimentos. Privilegia-se a produção de saberes em vez do consumo dos saberes acumulados pela humanidade.

Dessa forma, a contextualização vai acontecendo face às vivências dos/as educandos/as em suas comunidades, desveladas pelo Plano de Estudo e refletidas nas aulas de todos os componentes curriculares de forma significativa. Assim, esses conhecimentos teóricos x práticos vão se entrelaçando.

A disciplina Geografia, na EFA, tem como objetivo apresentar os conceitos básicos das ciências e a promoção da aprendizagem desse conhecimento, com o propósito de desenvolver nos/as educandos/as a capacidade de interação e transformação por meio dos estudos, em razão do elo promovido pelo Plano de Estudo. Isso possibilita uma nova leitura de mundo com criticidade. Ressignificando o ensino de Geografia, Cavalcanti (2019, p. 65) esclarece que:

Tomando como base minhas pesquisas e reflexões sobre o ensino de Geografia, tenho afirmado que a busca por ensiná-la de modo que seja significativa para os alunos leva a definir como meta a formação, por meio dos conteúdos veiculados em sala de aula, de um modo se pensar geograficamente. Esta convicção advém da formulação de um entendimento da Geografia Escolar, constituída por um conjunto de saberes, internalizados e amalgamados pelo professor, originados em

diferentes campos do conhecimento e em diferentes dimensões da prática [...].

O componente curricular Geografia tem mostrado diversas possibilidades de ajudar a compreender o espaço, e a partir disso, construir um raciocínio geográfico diante do lugar e da paisagem que vão sendo revelados nas vivências do/as educando/as e suas comunidades. Tal perspectiva é ressaltada nas falas dos/as educandos/as quando questionados acerca do que a Pedagogia tem a ver com a paisagem e o lugar onde vivem. Segundo as declarações destes/as estudantes:

Estudamos na escola e colocamos em prática ao retornar pra comunidade, e pesquisamos na comunidade, e quando chegamos na escola fazemos o aprofundamento de tudo que pesquisamos, então, o livro da vida está sempre atuando. (P 05, P 07, P 09, 2022).  
Conseguimos aprender muito na escola e colocar em prática em casa. Dessa forma, conseguimos transformar a Paisagem e o nosso Lugar com o que aprendemos na EFA. (P 14, P 17, P 20, 2022).

Nos ajuda a aprender, refletir e transformar nesse alternar de espaços do conhecimento, dessa forma de intervir na Paisagem e Lugar a partir do aprendizado obtido na escola. (P 01, P 02, P 03, 2022).  
A EFA adota essa pedagogia e os educandos estudam duas semanas na escola, e duas semanas vivem seu tempo familiar, e assim, temos um estudo significativo. (P 09, P 11, 2022).

Como a Pedagogia da Alternância trabalha com a interação do campo e sua realidade, promove em relação à paisagem, é que vamos tendo novos conhecimentos de como atuar no campo, o que plantar, os cuidados com a água. (P 15, P 13, 2022).

É perceptível a relação que existe no círculo de aprendizagens possibilitado pela dinâmica da Pedagogia da Alternância. Dessa forma, foi feito mais um questionamento: se a paisagem e o lugar, nas aulas de Geografia, influenciam no modo de viver e de entender a vida dos/as educandos/as, bem como a vida da comunidade deles/as. Os/as educandos/as abordam esse conhecimento, que segundo eles, é operacionalizado nas categorias paisagem e lugar, e afirmam, também, que fazem essas reflexões no ensino de Geografia, e que as colocam em prática na sessão familiar:

É uma educação que facilita o conhecimento dos educandos e onde levamos e trazemos conhecimentos das nossas comunidades e vemos a realidade de cada uma, quando contextualizamos e levamos conhecimentos da EFA para as nossas comunidades, onde aplicamos, na prática e na teoria, os conhecimentos para as nossas famílias. (P 01, P 02, 2022).

Muitas coisas, principalmente, aprendemos a conviver com o semiárido. A pedagogia da Alternância e seus vários tempos nos ajuda a perceber o que estamos fazendo de certo e o que pode ser melhor em nossas comunidades, pois na sessão escolar, estudamos, teorizamos, e na sessão familiar, colocamos em prática. (P 05, P 06, 2022).

Nas idas e vindas aprendemos muitas coisas, e o que aprendemos, tentamos colocar em prática em nosso quintal produtivo. (P 12, P 15, 2022).

Outros objetivos podem ser destacados do componente curricular, a exemplo do desenvolvimento da capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação da Geografia: da compreensão das relações políticas, econômicas e sociais que definem a nossa sociedade; da identificação e avaliação das singularidades e generalidades diante do processo produtivo no contexto de semiaridez cearense; do conhecimento das questões ambientais e percepção enquanto sujeito responsável pela preservação do meio ambiente; da compreensão dos fenômenos locais, regionais e mundiais expressos por suas territorialidades, considerando, nesse contexto, as categorias paisagem e lugar.

A importância da aplicação das categorias paisagem e lugar reside no fato de que é pela observação e análise da paisagem que se obtém os elementos da realidade e as possibilidades de transformação. A categoria lugar, por sua vez, oferece a instrumentalização para pensar os sentidos e significados de identidade e pertencimento, na intenção de conhecer, conviver e melhorar o lugar de vida.

Os conceitos de paisagem e lugar, adotados neste trabalho, relacionam-se com os estudos de Carlos (2019), Cavalcanti (2019), Dardel (2011), Santos (2006; 2021) e Tuan (1980). Paisagem, refere-se ao espaço percebido pelas pessoas, pelos sentidos, e dessa forma, o Semiárido tem um lugar de destaque neste trabalho, visto que a análise acontece em comunidades que estão localizadas em áreas semiáridas. Assim, percebemos a transformação dessas paisagens pelo ensino de Geografia à luz da Pedagogia da Alternância, nos ajudando a compreender como esses conhecimentos são operacionalizados por essa categoria.

Lugar, por sua vez, é entendida como uma categoria geográfica destacada pelo sentimento de pertencimento, afetividade, conhecimento desse espaço vivenciado, experimentado, construído em função das relações efetivadas nas pessoas, seus

contextos, histórias, suas organizações e suas culturas, destacadas nessas comunidades.

O componente curricular Geografia tem como total 270 horas-aula, nos três anos do curso, com um total de 90 aulas por ano, nove aulas por mês, nas dez sessões escolares e familiares, organizados dentro da dinâmica da Pedagogia da Alternância. O ensino é organizado em sessão escolar com seis aulas e sessão familiar com três aulas, e dessa forma, o ensino é potencializado pelas experiências concretas das vivências dos educandos e suas famílias no espaço comunitário refletido e contextualizado nas aulas da sessão escolar, retornando às comunidades e ajudando a refletir suas vivências e aprendizagens.

Sobre as aulas de Geografia, desenvolvidas na EFA, é importante destacar que elas acontecem em função do plano de Estudo, respondendo às questões destacadas nas vivências dos/as jovens, assim, contextualizando conhecimentos práticos x teóricos. Os recursos didáticos mais utilizados são vídeos, documentários, músicas, estratégias como trabalho de grupo e seminários. Com isso, a construção do conhecimento vai acontecendo mediante fatos concretos, partindo da problemática, desenvolvimento e conclusões que geram conhecimentos sempre aplicados às suas vivências. Cavalcanti (2019, p. 146) esclarece que:

Nessa lógica, é fundamental que os alunos se coloquem como sujeitos do conhecimento e que, ao assimilarem determinados conteúdos trabalhados e propostos pelo professor, aprendam também uma forma de se produzir conhecimentos na mesma perspectiva: a perspectiva geográfica. É o que significa dizer que ensinamos Geografia por meio dos conteúdos veiculados na escola, pois, ao se ensinar Geografia, pode-se ensinar a capacidade de se pensar geograficamente por meio desses conteúdos.

Dessa forma, o conhecimento geográfico vai se construindo com saberes, experiências de vida e aprendizagens significativas em torno do lugar de origem desses educandos, e por conseguinte, concretizado pelos conhecimentos obtidos, oriundos dos entrelaçamentos ente escola x família x comunidade. Assim, as dimensões da paisagem e do lugar vão se desvelando na aprendizagem cotidiana desses jovens em seus espaços, com alternância entre o meio escolar e o meio comunitário.

Vale destacar que a Geografia é a atividade de analisar o espaço geográfico como uma categoria para compreender a realidade. Com esta abordagem, o ensino

da disciplina de Geografia, na Escola Família Agrícola, confere ênfase ao estudo do meio como resultante da ação do sujeito social, responsável pela construção do lugar e da paisagem. Sobre o espaço, Carlos (2019, p. 18) esclarece que:

[...] se distingue sem dissociar do ser humano. É lugar marcado pelo tempo da ação que permite a vida, recriando-a constantemente. A materialidade do espaço se aproxima daquela do corpo e da ação que metamorfoseia a matéria. Assim, o espaço é uma condição necessária à realização da vida, na medida em que as relações sociais têm uma existência real enquanto existência espacial concreta.

No conceito de espaço geográfico está implícita a ideia de articulação entre natureza e sociedade. Na busca desta articulação, este trabalho destaca uma prática de ensino que considere, de um lado, os elementos e atributos naturais, procurando não só descrevê-los, mas tentando entender as interações existentes entre eles. Por outro lado, verificar a maneira pela qual a comunidade escolar (turmas 1º, 2º e 3º ano do EM, juntamente com suas famílias), pertencente à EFA Dom Frágoso, está administrando e interferindo nos sistemas naturais. Para perceber a ação social é necessário adentrar em sua estrutura, procurando apreender o seu modo de produção e as relações socioeconômicas vigentes.

Diante dos conhecimentos obtidos nas aulas de Geografia, pretende-se contribuir com os educandos para que ele ressignifiquem seus conhecimentos de modo a compreender o espaço por meio das categorias paisagem e lugar, e a partir disso, passem a ter uma melhor compreensão de suas realidades. Sobre esse aspecto, Santos (2021, p. 40) evidencia que:

As ciências devem renovar-se a partir das realidades que condicionam o seu desenvolvimento e para responder ao seu desafio. Tal desafio é definido, sobretudo, pelas novas relações, já estabelecidas ou possíveis entre uma sociedade, tornando universal os recursos mundiais.

O ensino de Geografia deve promover a problematização face às experiências e vivências dos educandos e suas famílias em seus contextos, compreendendo essas aprendizagens e buscando ampliar os horizontes sobre essas categorias, trazendo-os como responsáveis pelas transformações ocorridas nesses espaços geográficos. Giometi, Pitton e Ortigoza (2012, p. 3) ressaltam que:

Os estudos geográficos, ao possibilitarem a compreensão das relações sociedade natureza, induzem à noção de cidadania, levando



o aluno a analisar suas ações como agente ativo e passivo do meio ambiente e, portanto, capaz de transformar o espaço geográfico. Assim sendo, as práticas pedagógicas devem estar voltadas aos problemas da comunidade na qual os alunos estão inseridos, pois esta é a escala espacial local em que sua ação transformadora pode ser imediata. No que diz respeito à AÇÃO, há necessidade tanto de conhecimentos e habilidades, quanto de execução de um processo que mude a percepção e a conduta, o qual passa pela sensibilização e afetividade.

No processo de construção do conhecimento, destaca-se a importância do Plano de Estudo como uma ferramenta da Pedagogia da Alternância que possibilita outro olhar sobre as experiências de vida e de aprendizagens significativas em torno do lugar de origem desses educandos. Segundo Nogueira (2013, p. 84):

Os homens constroem e dão significados aos lugares. Significados que para alguns parecem invisíveis, mas para outros são carregados de histórias e de emoções. O lugar é um mundo de significados organizados, adquiridos pela experiência humana, e se mostra a partir do que eu experiencio e que é experienciado pelo outro, experienciar no sentido de viver.

As aulas de Geografia apresentam uma potencialidade na construção de conhecimentos significativos com os conceitos de paisagem e lugar, ajudando esses educandos a perceberem o espaço como um lugar de vida, no qual as relações foram sendo construídas ao longo de sua história e que permanecem em constante transformação. De acordo com Nogueira (2013), o mundo vivido é, portanto, o lugar vivido, o lugar de vida, o lugar de existência e da experiência. É um pedaço do mundo que diz quem somos, como somos, como vivemos, como nos inter-relacionamos com a terra e seus seres.

Conforme destaca Tuan (1980), para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos. No nível de atitudes e preferências de grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de seu ambiente físico. Nesse sentido, este trabalho busca conhecer a experiência da EFA Dom Fragoso diante das vivências e relações construídas pelos educandos e suas famílias, com base no estudo do espaço, por meio das categorias geográficas paisagem e lugar, à luz da Pedagogia da Alternância.

### **3 ENSINO DE GEOGRAFIA E A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NA EFA DOM FRAGOSO**

No presente capítulo, atendendo ao objetivo de verificarmos a interação entre as sessões familiar e escolar na Pedagogia da Alternância, com relação ao ensino de Geografia, realizamos reflexões sobre como acontece o ensino de Geografia na Pedagogia da Alternância. Para tanto, recorreremos aos relatos dos educandos e das famílias pesquisadas, além de destacarmos as experiências e vivências sobre as práticas de ensinar Geografia no campo, expressada aqui pela Observação Participante, tendo em vista que a pesquisadora acompanha, diretamente, os sujeitos da pesquisa, pois é, também, educadora do componente curricular Geografia.

A EFA Dom Fragoso adota a Pedagogia da Alternância, que consiste em vivências em espaços escolares e familiar, assim, os/as educandos/as passam duas semanas na EFA, onde estudam, participam das místicas, cuidam da casa, dos sistemas produtivos, brincam, fazem pesquisas e crescem na convivência. Nas outras duas semanas, os/as educandos/as retornam para suas comunidades/famílias onde realizam as atividades dos componentes curriculares – procuram participar da vida comunitária, dos movimentos sociais, desenvolvem o Plano de estudo, pesquisam, elaboram os problemas e põem em prática todas as descobertas, participando, portanto, do cotidiano da comunidade.

O componente curricular Geografia, na Escola Família Agrícola Dom Fragoso, tem como objetivo conhecer os conceitos básicos da Geografia e apropriar-se desse conhecimento geográfico, desenvolvendo, nos/as educandos/as, a capacidade de interação e transformação por meio dos estudos, através do elo de ligação promovido pelo Plano de Estudo. Com isso, possibilita-se, ao/à estudante, uma nova leitura de mundo, com criticidade.

Outros objetivos podem ser destacados do componente curricular como, por exemplo: a) desenvolver a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação da Geografia; b) compreender as relações políticas, econômicas e sociais que definem a nossa sociedade; c) compreender a dinâmica cultural e relação de gênero na sociedade; d) identificar e avaliar as singularidades e generalidades diante do processo produtivo no contexto de semiaridez cearense; e) conhecer as questões ambientais e perceber-se como sujeito responsável na preservação do meio ambiente; por fim, f) compreender os fenômenos locais,

regionais e mundiais expressos por suas territorialidades, considerando as categorias paisagem e lugar.

O componente curricular Geografia, como já mencionado anteriormente, tem 270 horas-aula nos três anos do curso, sendo 90 aulas por ano: nove aulas por mês nas dez sessões escolares e familiares, organizados dentro da dinâmica da Pedagogia da Alternância. O ensino é organizado em sessão escolar com seis aulas e sessão familiar com três aulas. Dessa forma, o ensino é potencializado pelas experiências concretas das vivências dos educandos e suas famílias no espaço comunitário, refletido e contextualizado nas aulas na sessão escolar. Posteriormente, esses alunos retornam às comunidades ajudando a refletir suas vivências e aprendizagens. O infográfico representado pela Figura 21, a seguir, ilustra a distribuição das atividades na EFA.

Figura 23 — Organização das aulas de Geografia na EFA



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Sobre as aulas de Geografia, desenvolvidas na EFA, é importante destacar que elas acontecem com base no Plano de Estudo, respondendo às questões destacadas nas vivências dos/as jovens, e com isso, contextualizando conhecimentos práticos x teóricos. Os recursos didáticos mais utilizados são vídeos, documentários, músicas, estratégias como trabalho de grupo e seminários. A construção do conhecimento vai acontecendo decorrentes de fatos concretos, da problemática, desenvolvimento e conclusões, gerando conhecimentos sempre aplicados às vivências dos educandos.

Dessa forma, o conhecimento geográfico vai se construindo com saberes, experiências de vida e aprendizagens significativas em torno do lugar de origem, além de ser concretizado diante dos conhecimentos obtidos dos entrelaçamentos entre escola x família x comunidade. Nessa lógica, as dimensões da paisagem e lugar vão se desvelando na aprendizagem cotidiana desses jovens nos espaços relativos ao meio escolar e comunitário.

A Geografia é a atividade de analisar o espaço geográfico como uma categoria para compreender a realidade. Com esta abordagem, o ensino da disciplina de Geografia na Escola Família Agrícola confere ênfase ao estudo do meio como resultante da ação do sujeito social responsável pela construção do lugar e da paisagem. Ao analisar o espaço geográfico, Santos (2021, p. 38) reflete que:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, um certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social.

Ao serem indagados sobre os conhecimentos construídos em relação ao componente Geografia, com a pergunta “O que você sabe sobre a Geografia?”, os/as educandos/as deixaram evidente uma diversidade de conhecimentos:

A Geografia estuda sobre semiárido, espaço geográfico e é uma disciplina que estuda sobre vários assuntos da sociedade. (P 01, 2022).

A Geografia nos ajuda a conhecer melhor o nosso lugar, identificar as situações de erosões, a desenvolver melhor as unidades produtivas. (P 02, 2022).

Nos ajudar a refletir sobre a sociedade, sobre os problemas sociais, políticos, culturais e ambientais. A conhecer o nosso lugar. (P 03, P 08, 2022).

Nos ajuda a pensar, pois a Geografia da forma que estudamos é sempre reflexiva e nos traz grandes aprendizados sobre a vida, isso nas aulas práticas e teóricas. (P 04, P 11, P 13, 2022).

A Geografia estuda sobre vários conteúdos: política, capitalismo, sociedade, Reforma Agrária, Socialismo. (P 05, 2022).

Sobre convivência com o Semiárido e as técnicas e tecnologias. (P 06, P 14, P 07, 2022).

Podemos destacar que o ensino de Geografia tem, em suas mãos, a missão de ajudar a pensar essa diversidade de conteúdos com reflexões que deem conta dessa imensidão de conhecimentos que os jovens anseiam estudar. Assim, é possível proporcionar aprendizagens significativas na vida desses educandos.

Dentro desse processo de construção do conhecimento, destaca-se a importância do Plano de Estudo como uma ferramenta da Pedagogia da Alternância, que possibilita outro olhar sobre as experiências de vida e de aprendizagens significativas acerca do lugar de origem desses educandos. Segundo Nogueira (2013, p. 85):

Mundo vivido é, portanto, o lugar vivido, o lugar de vida, o lugar de existência e da experiência. É um pedaço do mundo que diz quem somos, como vivemos, como nos inter-relacionamos com a terra e seus seres. O lugar é um pedaço do mundo carregado de significados existenciais e simbólicos.

Em conformidade com o que ressalta Pires (2013), a paisagem, como categoria espacial, é processual, relacional, situacional e contextual de práticas sociais construídas pelos sujeitos que se apropriam deste espaço. A paisagem está em curso e nela os projetos de vida estão presentes num horizonte. Percebe-se, assim, a paisagem como um espaço de vida, de práticas sociais que vão se transformando de acordo com as necessidades das pessoas desses lugares. De acordo com Santos (2006, p. 67):

A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém, coexistindo no momento atual. No

espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual.

Operacionalizando esses conceitos, abordou-se as diversas experiências das famílias, dos educandos e suas percepções sobre paisagem e lugar, desde as transformações ocorridas nessa comunidade ao longo do tempo, suas histórias, suas potencialidades e formas como as pessoas desenvolvem esse espaço. Da mesma forma, foram discutidas as suas relações com os recursos naturais, como eles se apropriam da terra, da água, das florestas e dos animais em prol da coletividade ou interesses particulares, e que são uma infinidade de possibilidades a serem melhor desveladas. Conforme salienta Tuan (1980, p. 9):

A superfície da Terra é extremamente variada. Mesmo um conhecimento casual com sua geografia física e a abundância de formas de vida, muito nos dizem. Mas são mais variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície. Duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente. A própria visão científica está ligada à cultura - uma possível perspectiva entre muitas.

Destacamos a importância de conseguir ajudar os educandos a visualizarem para além do que está posto sobre a categoria lugar, recorte geográfico carregado de histórias, de emoções, afinidades, em especial, o sentimento de pertencer a esse espaço, ajudando-os a se perceberem como protagonistas das relações construídas, da importância de suas práticas agroecológicas na preservação da vida, o quanto o conhecimento obtido nas aulas podem ajudar a ter uma outra postura diante das problemáticas surgidas nas suas comunidades. Sobre a categoria lugar, Tuan (1982) *apud* Cavalcanti (2019, p. 130) esclarece que:

O conceito Lugar possui uma relação intrínseca com o sentimento de pertencimento, efeito de uma ligação identitária e subjetiva do indivíduo com o meio que circunda. Por esta alusão a um caráter emocional, o conceito Lugar por ser negligenciado nas correntes geográficas mais duras em seus discursos e métodos, que primavam pelo teor lógico, sistemático e experimental, como foi o caso dos quantitativistas e naturalistas clássicos.

A paisagem está configurada para além daquilo que enxergamos, e com isso, a nossa missão é conseguir dialogar com nossos jovens e auxiliá-los a verem além

daquilo que estamos habituados, tal como reconhecemos o quanto esse espaço foi e ainda está em constante transformações. As vivências dos educandos que são camponeses e suas práticas principais estão diretamente ligadas às atividades agropecuárias. Suas vivências trazem um forte apego ao campo e as relações são construídas pelo vínculo com a realidade de semiaridez; por isso, a importância do acesso à água e à terra para a continuidade e sustentabilidade da vida dentro desse cenário.

Olhando a paisagem das comunidades atendidas pela EFA Dom Frágoso, observa-se as mudanças que foram acontecendo ao longo dos anos no Semiárido brasileiro, antes um espaço, muitas vezes, apresentado como inóspito, seco e sem vida. Também, lugar de muitas dificuldades, em especial, por conta da falta de água, epidemias, fome, sede, miséria, fortes registros da presença das secas que limitam a vida dos sertanejos, intensificando a saída de muitas pessoas para os grandes centros urbanos.

Passamos a enxergar o semiárido brasileiro enquanto um lugar de vida, onde está sendo construída uma nova imagem, nova identidade pautada na lógica da convivência com o semiárido que nos possibilita ter uma vida digna. Com o uso de técnicas e tecnologias é possível produzir alimentos, criar os animais nativos ou adaptados a essa realidade de semiaridez. Entre essas práticas de adaptação, destacamos a importância das cisternas de placas para uso da água para beber e cozinhar, além das *expertises* de estocar a água e alimentos para os dias de estiagens.

A paisagem do Semiárido é outro recorte que desperta o trabalho com as operações mentais dos estudantes. Está em debate um novo conceito sobre o semiárido, que é a convivência com ele, perpassando pela ideia de estocagem da água, do alimento, para as pessoas e para os animais. Além disso, a preservação das sementes, a adoção de novas técnicas e tecnologias passaram a criar alternativas para o ser humano viver bem no seu lugar, fazendo com que os camponeses acreditem no seu potencial. Outro aspecto importante da convivência com o Semiárido é o socioambiental, pois, a organização das famílias é importante para que a expressão da convivência aconteça no campo político. Isso ajuda as famílias a romper com as amarras que as impedem de serem protagonistas, e nesse sentido, a educação tem um papel transformador na construção de novas consciências e novas atitudes.

Percebe-se que a paisagem nas comunidades está se modificando e isso se expressa nos quintais produtivos, nos quais as famílias, aos poucos, vão adotando novas ações, preservando as águas e reaproveitamento as águas cinzas no cultivo de fruteiras, no plantio de culturas adaptadas a essa realidade de semiaridez. Da mesma forma acontece com o criatório de animais nativos ou adaptados a essa realidade. Tuan (1980, p. 61) reforça que

O apego à terra do pequeno agricultor ou camponês é profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela. Os trabalhadores franceses, quando seus corpos doem de cansaço, dizem que "seus ofícios formar parte deles". Para o trabalhador rural a natureza forma parte deles - e a beleza, como substância e processo da natureza pode-se dizer que a personifica. Este sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes. testemunham a intimidade física do contato. A topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança.

O lugar é apresentado como um espaço de vida das famílias, no qual as relações vão sendo construídas no seu cotidiano, sobretudo, na forma de trabalhar com a terra, no uso consciente da água, no cultivo de plantas adaptadas à realidade da semiaridez. Essa nova forma de produzir anula o uso de agrotóxico, sem fazer queimadas, ou seja, é um novo olhar para as vivências coletivas. De acordo com o que postula Santos (2006, p. 218),

No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade.

A partir do Plano de Estudo realizado no primeiro ano, foi possível compreender melhor esse espaço denominado lugar, tanto a história contada pela comunidade acerca do porquê do nome, sobre a sua origem, quem foram seus primeiros habitantes, as principais atividades desenvolvidas por essas famílias, como também os costumes, a sua organização, são alguns pontos estudados e fortalecidos no sentido de se apreender o mundo do local para o global. Carlos (2017, p. 14, grifos do autor) salienta a crença de que:



[...] podemos acrescentar ao que foi dito pelo professor o fato de que há também a dimensão da história que entra e se realiza na prática cotidiana (estabelecendo um vínculo entre o “de fora” e o “de dentro”), instala-se no plano do vivido e que produziria o conhecido-reconhecido, isto é, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é o que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial.

Esses lugares trazem, em suas organizações, vivências coletivas percebidas dentro dos diversos grupos presentes nas comunidades, das associações comunitárias que fortalecem esses espaços, as cooperativas, dentre outros, assim, todos esses agrupamentos reforçam as lutas presentes na construção desses lugares. Nesse cenário, destacamos a importância da educação como potencializadora desse novo olhar em relação à convivência com o Semiárido.

Procurando responder à questão problema que move esse trabalho, a saber, como o ensino de Geografia se realiza na Escola Família Agrícola Dom Fragoso à luz da Pedagogia da Alternância e dos conceitos de paisagem e lugar, afirma-se que a Geografia tem uma importância visível dentro da sociedade contemporânea, visto que ajuda as pessoas a pensar sobre suas ações políticas, ambientais, culturais, econômicas, tal como as relações com o mundo aqui mediatizadas pelas categorias paisagem e lugar. Destacamos ainda, diante das falas dos/as educandos/as apresentadas a seguir, uma Geografia ressignificada, contextualizada com as vivências das comunidades:

Pois levamos os conhecimentos da Geografia, a forma de organização, a relação entre os seres e a sociedade, a busca do bem viver, da convivência com o semiárido, procurando ter como bandeira as questões de gêneros e equidade presentes. (P 15, P 13, P 08, 2022).

Ajuda a conhecer as potencialidades e fragilidades da comunidade, formas de organização, as suas lutas pela terra, se tem associação. (P 05, P 06, 2022).

Pode contribuir para o meio ambiente, como por exemplo, o desenvolvimento sustentável. (P 01, P 02, 2022).

Ajuda a entender nossa missão de transformação para melhorar nossa comunidade, nossos quintais, nossas criações, a forma como a comunidade trabalha, se organiza. (P 17, P 16, 2022).

Reutilizamos a água, fazemos o manejo adequado na Caatinga, reaproveitamento dos lugares para arborização para que possamos ter um clima mais ameno. (P 03, P 04, 2022).

Pois colocamos em prática a aprendizagem, ensinando os manejos corretos agroecológico com a produção, a melhorar através das organizações comunitárias. (P 05, 2022).

A maneira que aprendemos as técnicas de convivência com o semiárido. (P 07, P 09, 2022).

Pois ajuda no processo de conscientização com as famílias sobre as práticas corretas, pois através do Plano de estudo conhecemos melhor a nossa comunidade, e dessa forma é possível fazer as interferências, seja na forma de organização ou a produção, sobre o lixo, desperdício da água. (P 19, 2022).

As falas apresentam uma Geografia ressignificada em função da vida e da consciência do papel na sociedade. Com isso, fica evidenciado o potencial de transformação, de modo que fica visível que, quando estudamos o que realmente nos interessa, temos a devida motivação para a aprendizagem.

Trazemos um componente curricular que, na realidade da Escola Família Agrícola, tem ressaltado a importância de compreendermos as potencialidades e fragilidades da comunidade, de conhecermos as suas histórias, as suas lutas e as formas como essas pessoas se organizam nesse espaço.

### **3.1 A tríade ensino de Geografia, estudantes e família na Pedagogia da Alternância**

O ensino de Geografia, na Escola Família Agrícola, é organizado por meio do Plano de Estudo. Esse plano abarca as etapas do processo de ensino e de aprendizagem, além de envolver os conteúdos, os estudantes e suas famílias.

O Plano de Estudo é uma pesquisa realizada na comunidade pelos educandos, com temáticas que retratam as diversas realidades e olhares para as suas vivências. É desenvolvido seguindo um passo a passo, que consiste em realizar uma sensibilização para a construção das perguntas que os educandos elaboram, os questionamentos a serem pesquisados, que tem uma temática como proposta. Após a definição do Plano de Estudo, tem-se a etapa a ser realizada na comunidade na qual os educandos irão realizar a pesquisa com as famílias (mínimo de dez) para

realizarem uma síntese que chamamos de Síntese Pessoal. De acordo com Benísio e Costa (2019, p. 33):

Para cada sequência da alternância: meio sócio profissional - escola – meio sócio profissional, a unidade e a ação pedagógica podem ser dadas através de uma organização temática. Um tema que geralmente tem sua fonte nas atividades da vida (profissional, familiar, social) e relacionando com as possibilidades de implicação dos alternantes permite introduzir, na medida do possível, as disciplinas do programa que assegurarão o tratamento em várias dimensões: técnicas, econômicas, científicas, históricas, geográficas, literárias, filosóficas ou matemáticas.

A pesquisa é socializada no primeiro dia da sessão escolar em um momento muito importante para o Plano de Estudo (PE), que é a escuta/socialização de todas as Sínteses. Na sequência das etapas, temos a socialização com a equipe pedagógica quando discutimos e refletimos o que cada componente curricular vai contextualizar sobre a pesquisa nas aulas, serões e demais momentos da EFA. Os mesmos autores afirmam que:

Para o aproveitamento dos ganhos das experiências a “colocação em comum” constitui a segunda atividade chave da pedagogia das EFAs porque visa fazer conhecer e partilhar ao conjunto do grupo as descobertas, os ganhos e contribuições de cada um. Ela permite introduzir a troca e a confrontação no seio de um grupo de pares com todos os efeitos que isto subentende. Ela dá poder a cada um e ao grupo. Ela é uma oportunidade de efetiva cooperação. Ela é, por excelência, uma atividade de socialização. Constitui assim, do ponto de vista da gestão pedagógica, a atividade dobradiça entre os campos de vida e dos saberes diferentes. (BENÍSIO; COSTA, 2019, p. 33).

A última etapa é a preparação de como os conhecimentos serão devolvidos e dialogados na comunidade com Atividade de Retorno e Devolução, momento em que acontece uma reunião com as lideranças, famílias, jovens – é quando as reflexões, acerca da pesquisa são expostas e refletidas, sendo que com a comunidade. Em seguida, é realizada uma prática dessa pesquisa.

Segundo o PPP da EFA Dom Frágoso (2022), há doze passos para a realização da pesquisa que inicia na Sessão Escolar. Depois volta-se para o Meio Socioprofissional, retorna para a Sessão Escolar e encerra o ciclo, outra vez, no Meio Socioprofissional.

Na sessão escolar são adotados os seguintes passos:

1º Passo do Plano de Estudo: preparação da equipe pedagógica;

2º Passo do Plano de Estudo: motivação para a elaboração do roteiro da pesquisa;

3º Passo do Plano de Estudo: a preparação para a pesquisa.

Prossegue-se no Meio Socioprofissional com os passos seguintes:

4º Passo do Plano de Estudo: realização da Pesquisa;

5º Passo do Plano de Estudo: descrição – registro.

Ao retornar à Sessão escolar, os passos são:

6º Passo do Plano de Estudo: acolhida dos/as educandos/as e apreciação do PE;

7º Passo do Plano de Estudo: colocação em comum;

8º Passo do Plano de Estudo: organização do Caderno da Realidade;

9º Passo do Plano de Estudo: planejamento interdisciplinar na equipe educativa; contextualização;

10º Passo do Plano de Estudo: as aulas e os exercícios;

11º Passo do Plano de Estudo: conclusões sobre o tema em questão.

Quando do retorno, ao Meio Socioprofissional, o passo final é:

12º Passo do Plano de Estudo: aplicações no Meio Socioprofissional; atividade de retorno; devolução e experiências.

Dessa forma, os educandos pesquisam e depois realizam um momento de escuta e apreciação dessas realidades, sobre quais componentes curriculares irão fazer o aprofundamento, e assim, a contextualização vai nascendo. O componente curricular Geografia também segue essa mesma orientação, e dessa forma, esse círculo de conhecimento vai se resignificando nas práticas pedagógicas. Sobre o Plano de Estudo, Benísio e Costa (2019, p. 33) esclarecem que:

Para a exploração da realidade e da experiência, sua expressão e sua formalização existe um instrumento básico: o “Plano de Estudo” da vida cotidiana (profissional, social, familiar, etc.). Ele é o meio e a oportunidade de observações, de pesquisas, de discussões e de reflexões com os atores do meio, mas também de expressão oral, escrita, gráfica. É o instrumento essencial para captar a cultura na qual vive o estudante, pegar-lhe os componentes, as riquezas, os limites para interpelar as práticas existentes, até mesmo as rotinas, o que em seguida, pode iniciar às vezes, graças às tomadas de consciência, mudanças e desenvolvimento. Não se trata de um mero instrumento de pesquisa monográfica, mas de um instrumento chave de aplicação, de poder e de cultura se conseguirmos dar-lhe as dimensões que requer.

O Plano de Estudo tem o potencial de desvelar a vida em suas diversas dimensões, uma vez que traz a problemática das comunidades para ser melhor refletida nas aulas, serões e demais momentos proporcionados pela dinâmica da EFA.

Cabe destacar a organização dos Planos de Estudo, em 2023, esquematizada no Quadro 6, mais adiante, que orienta todo o processo educativo da EFA Dom Fragoso.

Quadro 6 — Organização dos Planos de Estudo (2023)

<b>Tema gerador</b>	
<b>Subtemas</b>	<b>Enfoques</b>
<b>1º ano Tema gerador: A família camponesa na construção do Bem Viver:</b>	
1º Subtema: a vida da minha família (aspectos históricos, composição familiar e relações familiares).	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar as origens da família;</li> <li>- Mapear a composição familiar;</li> <li>- Identificar a organização do trabalho entre membros da família.</li> </ul>
2º Subtema: o acesso e manejo da terra e da água em minha família.	<p>Compreender o processo de acesso à terra: tamanho da área e qualidade do solo;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Diagnosticar as formas de uso da terra;</li> <li>- Identificar as fontes hídricas;</li> <li>- As formas de uso da água;</li> <li>- Identificar os tipos de reuso das águas cinza.</li> </ul>
3º Subtema: a alimentação e saúde da minha família.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar os tipos de alimentos produzidos e consumidos pelas famílias;</li> <li>- Identificar os tipos e origens dos alimentos que são comprados;</li> <li>- Perceber as formas de saúde preventiva (higiene, limpeza, tratamento de água);</li> <li>- Constatar as estruturas de saneamento básico (destino do lixo, tipos de fossas, esgoto);</li> <li>- Diagnosticar o acesso à saúde público-privada;</li> <li>- Identificar formas de tratamento de doenças (remédios caseiros ou industriais).</li> </ul>
4º Subtema: aspectos Econômicos da minha família (agricultura, pecuária, serviços, benefícios e programas sociais etc.).	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar a geração de renda oriunda da produção familiar;</li> <li>- Identificar fontes de renda externas da família;</li> <li>- O acesso da família a programas e benefícios sociais;</li> <li>- Entender como a família contabiliza as rendas e despesas.</li> </ul>
5º Subtema: a educação, espiritualidade e participação social da minha família.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mapear o grau de escolaridade dos membros família;</li> <li>- Identificar os valores vivenciados pela família (que ajudem as pessoas a serem boas);</li> <li>- Identificar práticas que fortalecem a espiritualidade das pessoas da família (espiritualidade para além das religiões);</li> <li>- Identificar a participação familiar nos espaços comunitários e/ou organizações populares.</li> </ul>
<b>2º ano – Tema gerador: A comunidade camponesa na construção do Bem Viver:</b>	
1º Subtema: a história da comunidade, formas de organização sociais e	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificação da comunidade (nome, origem, localização, quantas famílias e habitantes, distância para a sede, acesso);</li> </ul>

<b>Tema gerador</b>	
<b>Subtemas</b>	<b>Enfoques</b>
econômicas e as relações com o poder público.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Processo de formação (quem foram os primeiros habitantes, de onde vieram, etnias);</li> <li>- Características da comunidade (como vivem, as tradições, expressões religiosas, como/onde/para que se organizam, há migração/para onde?);</li> <li>- Situação econômica (de que vivem);</li> <li>- Relação de poder: Tem alguém que manda na comunidade? Quem? Quais são as intervenções do poder público (Saúde, Educação e outras políticas públicas)?</li> </ul>
2º Subtema: o acesso e manejo da terra e da água na comunidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acesso à terra/relação com a terra: proprietários, arrendatários, parcerias, morador, dependente, herdeiros, etc. (tamanho das áreas);</li> <li>- Uso da terra e locais manejados (roçado, quintal produtivo, criação de animais);</li> <li>- Manejo da terra: técnicas e tecnologias adotadas para o preparo do solo; <ul style="list-style-type: none"> <li>- Relação de gênero com os manejos da terra;</li> <li>- Acesso à água;</li> </ul> </li> <li>- Técnicas e tecnologias adotadas pela comunidade para captação e armazenamento; <ul style="list-style-type: none"> <li>- Água e seus diferentes usos;</li> </ul> </li> <li>- Relação de gênero com os manejos da água.</li> </ul>
3º Subtema: as culturas agrícolas da minha família e comunidade (produção e manejo).	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As culturas agrícolas cultivadas pela comunidade; <ul style="list-style-type: none"> <li>- Procedência das sementes;</li> </ul> </li> <li>- Manejos adotados na produção: formas de plantio, adubação, capina, roço, uso de defensivos agrícolas, entre outros tratamentos culturais; <ul style="list-style-type: none"> <li>- Colheita e armazenamento;</li> </ul> </li> <li>- Acesso a políticas públicas para a produção.</li> </ul>
4º Subtema: a criação e manejo dos animais da minha família e comunidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Animais criados na comunidade: espécies e raças; <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sistema de criação e produção;</li> <li>- Instalações;</li> </ul> </li> <li>- Manejos: sanitários (uso de fármacos e remédios caseiros), alimentares e reprodutivos; <ul style="list-style-type: none"> <li>- Manejo de pastagens: nativas e cultivadas;</li> </ul> </li> <li>- Acesso a políticas públicas para a criação animal.</li> </ul>
5º Subtema: beneficiamento, consumo, comercialização e armazenamento da produção.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Principal objetivo da produção vegetal e animal (consumo e comercialização);</li> <li>- Técnicas e tecnologias para armazenamento da produção;</li> <li>- Técnicas e tecnologias para beneficiamento da produção animal e vegetal; <ul style="list-style-type: none"> <li>- Parte da produção comercializada;</li> </ul> </li> <li>- Formas de comercialização da produção: feiras, atravessadores, comércio, cooperativas, etc.</li> </ul>
<b>3º ano – Tema gerador: A sociedade do Bem Viver:</b>	
<p>1º Subtema: agricultura camponesa vs grandes projetos no campo;</p> <p>2º Subtema: tipos de agricultura sustentável;</p> <p>3º Subtema: os modelos de sociedade e Reforma agrária;</p> <p>4º Subtema: ciência e saberes populares;</p> <p>5º Subtema: PVFC: partilhando e celebrando o Bem Viver.</p>	

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Todo o processo de ensino acontece com base nos Planos de Estudos, isto é, os/as educandos/as pesquisam e socializam esses conhecimentos com todos, e perante cada subtema pesquisado, todos os componentes curriculares vão contextualizar esses conhecimentos. Quanto ao componente curricular Geografia, este também segue a mesma dinâmica.

A título de exemplo, no subtema: a história da comunidade (formas de organização sociais, econômicas e as relações com o poder público), que tem a turma 2º ano como responsável, o componente curricular Geografia aborda a identificação da comunidade pelo desenho, ou seja, croque da comunidade, e apresentação de outros elementos como nome, o porquê do nome, a origem, localizações, distâncias de um lugar para outro, além de refletir a situação econômica desses lugares onde vivem.

Sobre as situações econômicas, busca-se compreender o seguinte: do que vivem essas famílias? Quais atividades econômicas estão presentes na vida delas? Com base nesses questionamentos, busca-se analisar o contexto desses lugares porque essas atividades são realizadas nesses espaços, trazendo, portanto, as potencialidades e fragilidades para melhor entendermos todos os aspectos apresentados. As reflexões conceituais acontecem mediante leituras de textos (apostilas produzidas), vídeos, músicas, bem como através da construção de mapas mentais, dentre outros recursos.

Outro exemplo de subtema: o acesso e manejo da terra e da água na comunidade, que tem a turma do 2º ano como responsável, o componente curricular Geografia contextualiza esse subtema com o objetivo de compreender quais técnicas e tecnologias são adotadas pela comunidade para a captação e armazenamento e como se dá a relação das famílias com a água.

O uso da água e a sua resignificação, na vida das pessoas das comunidades do semiárido, é uma temática utilizada como exemplo. Diante das falas dos educandos, percebemos o quão importante é esse bem natural para a vida dessas pessoas, bem como as relações criadas sobre o uso consciente. O primeiro aspecto a ser considerado é a questão do acesso à água e como ele se dá. As políticas públicas e lutas envolvidas para esse acesso estão sempre muito presentes nas histórias da comunidade e se entrelaçam com o acesso à terra. Sobre o clima do semiárido, Malvezzi (2007, p. 12) evidencia que:

O segredo da convivência está em compreender como o clima funciona e adequar-se a ele. Não se trata mais de “acabar com a seca”, mas de adaptar-se de forma inteligente. É preciso interferir no ambiente, é claro, mas respeitando as leis de um ecossistema que, embora frágil, tem riquezas surpreendentes. O segredo da convivência com o Semiárido passa pela produção e estocagem dos bens em tempos chuvosos para se viver adequadamente em tempos sem chuva. O principal bem a ser estocado é a própria água. Parece contraditório falar assim, pois dizem que ali não chove. Mas, como vimos, o Semiárido brasileiro é o mais chuvoso do planeta.

No que se refere ao acesso, percebemos as dificuldades no dia a dia, e com isso, a importância das tecnologias de convivência com o Semiárido. Como exemplos, podemos citar as cisternas de placas, cujo objetivo é fortalecer a primeira linha da água, que é tê-la disponível para beber e para o consumo em geral. Em razão disso, observa-se que as cisternas têm ajudado muitas famílias a terem qualidade de vida, pois, só se compreende a importância de uma cisterna quem bebeu água salobra, ou carregou a lata d'água por vários quilômetros, buscando essa água em terras alheias, nas cacimbas onde os recursos eram bem limitados. Realidade que obrigava muitos a acordarem de madrugada para buscar água. Sobre a importância das cisternas de placas para a convivência com o Semiárido, Malvezzi (2007, p. 13) salienta que:

[...] Um pedreiro sergipano inventou uma tecnologia que está dando certo em toda a região Semiárida e agora está sendo levada para fora dela. São as chamadas cisternas de placas para captação de água de chuva para consumo humano. Esses reservatórios, com forma ovalada, com metade de suas dimensões encravadas no chão, construídos no pé das casas, usam calhas para colher a água de chuva que escorre dos telhados, direcionando-a para as cisternas. Hermeticamente fechadas, elas não permitem a entrada de luz, a evaporação ou a transpiração. A água depositada ali durante os períodos chuvosos fica guardada para os períodos em que normalmente não chove.

Outro elemento importante relativo à ressignificação da água, com esse olhar acerca da convivência com o semiárido, são os cultivos. As famílias procuram plantar em seus quintais, tornando-os produtivos, tendo essa *expertise* de cultivar, plantar, adaptadas à realidade de semiaridez ou mesmo as nativas. Percebemos isso evidenciado pelas fruteiras, algumas hortaliças, forrageiras ou mesmo culturas de roças de sequeiro produzidos pelas famílias. Além disso, elas, juntamente com os educandos, destacam essas aprendizagens na EFA e depois colocam em prática em suas casas.



O ensino de Geografia, nesse contexto, tem sido importante para a construção e aprofundamento das leituras do mundo, apresentadas em face das diversas realidades destacadas pelo Plano de Estudo. Assim, essa realidade vai sendo ressignificada com os círculos de conhecimentos que acontecem na escola, são aplicados pela família e comunidade e retorna para a escola sempre somando saberes. Sobre esses espaços, Carlos (2019, p. 18) evidencia que:

A vida contempla, desse modo, um mundo objetivo a partir do qual se constitui a ação que cria a identidade das pessoas com os lugares e com o outro da relação social. Enquanto construção e obra do ser humano, essa ação tem um sentido poético. É também através dessa relação que se constroem as histórias particulares (a partir de um ponto fixo), que é também de onde constroem histórias coletivas. Para isso é necessário a mediação de um centro que reúne sujeitos e ações. Nesse percurso, a materialidade do espaço se relativiza. Ele é materialidade que permite ações – são a casa, o mercado, as ruas, e avenidas e é também a identidade que os indivíduos criam em relação a estes lugares de manifestações da vida.

Foi solicitado que os pesquisados destacassem, com base no questionário aplicado, as perguntas ou assuntos que consideravam mais interessantes, bem como quais assuntos julgavam ser mais visíveis no seu cotidiano. Assim, temos os seguintes depoimentos:

Pode contribuir para o meio ambiente, como por exemplo, o desenvolvimento sustentável. (P 20, P 03, P 04, 2022).

Ajuda a entender nossa missão de transformação para melhorar nossa comunidade, nossos quintais, nossas criações, a forma como a comunidade trabalha, se organiza. (P 01, P 05, P 08, 2022).

Principalmente um novo cuidado com o uso da água, diversidade de culturas plantadas. (P 02, P 19, P 17, 2022).

Por exemplo, a questão da água, em escolher bem o que plantar de acordo com a nossa realidade climática. (P 13, P 14, P 02, 2022).

Em relação à minha aprendizagem, ajuda a ter uma outra forma de cuidar de casa e da comunidade, a ter cuidado com o lixo, preservar as matas, o solo, a água, não usar veneno. (P 15, P 06, P 07, 2022).

Conseguimos ver a nossa realidade com outro olhar, procuramos colocar em prática nosso aprendizado nos quintais, entender melhor nossa história. (P 09, P 10, P 18, 2022).

Nesse entrelaçar de conhecimentos ressignificados pela Pedagogia da Alternância, o ensino de Geografia vai ganhando destaque. Assim, os educandos relatam que todas as mediações da Pedagogia da Alternância contribuem para o processo formativo deles, e destacam o Plano de Estudo como elemento essencial. O plano possibilita melhor interação com as pessoas do meio, e com isso, a busca de alternativas sustentáveis como a diversidade de culturas adaptadas àquela realidade.

O ensino de Geografia está entrelaçado com essa potencialidade que tem ajudado a refletir o mundo diante da realidade de cada lugar, e por isso, proporciona novo olhar sobre as vivências, histórias, desafios, problemas, como também ajuda a apontar possíveis soluções.

### **3.2 Práticas do ensino de Geografia no campo**

A Geografia é este componente curricular que nos permite sonhar, questionar, dialogar, interagir com o nosso mundo e, principalmente, transformar a realidade social, muitas vezes marcada pelas desigualdades sociais, pelas facetas do coronelismo, da fome, dentre tantas outras mazelas. Iniciei a minha graduação com o sonho de mudar o mundo e poder contribuir com a busca de uma sociedade que estamos chamando aqui de “Bem viver”.

Concluí a minha graduação em 2008 e, naquela época, já estava trabalhando na Escola Família Dom Fragoso há quatro anos, iniciando a minha vida docente na situação de estagiária, pois fui convidada para fazer o estágio nessa escola no ano de 2004. Este convite foi feito pela EFA, pois, naquele ano, o grupo que havia iniciado o trabalho pedagógico, em 2002, estava precisando contar com outros profissionais para acompanhar as atividades pedagógicas, bem como toda a dinâmica que correspondia à vida de um/a monitor/a.

Peço licença para apresentar aqui um relato da minha experiência como professora de Geografia na Escola Família Agrícola Dom Fragoso, além de também fazer um mergulho na literatura sobre o ensino de Geografia na Educação do Campo, com o intuito de desvelar como acontece o ensino de Geografia e que passos estão sendo dados para ajudar os/as educandos/as a serem protagonistas de suas vivências.

Comecei a trabalhar em junho de 2004, na EFA Dom Fragoso, depois de ser convidada para realizar um período de estágio, conforme mencionado, e destaco, em

primeiro lugar, que tudo era muito novo, pois haviam pouquíssimos conhecimentos sobre Pedagogia da Alternância, Educação do Campo, Educação Contextualizada.

Enfim, todo esse dinamismo que a Pedagogia da Alternância pode proporcionar era muito desafiador para mim, mas, ao mesmo tempo, todas aquelas vivências encantavam demais. Na época, cursava a graduação em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), e confesso que obtive muito conhecimento, mas nada se compara à riqueza que é a vivência da EFA, o quanto crescemos como profissionais e, especialmente, como seres humanos.

Destaco que o início da minha vida de monitora foi muito difícil, mas com muitas aprendizagens e estudos, pois a responsabilidade de ensinar numa escola como a EFA é enorme, uma vez que tudo é sinônimo de conhecimento. Por isso, atuar em uma Escola Família Agrícola exige de nós muito dinamismo, compromisso social, espírito de liderança, coletividade e, principalmente, sede em ajudar a transformar essa sociedade.

As atividades desenvolvidas na EFA são diversas, além do acompanhamento das mediações pedagógicas, como aulas, serões, Plano de Estudo, Estágios, Visitas às Famílias, Visitas de estudo, Caderno de Acompanhamento, Caderno da Realidade, Acompanhamento Personalizado, temos nossa atuação nos Sistemas Produtivos.

Pensando numa melhor convivência com o semiárido dentro da dinâmica da EFA, foram criados alguns Sistemas Produtivos a fim de trabalhar as diversas práticas agrícolas, a saber: a) o Sistema da Horticultura, representado aqui pela mandala; b) viveiro de mudas; c) sistema das fruteiras, representado pelas áreas das bioáguas e brejo, e demais espaços de produção de fruteiras; d) Sistema de Produção de Forragem que corresponde ao Banco de Proteínas; e) Palmal; f) roçados (plantio de sorgo, milho); g) além das áreas de piquetes de plantas nativas; h) Sistema relacionado à pecuária, representado aqui pela bovinocultura; i) ovinocaprinocultura; j) suinocultura; k) avicultura; l) piscicultura; m) apicultura e n) o minhocário. Além desse, há áreas de reflorestamento, agrossilvopastoril, agrofloresta, paisagismo, em destaque, o jardim, sistemas de beneficiamentos representados pela Casa do mel e padaria, casa de sementes que nos permitem ter uma melhor preservação das nossas sementes, e horta medicinal. Os registros representados pelas Figuras 22 e 23, a seguir, demonstram o plantio de um roçado feito pelos educandos e a realização dos manejos com os criatórios de ovinocaprinocultura.

Figura 24 — Plantio de uma roça pelos educandos



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 25 — Manejo da ovinocaprinocultura



Fonte: Acervo da autora (2022).

Os Sistemas Produtivos servem como laboratório para as aulas práticas, além de ajudarem na manutenção sustentável da escola, pois eles garantem, em épocas de inverno, 60% da alimentação, e ainda ajudam na divulgação dessas atividades. Isso comprova que, mesmo diante de todas as dificuldades vivenciadas na EFA, tanto por aspectos físicos, climáticos, como econômicos, a produção é satisfatória, e assim, fica evidente que, em qualquer outro espaço com a realidade do Semiárido, isso também é possível. As Figuras 24 e 25, adiante, destacam o plantio de palma realizado pelos educandos em 2023.

Figura 26 — Plantio de Palma



Fonte: Acervo da autora (2022).



Figura 27 — Plantio de Palma



Fonte: Acervo da autora (2022).

Todo esse dinamismo, proporcionado pelas vivências da EFA Dom Fragoso, em alternância, permitiu-me ser um ser humano melhor, uma educadora com visão holística, além de ter fortalecido ainda mais o amor pela Geografia, pela pesquisa, pelo diálogo mediado através das interações entre escola, família e comunidade. Dessa forma, as aulas de Geografia vão sendo construídas em função do seu chão, do seu contexto, da realidade das comunidades, das aprendizagens vivenciadas nos Sistemas Produtivos, da mística que reflete as nossas vidas, dentre tantos outros elementos que vão se somando ao mundo geográfico, de leituras, interpretações, diálogos e transformações.

Nessa caminhada, trazemos, como preocupação sempre presente, o que ensinar em Geografia, ou seja, como ajudar os educandos a praticar uma leitura de mundo crítica significativa. Sobre isso, Cavalcanti (2019, p. 63) infere que:

[...] havia pressupostos, a partir dos movimentos de sua renovação, de que ensinar Geografia não poderia consistir em uma ação de transmissão de conteúdos por si mesmos, mas deveria ser uma ação que ensinasse a se fazer a análise geográfica de fatos e fenômenos. Tal perspectiva acusava não apenas uma mudança no olhar sobre o

ensino de Geografia, como também constituía um caminho frutífero para o reconhecimento de sua relevância social.

Podemos concluir que o ensino de Geografia é revolucionário, e associado ao contexto da Pedagogia da Alternância, se torna uma potencialidade incrível, capaz de contribuir com a mudança de muitos lugares, pois este ensino pode sim, ressignificar a vida desses estudantes. Dessa forma, as problemáticas acontecem e se tornam referência para reflexão, debate e pesquisa, e por conseguinte, retorna para a comunidade, reforçando o protagonismo desses educandos tanto em suas comunidades quanto no espaço escolar.

### **3.3 Situações geográficas para o ensino de geografia na EFA**

O que ensinar em Geografia? Está é uma indagação feita constantemente pelos/as educadores/as desta área, com a preocupação de ajudar os/as nossos/as educandos/as a pensar de forma geográfica, a olhar o seu contexto e a conseguirem realizar uma leitura crítica da realidade vivenciada.

Feitas essas ponderações, esta seção visa abordar situações geográficas que nos permitam realizar reflexões acerca do assunto, iluminados pelo olhar de Serpa (2021), Castellar e De Paula (2020), Cavalcanti (2019) e Dardel (2012).

Como ensinar Geografia diante do contexto dos educandos da EFA? Como ensinar a olhar o mundo e suas relações, despertando o encantamento, os questionamentos e, posteriormente, o reconhecimento do espaço geográfico? Para tanto, buscamos despertar os educandos para a verdadeira compreensão de como a Geografia se integra às suas vivências.

Importa ressaltar que a Geografia é uma ciência ampla e com muitos conceitos estruturantes e importantes para o fazer geográfico. Ela estuda as relações do ser humano com o espaço geográfico, mediante elementos naturais, assim como pela interação entre as pessoas que vão construindo os lugares. Dessa forma, a Geografia vai se desvelando em função da vida das pessoas em seus lugares e territórios. Sobre isso, nos explica Dardel (2012, p. 2, grifos do autor) acerca da Geografia, que de acordo com sua etimologia, ela é:

[...] a "descrição" da Terra; mais rigorosamente, o termo grego sugere que a Terra é um texto a decifrar, que o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto.

O conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino. Não se trata, inicialmente, de um atlas aberto diante de seus olhos, é um apelo que vem do solo, da onda, da floresta, uma oportunidade ou uma recusa, um poder, uma presença [...].

O espaço Geográfico é considerado o objeto de estudo da Geografia e de fundamental importância, haja vista que está associado à ideia de algo bem complexo, visto que é formado por todas as relações construídas entre a sociedade e a natureza. Assim, neste trabalho, destacamos a EFA e as comunidades como espaços nos quais estas relações vão sendo desveladas. No que se refere ao espaço geográfico, Dardel (2012, p. 8) explicita que:

Por toda parte o espaço geográfico é talhado na matéria em uma substância móvel ou invisível. Ele é a falésia, escarpa da montanha; ele é a areia da duna ou a grama da savana, o céu morno e enfumaçado da grande cidade industrial, a grande ondulação oceânica. Aérea, a matéria permanece ainda matéria. O espaço "puro" do geógrafo não é o espaço abstrato do geômetra: é o azul do céu, fronteira entre o visível e o invisível; é o vazio do deserto, espaço para a morte; é o espaço glacial da banquisa, o espaço tórrido do Turquestão, o espaço lúgubre da landa sob a tempestade.

Olhando para esses espaços geográficos, o ensino de Geografia na EFA sempre teve a preocupação de acolher/refletir e ajudar a transformar, sentir a vida camponesa em todas as dimensões, bem como voltar o olhar em relação aos aspectos agroecológicos, às Práticas de Convivência com o Semiárido que são questões muito importantes. Além disso, questões relacionadas à terra, à água, à forma como essas famílias se organizam politicamente e vivenciam seus aspectos culturais também são objeto de discussão.

Sobre o conteúdo de estudo da Geografia, destaca-se, a seguir, relatos dos familiares dos/as educandos/as em resposta ao seguinte questionamento: é possível perceber a aprendizagem da Geografia no cotidiano do filho ou filha? Assim, obtivemos os seguintes depoimentos:

A Geografia estuda sobre semiárido, espaço geográfico e é uma disciplina que estuda sobre vários assuntos da sociedade. (P 23, P 25, 2022).

A Geografia nos ajuda a ver a situação das famílias que não têm terra, que não têm água pra produzir e até pra outros fins. (P 27, P 30, 2022). É importante compreender sobre o Lugar pra saber sobre nossa comunidade. (P 24, P 28, 2022).



Principalmente um novo cuidado com o uso da água, diversidade de culturas plantadas. (P 26, P 31, 2022).

Por exemplo, a questão da água, em escolher bem o que plantar de acordo com a nossa realidade climática. (P 33, P 36, 2022).

Em relação à minha aprendizagem, ajuda a ter uma outra forma de cuidar de casa e da comunidade, a ter cuidado com o lixo, preservar as matas, o solo, a água, não usar veneno. (P 32, P 34, 2022).

Conseguimos ver a nossa realidade com outro olhar, procuramos colocar em prática nosso aprendizado nos quintais, entender melhor nossa história. (P 28, P 29, 2022).

Convivência com o Semiárido, dessa forma, temos como interagir com a comunidade através de novas práticas, cultivos diversificados, ajudando as famílias a identificar seus potenciais. (P 35, 2022).

Sim, pois a Geografia estuda sobre tudo isso e nos ajuda a refletir nossa realidade, conhecer os nossos potenciais, conhecer nossas matas, nosso solo, nossas águas, tudo que é relacionado à comunidade, a refletir os nossos problemas como a falta de terra pra produzir. (P 38, P 40, 2022).

Pois a partir desses conhecimentos obtidos conseguimos melhorar a forma como nos organizamos, percebemos o nosso papel de protagonista nessa sociedade. (P 41, 2022).

Pelo exposto, constata-se a importância das falas, o que colabora para compreender a complexidade e o alcance que o ensino de Geografia tem nas vidas das pessoas. Percebemos a diversidade de conteúdos com os quais trabalhamos, de modo que fortalecemos a ideia destacada por Cavalcanti (2019) sobre uma Geografia viva. O ensino de Geografia vivenciado na EFA Dom Fragoso traz muito significado em seus temas, sobretudo, em relação às temáticas que estão refletidas na vida das famílias/comunidades, que impactam no jeito de pensar geograficamente.

As situações geográficas na EFA estão presentes no cotidiano das leituras de mundo diante da busca pela compreensão da questão do acesso à terra, por exemplo, tal como das famílias dos educandos e seus respectivos lugares. Assim, buscamos compreender e ajudar os educandos a perceberem as consequências decorrentes do fato de a grande maioria das famílias não terem terra e água (realidade expressa no Plano de estudo “Acesso à terra e água”). A falta de acesso e esses direitos básicos pode significar limitações nas questões produtivas e no desenvolvimento desses camponeses, visto que isso tem se refletido nas vivências das famílias como um

problema na hora de escolher as atividades produtivas a serem realizadas no Projeto de Vida da Família Camponesa.

O problema em relação à concentração fundiária para as famílias camponesas é premente, raiz dos diversos males na sociedade brasileira, e dentre eles, a desigualdade social, o desemprego, o êxodo rural, a fome, a violência dentre tantos outros problemas que são acarretados por essa realidade da imensa concentração de terras que existe no Brasil até os dias atuais.

A concentração fundiária está presente na vida da grande maioria das famílias que fazem parte da EFA, e isso implica diretamente na falta de um espaço para produzir os seus alimentos, até para fazerem suas casas. Isso impacta diretamente a questão do desemprego, da falta de perspectivas da juventude, além do êxodo rural que ocasiona o abandono da terra natal para os grandes centros urbanos.

O ensino de Geografia realizado na EFA tem buscado refletir as questões ambientais como algo de muita importância, por isso se atenta à questão da seleção do lixo ou riquezas não aproveitadas. Nas aulas ou serões, busca-se trabalhar a conscientização para repensarmos nossas atitudes consumistas e as substituir por atitudes sustentáveis. Além disso, pensa-se na reciclagem de alguns produtos como a garrafa pet, que se transforma em sistema de irrigação por gotejamento, ou mesmo os vasos danificados que se transformam em vasilhames no jardim, dentre outros exemplos que as famílias e educandos vão multiplicando em seus lugares. Dessa forma, a paisagem vai se transformando. Em função dos cuidados com a casa maior, essas paisagens ganham novos ares, novas perspectivas de cuidado com o lixo, com o quintal e demais espaços da comunidade. Em vista disso, percebemos o embelezamento nas casas e nas posturas das pessoas.

Pensando a categoria lugar, percebemos as suas diversas formas impressas na cultura, compreendendo-a de forma holística que abrange o todo, o jeito de viver, de se organizar, de trabalhar, da forma como se alimentam, como preparam esses alimentos, ou mesmo na forma como plantam, manejam essas culturas, suas relações com a terra e a água. Essa maneira de perceber a realidade estimula repensar a cultura apenas por uma visão folclórica e restrita imposta pelo capitalismo. Até a forma

como selecionam suas sementes<sup>10</sup> e as semeiam de acordo com suas realidades, de modo que levam em consideração os tipos de solos disponíveis para o plantio.

As Figuras 26 e 27, a seguir, evidenciam o uso da pesquisa na casa de sementes na EFA Dom Fragoso.

Figura 28 — Desenvolvimento de pesquisas na casa de semente EFA



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 29 — Desenvolvimento de pesquisas na casa de semente EFA



Fonte: Acervo da autora (2022).

<sup>10</sup> Sementes que têm características de uma germinação mais rápida são semeadas em anos de poucas chuvas. Sementes que demoram a germinar são plantadas no início do inverno com o intuito de aproveitar bem todo o período invernos.

Além das sementes selecionadas para o plantio, é considerada, pelos educandos, a importância de guardar as sementes como patrimônio da humanidade e possibilidade de continuidade e preservação da vida. Dessa forma, as sementes não servem apenas para o plantio das roças de sequeiros — a exemplo do milho, do feijão, do jerimum, da melancia, do pepino, entre outras — mas também para preservação das plantas nativas do semiárido brasileiro, como angico, aroeira, catingueira, imburana, mofumbo, além das hortaliças tradicionais e fruteiras adaptadas à nossa realidade de semiaridez. Dessa forma, esclarece Marcos (2019, p. 101) que:

Das categorias gestadas pelo campesinato, aquela que pode ser identificada como um manifesto camponês contra a homogeneização da produção e do alimento é a dos bancos de sementes crioulas (ou da paixão, da gente, da resistência, da fartura, a depender da região onde são produzidas). São sementes que possuem uma identidade local, são transmitidas de geração em geração e se adaptam às condições naturais de produção. Eles podem ser familiares – quando uma família reserva as sementes que será usada na safra seguinte – ou comunitários – quando várias famílias armazenam em um único banco suas sementes [...].

Percebemos a magnitude das transformações que estão acontecendo no jeito de produzir nos quintais produtivos, apesar da realidade de semiaridez, o que evidencia a capacidade de lidar e manejar esses diversos tipos de solos encontrados em nossas comunidades. Por isso, entender também as limitações hídricas existentes na realidade da maioria das famílias, ajuda a criar a maneira de conseguir conviver de forma harmoniosa com o nosso semiárido.

Dito isso, verifica-se que os quintais produtivos têm sido destaque para as famílias que conseguem produzir seus alimentos como as fruteiras, hortaliças, plantas medicinais e, em alguns, até pequenos criatórios. Assim, são valorizadas as aprendizagens obtidas pelos educandos na EFA e contextualizadas nesses espaços, nos quais aprendem na comunidade e levam para a escola, de forma que a aprendizagem está em constante movimento e ressignificação.

Outras situações presentes na realidade das comunidades são a preocupação com as organizações políticas, antes não visualizadas pela grande maioria dos jovens. No entanto, após ingressarem na EFA, observamos novas posturas, questionamentos e transformações acerca da vida política, da associação, dos grupos de jovens, mulheres e apicultores. As relações de poder que vão sendo desveladas na comunidade, perante suas vivências, fazem emergir questionamentos: como se

organizam? Como acontecem as decisões/tomadas de poder? Como elaboram e/ou acessam as políticas públicas? As discussões passam a acontecer em razão da organização comunitária tendo as lideranças como suporte, ou por outras influências (vereadores).

Realidades como as desigualdades sociais, fome, desemprego, violência, marginalização são problemas sociais que os jovens da EFA passam a olhar com criticidade. Com isso, buscam a compreensão dos fatos que antecedem esses processos na comunidade, bem como as consequências dessas mazelas sociais na vida das pessoas diante do fato de uns terem tanto, e outros, nada.

Diante de toda essa complexidade refletida e presente nas vivências das comunidades, nos questionamos, diversas vezes, como construir esse olhar geograficamente com os/as educandos/as, de forma que eles/as se percebam como protagonistas de suas histórias. Indagamo-nos sobre como ajudar as famílias a terem autonomia e, no dia a dia, perceberem as contradições impostas pelo capitalismo, dado que, como no Brasil, que é um país que produz vegetais e carnes diversas, além de ter um dos maiores rebanhos, é cobrado um preço tão alto por gêneros? Nas aulas refletimos sobre o que está por trás de tudo isso.

A juventude camponesa, na construção do bem viver, rompe suas algemas na busca por políticas públicas que considerem as diversas realidades e potencialidades do campo. Essa posição questionadora promove transformações desses espaços, pois esses alunos se tornam sujeitos protagonistas de suas histórias, em um processo de emancipação revolucionária em que o ensino de Geografia atua de forma muito significativa dentro desses contextos.

#### 4 LUGAR E PAISAGEM NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

Apresentamos, neste capítulo, os conhecimentos sobre as categorias lugar e paisagem, cuja reflexão parte das respostas obtidas por meio dos questionários aplicados com as famílias e com os/as educandos/as. Além disso, dialogamos sobre a construção do raciocínio geográfico, das aprendizagens contextualizadas nas comunidades dos educandos pelas “lentes” da paisagem e do lugar.

As categorias lugar e paisagem são caras à Geografia. Elas são instrumentos carregados de sentido para que possamos analisar a realidade sob a ótica da ciência geográfica. A categoria lugar possibilita olhar o espaço ressignificado pelas histórias, vivências, pelo trabalho desenvolvido pelas famílias, tal como pela forma como se organizam para conquistarem seus direitos, e como lidam com a terra e com a água. Assim, esclarecem Giometti, Pitton e Ortigoza (2012, p. 35) que:

O lugar como experiência caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao ambiente. Nesta linha de raciocínio, o lugar é resultado de significados construídos pela experiência, ou seja, trata-se de referenciais afetivos desenvolvidos ao longo de nossas vidas.

A paisagem, aqui expressa e observada na convivência com o Semiárido, remete ao enquadramento dos diferentes cenários vistos e vividos no cotidiano, repletos dos saberes e ações das famílias, em prol da sua moradia e sobrevivência, considerando hábitos e culturas que se materializam no espaço. Sobre a paisagem, ainda reforçam Giometti, Pitton e Ortigoza (2012, p. 35), que:

A paisagem conjuga o passado, o presente e nos aponta o futuro, em uma convivência de diferentes temporalidades que faz de cada uma delas única. Entendida como um produto social e histórico, ela retrata as sociedades que a construíram e a constroem.

A Escola Família Agrícola Dom Fragoso tem a missão de ajudar as famílias a terem um novo olhar em relação à convivência com o Semiárido. Esse compromisso fica explícito em seu objetivo principal, constante no seu PPP (2019, p. 29), que é o de:

[...] promover uma formação contextualizada e integral de jovens agricultores (as) camponeses (as), buscando desenvolver o protagonismo juvenil e tecnologias apropriadas para a convivência

com o semiárido do território Inhamuns-Crateús, na perspectiva do bem viver no sertão cearense.

Nas vivências dos Sistemas Produtivos, nas aulas e demais momentos pedagógicos, a categoria lugar serve para dialogar acerca das relações construídas e suas vivências culturais, expressas nas manifestações religiosas, nas histórias das pessoas, na forma de elas, em suas comunidades, se organizarem e lutarem por seus direitos. Da mesma forma, lugar remete ao jeito de plantar, de se organizar para o trabalho, de se alimentar, de preparar esses alimentos, nas relações sociais e de afetividade que são construídas ao longo do processo nesses lugares.

Nas comunidades que fazem parte da EFA predominam as religiões católica e evangélica, sendo muito forte, também, a presença dos ritos indígenas e do povo negro. O jeito de demonstrarem suas crenças se efetiva mediante cânticos, em suas simbologias, nos batuques e cirandas, sempre muito marcantes desse sincretismo.

Apresentamos a dança do Toré como uma manifestação cultural religiosa dos nossos povos tradicionais, na aldeia Fidelis, no município de Quiterianópolis, Ceará. As Figuras 28 e 29 registram, adiante, o educando Hugo Bezerra, juntamente com sua família, na celebração de apresentação do Projeto de Vida da Família Camponesa (PFVC), anteriormente mencionado na seção sobre a EFA e suas mediações.

A apresentação é um momento em que o educando e sua família apresentam, para a comunidade e demais lideranças sociais, os seus projetos desenvolvidos ao longo dos três anos em que estudou na EFA. Os seus projetos são quintal produtivo, avicultura e ovinocultura, e é um momento celebrativo, contemplativo, em que a comunidade acolhe esse aluno, sendo, agora, um técnico em agropecuária. Tal celebração fortalece cada vez mais os vínculos da vida manifestada de forma muito holística e produtiva, pois ele, juntamente com a sua família, traz, em suas vivências dos seus sistemas produtivos, conhecimentos expressos, baseados nas técnicas e tecnologias – são saberes sociais e ancestrais que vão sendo experimentados nesse espaço.

Figura 30 — Apresentação da dança do toré pelo educando Hugo Bezerra e sua família no PVFC



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 31 — Família do educando Hugo no PVFC



Fonte: Acervo da autora (2022).



Dessa forma, o sagrado vai sendo ressignificado em função da vida nas comunidades, assim, o sentido real do termo sincretismo cultural é verdadeiramente vivenciado. Isso porque são trazidos elementos significativos e libertadores que emanam energias capazes de evidenciar a vida que brota das pessoas, das plantas, dos animais, em todas as dimensões.

Essas expressões culturais merecem destaque, pois ainda estão presentes nas comunidades, tal como as comidas típicas, sempre ligadas ao ato de produzir seus plantios em quintais produtivos. Como exemplo disso trazemos o baião de dois, o mungunzá e demais pratos derivados do milho, ou até mesmo os derivados do leite (coalhada, queijo, iogurte, a manteiga da terra, a nata). As carnes que chamamos de “mistura”, tais como a do porco, dos ovinos e caprinos, ou bovina, estão presentes na alimentação e refletem um marco da nossa economia cearense.

As produções dos quintais são evidenciadas como as várias fruteiras adaptadas à realidade de semiaridez, em que consumimos de forma *in natura*, mas também pelo beneficiamento por meio da produção de sucos, polpas, geleias e doces. As hortaliças tradicionais dão um colorido a mais em nossos pratos, tais como os condimentos e temperos produzidos em nossos quintais e criatórios dos pequenos animais, como aves (galinha caipira, capotes, peru e até os patos). Sobre as estratégias camponesas, Marcos (2019, 102) destaca que:

Outra estratégia camponesa de produção sem sujeição é a da produção agroecológica. Feita em sistemas agroflorestais, mandalas ou canteiros tradicionais, essas práticas seguem os princípios norteadores da agroecologia, que tem como perspectiva geral entender a propriedade como agroecossistemas completo, no qual práticas agrícolas tradicionais e ideias inovadoras, conhecimento secular e descobertas da ciência moderna dialogam em condições de igualdade [...].

Toda essa diversidade é produzida em pequenas áreas de terras, especialmente aquelas culturas adaptadas à realidade de semiaridez. Dentro desses aspectos, são adotados alguns cuidados com o uso e reuso da água, que se pauta na aprendizagem que se multiplica em razão das aulas e outras mediações pedagógicas da EFA, nas quais os/as educandos/as contextualizam suas aprendizagens em seus sistemas produtivos com suas famílias.

Pode-se destacar que o trabalho vivenciado na EFA tem ajudado as famílias a repensarem suas ações com a terra e a água, proporcionando um novo olhar, mais

cuidadoso e reflexivo diante das práticas inadequadas como o uso das queimadas, o desmatamento e uso dos agrotóxicos. Infelizmente, elas ainda são presentes nas práticas de algumas famílias, mas percebemos que um novo Semiárido vai nascendo diante das reflexões feitas, das novas práticas introduzidas nas vivências dessas famílias que fazem parte dessa construção. Sobre conviver com o Semiárido, Baptista e Campos (2013, p. 66) assinalam que:

Conviver com o Semiárido significa viver, produzir e desenvolver-se, não dentro de uma mentalidade que valoriza e promove a concentração de bens, mas sim enfatiza a partilha, a justiça e a equidade, querendo bem à natureza e cuidando de sua conservação. Conviver com o Semiárido não significa apenas empregar tecnologias diferentes, quer sejam baratas ou caras. Significa abraçar uma proposta de desenvolvimento que afirma ser o semiárido viável, ser o seu povo inteligente e capaz, ser a natureza do semiárido rica e possível, desde que os seres humanos com ela se relacionem de modo respeitoso e que haja políticas públicas adequadas.

Em função das reflexões realizadas nas aulas de Geografia, percebemos maior interesse dos educandos em compreender melhor a missão de buscar transformar nossa comunidade em espaço melhores. Isso porque as discussões em sala ajudam a perceber os problemas vivenciados como desemprego, falta de terra para produzir e construir suas moradias, dificuldade de acesso a uma educação contextualizada e ao lazer, dentre outros desafios que a juventude e suas famílias enfrentam em seus lugares.

A categoria paisagem presente nas reflexões, sempre pertinentes ao ensino de Geografia, refere-se à percepção de como a fisionomia do lugar vai sendo construída e modelada pelo ser humano no dia a dia dessas comunidades. Com isso, as atividades desenvolvidas vão dando vida a esses lugares mediante transformação dessas paisagens. Sobre isso, Cavalcanti (2019, p. 215) ressalta que:

Nesse momento, pode-se falar em formação do sujeito para ampliar as experiências com a paisagem, para entendê-la como forma-conteúdo. Pode-se falar no ensino e em sua tarefa de contribuir para o desenvolvimento das possibilidades intelectuais e afetivas de compreensão das paisagens. Essas possibilidades estão relacionadas ao desenvolvimento das habilidades de descrever, imaginar e observar a paisagem. Essas habilidades, por sua vez, exigem método: partir da paisagem, questionando-a, identificando, catalogando seus elementos, e buscando articulação entre eles, em pontos invisíveis.

Compreende-se a paisagem e sua importância na formação dos/as educandos/as na busca pelo desenvolvimento das habilidades de refletir, criticar, sentir, ouvir e ver os espaços. Por meio das aulas de Geografia, conseguimos sentir, visualizar as paisagens de forma muito concreta e, das nossas sensações e impressões, conseguimos identificar essas relações de ser humano e o espaço geográfico naturalmente.

Além de discutir o que se vê nessas paisagens, nas aulas falamos sobre o que significa a leitura desse espaço geográfico, visto que refletimos sobre quando estamos em uma paisagem com predomínio do bioma Caatinga. A partir disso, indagamos: como se descreve esse bioma? Como ele se encontra? É uma área preservada ou já devastada pelas atividades antrópicas? Como o ser humano ocupa essas paisagens?

Ainda refletindo acerca dessas paisagens, discute-se se é possível encontrar outros elementos como parte, os solos, a própria geologia, a questão da água, os animais presentes, a própria organização geográfica dessas paisagens, e questionamos: como os seres humanos estão interferindo? As relações que vão sendo construídas nesse processo são importantes, e todos estes elementos nos ajudam a interpretar essas realidades.

Realizamos a observação das diversas paisagens do entorno da EFA com a intencionalidade de fazer uma leitura do que vemos e sentimos nessas paisagens. Para isso, observamos a presença de construções humanas, discutindo a intencionalidade dessas construções. Foram observadas também as salas de aulas, os refeitórios, as bibliotecas, os alojamentos em prol de compreender quem havia feito tudo isso. Ainda nos momentos de aula, dialogamos sobre quais objetivos buscam ser alcançados cercado essas áreas, como os criatórios de animais, com as áreas de roçados, ou outros sistemas produtivos.

Esses momentos também são propícios para analisar o solo; percebemos algumas características desses solos visíveis a olho nu – solos rasos pedregosos, desgastados pela ação humana, e com isso, propomos manejos como o uso do esterco, com cobertura seca, coroamento, plantio diversificado, pois observamos que esses manejos ajudam a preservar um pouco a umidade do solo, e desse modo, conseguimos desenvolver os cultivos agrícolas nos sistemas produtivos.

A partir das considerações anteriormente apresentadas, podemos concluir e destacar a importância do conhecimento geográfico, com destaque para a categoria

paisagem, sendo, portanto, refletida, percebida e contextualizada no cotidiano da EFA e sua comunidade escolar.

#### **4.1 Pensando a paisagem e o lugar em que se vive**

Conhecer o lugar onde vivemos é importantíssimo, pois ajuda a refletir sobre as práticas e vivências camponesas, a conhecer as histórias e fortalecer o sentimento de pertencimento nesse espaço comunitário.

Nas aulas de Geografia, há a construção de um novo pensamento por meio das discussões baseadas nos conceitos de paisagem e lugar na EFA Dom Fragoso. Assim, as aulas expositivas, seminários, leituras, debates e, em especial, as aulas práticas no campo permitem uma melhor compreensão dos conteúdos, alcançando o objetivo que é o conhecimento.

As aulas no campo nos ajudam a refletir por intermédio da contextualização dos diversos elementos sobre as categorias paisagem e lugar. Dessa forma, os conteúdos têm suas reflexões desenvolvidas trazendo as devidas problemáticas analisadas, sempre em função da realidade que parte do Livro da Vida,<sup>11</sup> e aprofunda com conhecimentos teorizados. Sobre paisagem, Santos (1988, p. 21) afirma que:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons.

Um exemplo do estudo da paisagem da vegetação da Caatinga, que foi realizado, buscou verificar se todos compreendem onde ela está localizada, que característica sabem apontar, ou a sugestão de um desenho, para depois serem realizadas as devidas reflexões. Tais reflexões podem ser realizadas por meio de pequenos vídeos, leituras, músicas. Para isso, nos dirigimos até um dos Sistemas Produtivos, que pode ser o jardim, e em seguida, os educandos falam sobre o que eles veem, o solo, como é este solo, se está coberto ou descoberto, se é pedregoso. Eles veem árvores, como são essas árvores, se têm espinhos ou folhas. Como são estas folhas, como é o caule dessas árvores, as sementes, o canto dos pássaros, as

---

<sup>11</sup> O livro da vida é uma expressão para dar destaque às vivências e experiências das pessoas em suas comunidades. O ensino na EFA parte sempre da realidade, em que teoria e prática ganham mais significado.

construções humanas, enfim, todos os elementos vão se interligando de modo a facilitar as descobertas e reflexões. Sobre a grandiosidade e dimensão da paisagem Santos (1988, p. 22) destaca que:

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. Por exemplo, coisas que um arquiteto, um artista vê, outros não podem ver ou o fazem de maneira distinta. Isso é válido, também, para profissionais com diferente formação e para o homem comum.

Dessa forma, buscamos o aprofundamento sobre o conhecimento adquirido por meio da observação e análise sobre a paisagem e o lugar, também pela construção do pensamento nas aulas de Geografia, as metodologias, as estratégias e referências que iluminam a caminhada.

A categoria paisagem é aqui expressada pelo uso de fotografias, nas quais os educandos registram tudo aquilo que a representa. As descobertas foram diversas, desde a parte bonita da comunidade, como serras, açudes, rios, plantações, as pessoas trabalhando em seus quintais, roçados, ou mesmo aquilo que não é legal, como a questão do lixo exposto, as queimadas, o desmatamento, dentre outras descobertas. As falas dos/as educandos/as destacam suas compreensões a respeito da paisagem:

O contato que o povo tem com a natureza, a forma de produzir, de cuidar dos seus quintais produtivos. (P 02, P 07, 2022).

Cuido melhor do quintal, da água, da forma de organizar as atividades, percebo melhor os problemas da comunidade. (P 05, P 09, P 10, 2022).

A paisagem está relacionada com a geografia, onde podemos compreender o espaço e tudo aquilo que possamos observar, sentir, ouvir em um determinado lugar. (P 01, P 11, 2022).

Paisagem é tudo que vemos, tudo que é bonito. (P 03, P 08, 2022).

Paisagem está relacionada ao campo, o que produzimos, o que construímos, casas, estradas, açudes. (P 14, P 20, 2022).

A paisagem pode ser nossos roçados, os rios, as áreas cercadas onde os animais se alimentam. (P 17, P 19, 2022).

Percebemos a importância das aulas de Geografia em ajudar os/as educandos/as e suas respectivas famílias a pensar a paisagem e o lugar em que vivem, a compreender a forma como essas comunidades se organizam, os grupos que vão se materializando, como os grupos de jovens, de mulheres, da apicultura dentre outros. A própria associação dos moradores atua como espaço de luta e organização em busca de uma política do bem viver, as atividades desenvolvidas — sobretudo as agropecuárias, realizadas em pequenas propriedades — evidenciam a realidade de famílias que não dispõem de terras para produzir, e por isso, desenvolvem suas atividades em terrenos particulares, vivendo como moradores e vaqueiros/as nessas terras.

Dessa forma, os educandos vão tecendo conhecimentos no dia a dia de suas vivências e buscam protagonismo dentro de suas comunidades mediante a inserção do conhecimento de seus contextos, compreendendo a importância da luta como um ser político e que só conseguimos mudar aquilo que conhecemos. Assim, as histórias a respeito de suas comunidades têm um significado todo especial.

No que diz respeito à categoria lugar e seus elementos, as falas dos educandos ressaltam que:

Ajuda a conhecer, refletir melhor sobre nossas práticas agropecuárias, ajuda a buscar conhecer melhor nossa história, a forma como nos organizamos, lutamos por nossos direitos. (P 15, P 19, P 22, 2022).

Ajuda a escolher o que plantar, como cuidar da água, preservar nossas matas. (P 11, P 12, 2022).

Ajuda a perceber as relações construídas, por exemplo, o acesso à terra, à água, o jeito de trabalhar com a terra. (P 15, P 16, 2022).

Ajuda a refletir as organizações da comunidade, ajuda a cuidar melhor dos nossos quintais, a ter a água como um elemento essencial à vida, a ter cuidado com o uso da água, reaproveitamento. (P 04, P 17, 2022).

As relações que são construídas, suas histórias, organizações, jeito de trabalhar, de cuidar da terra, da água. (P 03, P 06, 2022).

Na forma de refletir as nossas relações na comunidade. (P 08, 2022).

Somente a luta pela terra, formas de produzir que nos ajudam a compreender a política como sendo a busca pelos direitos de todos. (P 01, P 05, 2022).

Dentro dessas paisagens, gostaríamos de chamar a atenção para o Semiárido cearense, dada a concentração da terra, da água e da exploração. Nessa realidade, destaca-se o criatório do gado que se alastrou no sertão, e com ele, o rastro de devastação ambiental, além de ser sinônimo de latifúndio. Com ele, o arame farpado passa a construir as grandes áreas cercadas.

Nessas paisagens também foi visível e, infelizmente, é presente até os dias atuais, o plantio das monoculturas, especialmente o algodão, famoso como ouro branco. As roças de sequeiro com o milho e o feijão quase tão somente resultam dessa combinação com o gado, o algodão e a roça de sequeiro, o que se materializa em muitos quilômetros de áreas devastadas, hoje em processo de desertificação bem avançado ou áreas degradadas, nas quais só visualizamos nascer malva e jurema, culturas que são bioindicativas de que o solo encontra-se cansado, com a sua produtividade bem abaixo do esperado.

As Figuras 30 e 31, adiante, representam o manejo com o gado bovino, criatório esse que gera tantos questionamentos em relação à sustentabilidade dessas paisagens Semiáridas, em relação ao consumo de água, ao tamanho da área pastejada, que acaba resultando, na maioria das vezes, em áreas imensas. Por esse e outros motivos, os camponeses têm optado por criar animais que tenham mais viabilidade ambiental. Temos nas Figura 30 e 31, em destaque mais adiante, uma área que visivelmente está em processo de degradação bem avançado. Ainda sobre o criatório do gado em outras paisagens, explica Moreira (2014, p. 147) que:

O gado faz o contraponto locacional, mas para reiterar o mesmo modelo-chave de ocupação. É uma atividade que se põe nos compartimentos de ecótopo-biocenose de extrato morfotropical de vegetação aberta. E difere nos detalhes da correlação segundo se fale de gado na caatinga nordestina, do cerrado-oestino ou do campo limpo pampeano, mas para reafirmar em todos eles o caráter de atividade que pede espaços de fácil mobilidade e oferta mínima de água. E é a água o dado diferencial; escassa no sertão nordestino, abundante no planalto central [...].

Figura 32 — Manejo com o gado em área em processo de degradação avançado



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 33 — Manejo com o gado em área em processo de degradação avançado



Fonte: Acervo da autora (2022).

Fica evidente a exploração da natureza mediante queimadas, também pela popular broca, realizada, principalmente, pelos fazendeiros em prol de manejar a terra para o plantio das roças de sequeiro, de capim para o gado bovino, além da retirada



da madeira usada nas fábricas para a construção de móveis ou matéria-prima para as carvoarias, dentre outros usos. Tais práticas nocivas ocasionam muita devastação, extinção das espécies nativas, além de todas as mudanças que interferem diretamente no clima do semiárido.

Entre os fatores que contribuem para ampliar o processo de devastação, também ocorre a mineração, especialmente em áreas de exploração ou que já foram mapeadas “descobertas” e estão na fase de análise. Assim, na comunidade Cachoeira do Fogo, em Independência, durante muito tempo foi explorado o calcário, e hoje a mina não está mais em atividade. Já na comunidade Bandarro, em Quiterianópolis, era extraído o minério de ferro, agora desativado.

Estes são exemplos de áreas que já tiveram atividades de exploração, o que desencadeou mudanças significativas para essas paisagens como a degradação, a perda de produtividade dos solos, a contaminação das águas e do ar, que causam diversos problemas de saúde na população. Segundo conversas informais, foi relatado que alguns trabalhadores dessas minas sofriam com problemas de saúde recorrentes. As Figuras 32 e 33, a seguir, destacam a área de uma mina de extração de ferro, em Quiterianópolis; no entanto, atualmente, essa mina está desativada.

Figura 34 — Entrada de uma mina de ferro em Quiterianópolis



Fonte: Acervo da autora (2014).

Figura 35 — Área de uma mina de ferro em Quiterianópolis



Fonte: Acervo da autora (2014).

Pensando o lugar em função do contexto das comunidades, trazemos um outro elemento novo que é o uso da internet. As redes sociais vão nos aproximando de quem está do outro lado do país, até mesmo em algum lugar do mundo. Dentro da construção do pensamento geográfico, tal recurso nos ajuda a entender os processos ligados à globalização, à dimensão de espaços, distâncias, localização e comparação entre os lugares. Isso permite perceber os efeitos dessa grande aldeia global, no que se refere a esse processo de globalização, e nesse sentido, Carlos (2017, p. 18) ressalta que:

O próximo e o distante ligam-se quase que instantaneamente pela mediação da mídia; mas não só dela, pois não podemos esquecer da tendência à flexibilização do trabalho que faz emergir um novo personagem que é o *ciber* executivo, que passa a maior parte do tempo fora da empresa, mas a ela conectado pela comunicação móvel baseada na telefonia celular nos micros computadores portáteis. A isso se associa a ideia do *telecommuting* e a internet, onde uma gama cada vez mais diversificada e densa de serviços *on line* são oferecidos mudando o modo como se realiza o trabalho no mundo moderno.

Dessa forma, novas relações vão sendo construídas no mundo do trabalho que, de certa forma, atingem a vida das pessoas nas comunidades e suas formas de

trabalhar e de se organizar. Diante disso, as redes sociais se destacam como possibilidade de ajudar na divulgação dos seus produtos da roça, por meio de vídeos e interação com o mundo das mais diversas formas.

A compreensão da categoria lugar, nas falas dos/as educandos/as, demonstrou que:

As famílias se preocupam em cuidar das suas comunidades, da forma como se organizam. Cuidam dos seus quintais, lutam por seus direitos. (P 01, P 02, 2022).

Pois compreendendo os conceitos é possível ter uma noção de como melhorar o lugar, ajuda os jovens a se organizarem, cuidar da água, do que produzir, em quem votar, construir consciência coletiva. (P 03, P 07, 2022).

Eles precisam ter mais cuidados com a natureza, com a água, com os animais, com seus quintais. (P 03, P 05, P 09, 2022).

Percebemos que o pessoal tem procurado cuidar dos seus quintais, tem associação mais bem fragilizada, as famílias têm uma boa convivência. (P 04, P 06, 2022).

Por exemplo, as celebrações, novenas em nossas igrejas, a reuniões nas associações, a forma como nos organizamos. (P 08, P 10, 2022).

Nos ajuda a ter consciência sobre a nossa comunidade, percebemos o cuidado onde moramos com as futuras gerações. (P 12, P 13, 2022).

Meu lugar tem vários aspectos como a questão das comidas típicas, religiosos, cultural e cada um respeita o seu espaço, por exemplo, na religião, uma parte da comunidade é católica e a outra evangélica, porém, existe respeito, e assim buscamos viver em comunidade, buscando melhoria para o lugar em que vivemos. (P 21, P 22, 2022).

Pensar as relações geográficas que vão sendo construídas nesses espaços, que estamos chamando de comunidades, é uma forma real de perceber esses lugares e suas vivências. Pelo conhecimento de suas histórias, suas organizações, o modo como vivem e se relacionam com a terra, ou como se relacionam entre si, permitem apreender e pôr em prática a busca por uma sociedade do “bem viver”.

## **4.2 Relações socioespaciais no ensino e na aprendizagem sobre lugar e paisagem**

Pensar nas relações socioespaciais no ensino e na aprendizagem sobre lugar e paisagem demanda uma imersão nesses espaços. Num primeiro momento,

discutimos as bases teóricas, cujas reflexões têm sido pensadas com base em leituras como Moreira (2014), Straforini (2018) e Castellar e De Paula (2020). Além disso, a compreensão desses contextos permitiu apreender os elementos significativos na vida dos grupos, sobre como se organizam, suas fontes de renda, que trabalhos desenvolvem, as relações de gênero, o espaço que a juventude camponesa ocupa, aspectos da educação, saúde, cultura operacionalizados pelas categorias lugar e paisagem.

Para falarmos do lugar, faz-se necessário conhecermos o chão que pisamos, sua gente, suas histórias, o modo que esses grupos convivem e vão modelando esses espaços dentro de uma sociedade capitalista, em que tudo movimenta-se rápido e com muita fluidez, bem como esses percursos vão acontecendo.

Segundo Castellar e De Paula (2020), as relações espaciais não são apenas referências para o planejamento espacial, mas indicam, pela sua qualidade, instâncias que testemunham diferenças sociais. Analisando as comunidades camponesas, nas quais a grande maioria das famílias não têm acesso à terra e à água, aos serviços de saúde, educação, lazer, em que as estradas são precárias, ficam evidentes as imensas dificuldades, sobretudo, no período do inverno, visto que esses lugares se tornam, muitas vezes, inacessíveis. Esclarecem Castellar e De Paula (2020, p. 13) que:

[...] os conceitos de relações espaciais insinuam características de um lugar e são elementos importantes para o exercício da análise da situação, além de estimular uma tomada de decisão e o fortalecimento da argumentação crítica de um sujeito. Conquanto, a questão fundamental que devemos fazer sobre este campo de conhecimentos do pensamento espacial consiste em saber quais conceitos de relações espaciais devem ser priorizados para analisar informações espaciais presentes em representações espaciais.

A análise do ensino de Geografia e as relações socioespaciais evidenciam a importância de conhecermos a influência do estudo da paisagem na comunidade em que se vive. Em razão disso, destacamos as falas das famílias pesquisadas:

Porque conseguimos aprender nos dois lugares, estudamos na EFA e realizamos as práticas na sessão familiar, percebemos os problemas da paisagem e tentamos transformá-los. (P 23, P 25, 2022).

Através dos cuidados como capina, plantio de hortas, quintais produtivos, organização do lixo. (P 24, P 27, 2022).

Refletimos a nossa realidade através do lugar e a paisagem. Analisamos a convivência com o semiárido, suas histórias e as culturas. (P 29, P 30, 2022).

Com os ensinamentos que a Geografia nos traz, colocamos em prática em nossa comunidade. Conseguimos ter um olhar diferente para a organização, os trabalhos desenvolvidos, cuidamos melhor do nosso quintal. (P 33, P 34, 2022).

A Geografia estuda sobre as paisagens. Percebo isso em vários momentos desde o processo de consciência sobre o uso da água, a forma de produzirmos. O que produzimos está ligado à paisagem do lugar. (P 35, P 37, 2022).

Percebemos, de forma holística, que os conhecimentos geográficos vão sendo desvelados nas vivências desses educandos e suas famílias, o que é confirmado por suas falas, que ressaltam a importância dessa Geografia viva, à luz da Pedagogia da Alternância. Nesse dinamismo, é visível o conhecimento sendo refletido na EFA e retornando para as comunidades, ou das comunidades para a EFA. Assim, os educandos conhecem melhor a problemática, as potencialidades e as dificuldades de suas comunidades e buscam transformá-las.

A pergunta — *a paisagem do lugar onde vive contém elementos que influenciam na política, na economia e nas ações governamentais?* — buscou-se identificar como esses jovens identificam essa influência:

A história, a forma como nos organizamos, lutamos por nossos direitos. (P 03, P 05, 2022).

A política é uma das atividades onde buscamos melhorar a nossa comunidade, na economia, um espaço fortalecido tem sido nossos Sistemas produtivos, as plantas que você pode consumir e ter um potencial apícola, que pode ser aproveitado pelas abelhas. (P 01, P 04, 2022).

Percebo que a forma como a comunidade se organiza é um ato político. (P 07, P 09, 2022).

Destacamos os grupos que se organizam para uma melhor organização da comunidade: grupo de mulheres, grupo de jovens. (P 14, P 17, 2022).

A presença da associação pode vir a ser um espaço melhor aproveitado politicamente. (P 15, P 12, 2022).

Percebemos que as comunidades camponesas têm um jeito muito peculiar na forma de se organizar. Apesar dos questionamentos feitos, às vezes negativos em

relação às associações de moradores, eles se fazem presentes na grande maioria das comunidades. Há, também, os grupos de mulheres, de apicultores, dentre outros, e em alguns deles percebemos a presença marcante da igreja católica com grupos de crisma, de catecismo, animados por uma liderança. Os grupos e as associações podem ter vários objetivos, dentre eles ajudar a comunidade a refletir suas problemáticas e buscarem coletivamente uma melhor organização.

Podemos destacar que várias atividades econômicas estão presentes como forma de subsistência; no entanto, a agropecuária tem presença muito marcante nas vivências dessas comunidades. Assim, é perceptível a paisagem sendo transformada pelo desenvolvimento dessas atividades. Moreira (2014, p. 170) trata sobre a relação do ser humano e o mundo do trabalho e afirma que é:

[...] no trabalho, portanto, que reside a potencialidade real de liberdade do homem diante da necessidade. Mas o processo do trabalho é um processo ecológico-social, e assim histórico-estruturalmente determinado. Pode ser um salto para a liberdade da necessidade e pode ser um salto para uma forma de necessidade ainda mais difícil de ser superada. Daí que toda forma de alienação começa na relação de intercâmbio homem natureza do trabalho, bem como toda forma de desalienação.

Sobre as relações de trabalho que são construídas nas comunidades, para a realização das atividades ligadas à agropecuária, cabe destacar os trabalhos realizados em grupos, nos assentamentos no Estado do Ceará, tal como a realização dos coletivos nas comunidades com os mutirões adjuntos, ou até mesmo a troca de diárias de serviços que são exemplos de trabalhos coletivos em que percebemos a força da organização e da união em prol de objetivos comuns. Tais atividades resultam em exemplos de superação ao mundo do capital, as Figuras 34, 35, 36 e 37, que seguem, apresentam exemplos desse tipo de atividade.

Figura 36 — Plantio de hortaliças



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 37 — Plantio de roçado



Fonte: Acervo da autora (2022).



Figura 38 — Plantio do Palmal



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 39 — Plantio do Quintal produtivo



Fonte: Acervo da autora (2022).



Dessa forma, as relações socioespaciais vão sendo moldadas por essas atividades realizadas nessas comunidades, especialmente nos quintais produtivos e suas diversas plantações de hortaliças, de plantas medicinais, ornamentais, plantio de fruteiras, principalmente fruteiras nativas e adaptadas à realidade de semiaridez. Esses são exemplos de atividades desenvolvidas com base agroecológica, que conta com a presença marcante das mulheres e jovens nesses espaços, pois, nessas relações, os quintais têm sido uma extensão das cozinhas ou atividades domésticas desenvolvidas pelas mulheres.

Esses lugares manifestam as vivências e atividades, tal como as relações construídas entre as pessoas, que vão se fortalecendo. Assim, podemos perceber as transformações das paisagens e lugares moldados por essas práticas. Serpa (2021, p. 85), explica que:

Uma Geografia dos espaços vividos reconhece e busca revelar o papel de intermediação do cotidiano e das representações espaciais, nas relações sociedade-espço, o cotidiano visto aqui como um conjunto de momentos e eventos espaço-temporais, que dá concretude aos processos de alienação e desalienação, revelando os limites das análises estritamente morfológicas e/ou ecológicas em Geografia, e mediando as dimensões material e abstrata na produção do espaço [...].

Em síntese, podemos destacar a importância do conhecimento obtido na escola, a presença da juventude, em especial, dos/as educandos/as da EFA, os quais passam a ser protagonistas de suas histórias, exemplos para os outros jovens que buscam e acreditam que uma outra sociedade é possível.

#### **4.3 Raciocínio geográfico sobre o lugar e a paisagem na EFA Dom Fragoso**

Nesta seção, são apresentados os resultados de um trabalho realizado na Escola Família Agrícola (EFA) Dom Fragoso, apurando nossas lentes para analisar como estamos raciocinando geograficamente sobre o nosso espaço. Para tanto, destacamos que foram realizadas, nas aulas de Geografia, três dinâmicas com as turmas do 1º e 2º ano do Ensino Médio (EM) de 2022, com o intuito de perceber essa construção.

Nessa perspectiva, entendemos que, pensar o sentido do ensinar e aprender geograficamente é fundamental para entendermos as dimensões da realidade, e isso

tem a ver com o modo como olhamos para o mundo, as percepções que construímos ao ensinar Geografia. Sobre o referido ensino, Cavalcanti (2019) esclarece o seguinte:

(...) Meu entendimento é de que ensinamos Geografia para que o aluno aprenda a pensar geograficamente. Portanto, parto do pressuposto de que o pensamento geográfico é a capacidade geral de analisar a análise geográfica dos fatos ou fenômenos. Nessa perspectiva, venho afirmando a concepção de que o raciocínio geográfico é um modo de operar com esse pensamento. São raciocínios específicos e articulados pelo pensamento geográfico. (CAVALCANTI, 2019, p 64).

Destacamos que, para desenvolver o pensamento geográfico, precisamos prever, no planejamento das aulas, os conteúdos a serem trabalhados, como também os objetivos a serem alcançados para a formação do raciocínio geográfico. Gusmão (2021, p. 2, grifos do autor) salienta que:

Pela via descrita, o ensino percorre um caminho repleto de “estações”, por assim dizer. Essas “estações”, previstas no planejamento, são os objetivos, as habilidades, os conteúdos e os métodos que, ao serem articulados, dão ao ensino e à aprendizagem, respondendo ao por que, onde e como a docência se realiza. No entanto, há algo mais que precisa ser considerado no planejamento para o ensino de Geografia, sobretudo quando se deseja ensinar a ler o espaço. Assim sendo, o raciocínio geográfico torna-se um dos veículos ou mesmo o combustível para cumprir o caminho.

Feitas as ponderações sobre o raciocínio geográfico, percebemos a importância de desenvolver, em sala de aula, uma educação crítica que possa ajudar os sujeitos a pensarem geograficamente e a se compreender dentro desse processo, principalmente ao fazer a de leitura de mundo. Nesse sentido, Straforini (2018, p. 3-4) destaca que:

As pesquisas no Ensino de Geografia, ainda que assumindo fundamentações teórico-metodológicas diferentes, têm apresentado nas últimas duas décadas um movimento de convergência em defesa de um ensino-aprendizagem em que se valoriza processos específicos de raciocínio ou de pensamento amparados na própria Geografia. Em outros textos, ainda que não intencionalmente construído para este fim, já defendíamos uma educação crítica e reflexiva da realidade por meio do espaço.

A partir desses postulados, apresentamos o conceito de Raciocínio Geográfico através de um modo de pensar a realidade utilizando as categorias de Paisagem e

Lugar, levando os estudantes a trabalhar com conceitos e princípios para, a partir disso, analisar, ler e compreender a organização espacial dos fenômenos. Assim, pretendemos, neste texto, dialogar com os referenciais teóricos que contribuem com esses conhecimentos geográficos, desvelando o raciocínio geográfico como uma forma de ver o mundo, o cotidiano, de forma a ajudar os estudantes a pensar coletivamente e analisar, com criticidade, o mundo ao seu entorno. Posto isto, apresentamos, como exemplos, as três dinâmicas utilizadas em nossa prática pedagógica, a saber: 1) o desenho dos croquis das comunidades; 2) o mapa mental; e 3) a fotografia, que auxiliam na construção de um raciocínio geográfico.

Os croquis foram desenhados com base no conhecimento sobre a comunidade e com orientações embasadas nas indicações do primeiro Plano de Estudo “História da minha Família e Comunidade na construção do Bem Viver”, da turma do 1º ano do EM, apresentado a seguir. O plano delineou a discussão e possibilitou aos estudantes uma reflexão sistematizada dos conhecimentos, conforme descrito no Quadro 7, que segue.

Quadro 7 — Plano de Estudo “História da minha Família e Comunidade na construção do Bem Viver”

<b>ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO</b>
<b>TURMA: 1º ANO</b>
<b>TEMA GERADOR: A FAMÍLIA E A COMUNIDADE NA PRODUÇÃO DO BEM VIVER</b>
<b>DATA: 02-02-2022</b>
<b>1º PLANO DE ESTUDO: A História da Minha Família e Comunidade</b>
Não são os laços de sangue, mas os compromissos sentimentais que determinam o valor de uma família!
<b>Sobre a família</b>
<b>Identificação da família</b>
Nome: educando/a pai, mãe, irmãos/ãs...
Origem do sobrenome
Profissão: pai, mãe, irmãos/ãs...
Como se conheceram
Religião
<b>Origens étnicas da família:</b>
Descendência de povos (etnias)
De onde vieram?
Quais os costumes?
<b>Trajectoria de vida da família até os dias atuais:</b>
Como era sua família nos tempos passados e hoje (levando em consideração costumes, atividades desenvolvidas, participação social).
<b>Relações internas na família:</b>

<b>ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO</b>
<b>TURMA: 1º ANO</b>
<b>TEMA GERADOR: A FAMÍLIA E A COMUNIDADE NA PRODUÇÃO DO BEM VIVER</b>
<b>DATA: 02-02-2022</b>
<b>1º PLANO DE ESTUDO: A História da Minha Família e Comunidade</b>
Como é a convivência em sua família?
Como são tomadas as decisões na família?
<b>SOBRE A COMUNIDADE</b>
<b>Identificação da comunidade</b>
O porquê do nome da comunidade?
Primeiros habitantes, de onde vieram?
Quantos habitantes antes e hoje?
Como se formou a comunidade?
Religião predominante
<b>Trajétoria de vida da comunidade até os dias atuais:</b>
Quais as conquistas da comunidade?
O que mudou do início até os dias atuais de sua comunidade?
<b>Relações internas da comunidade:</b>
Como são as relações das famílias na comunidade atualmente? E como eram antigamente?
Quais os costumes preservados na comunidade?
<b>Práticas do Bem viver:</b>
Você é feliz em sua comunidade? Justifique.
O que estamos fazendo para construir o bem viver?

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

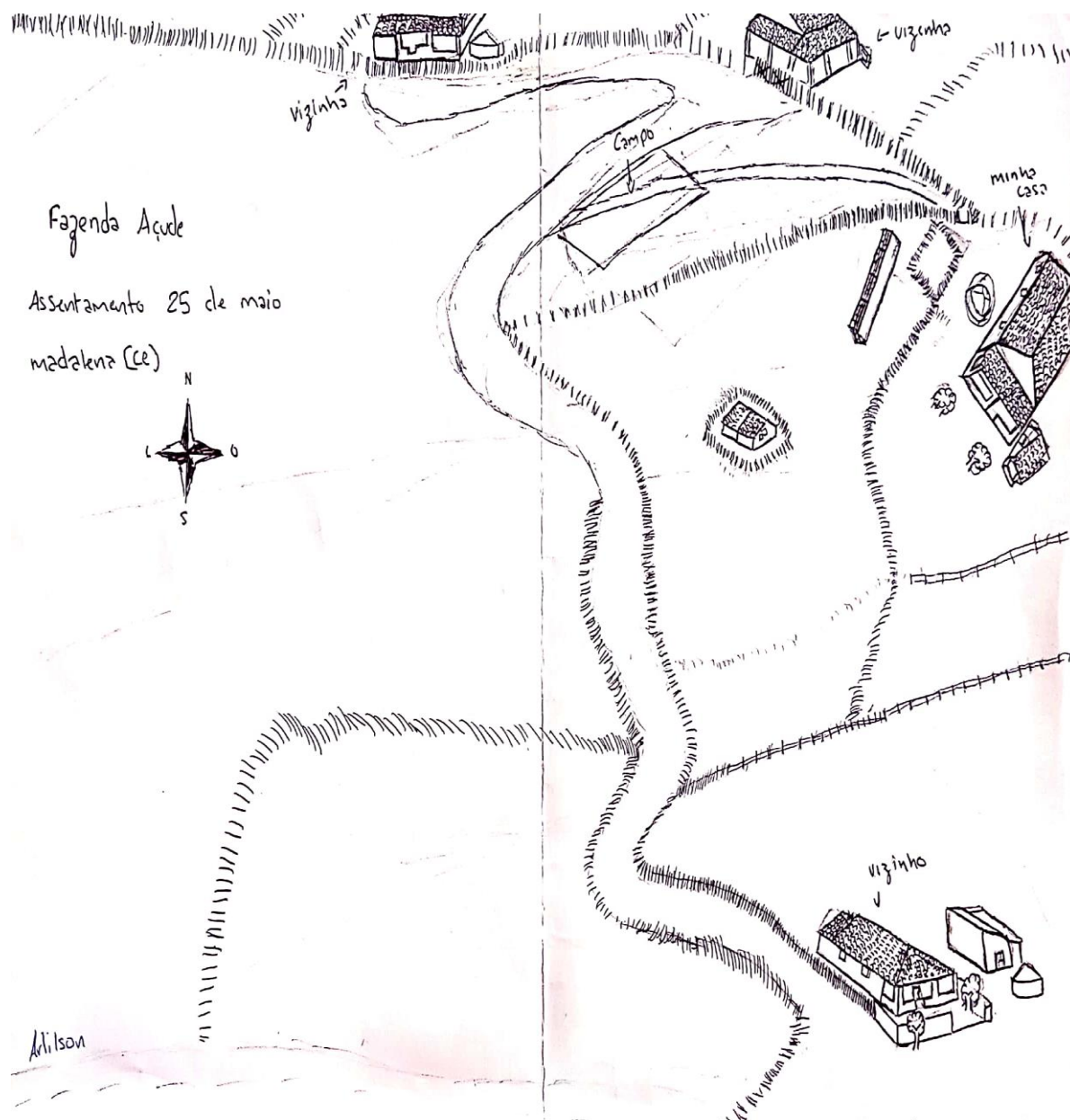
A primeira atividade desenvolvida foi o desenho de croquis das comunidades, para o qual os educandos pesquisaram sobre as histórias das suas famílias e comunidades. No componente curricular Geografia, foram realizados trabalhos solicitando que produzissem o mapa mediante desenho de sua comunidade. As Figuras 38, 39, 40 e 41, a seguir, ilustram os croquis produzidos pelos educandos.

Figura 40 — Croqui Comunidade Cruz



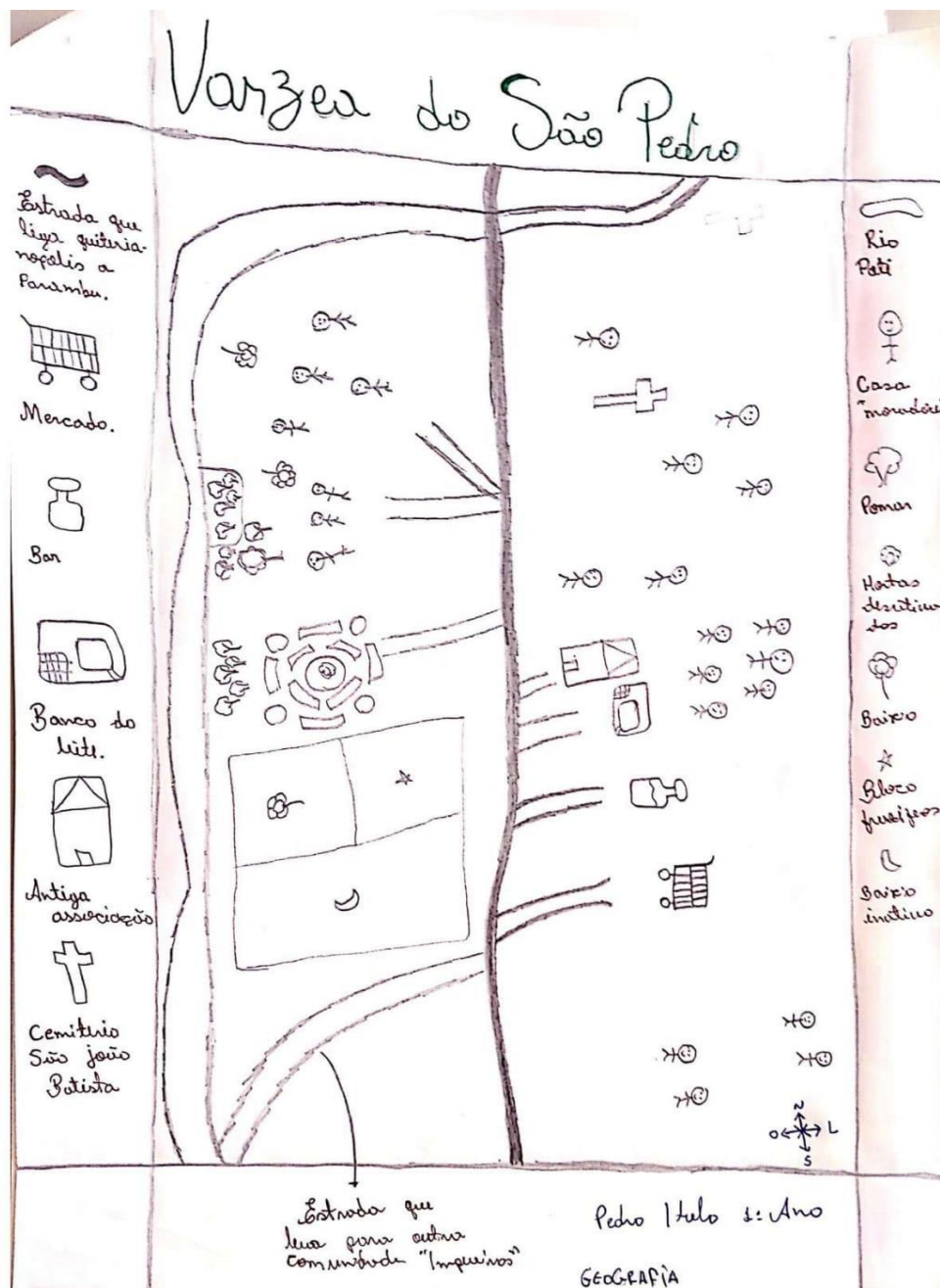
Fonte: Acervo da autora. Trabalho em sala, educanda Larissah (2022).

Figura 41 — Croqui do Assentamento 25 de Maio — Fazenda Açude-Madalena



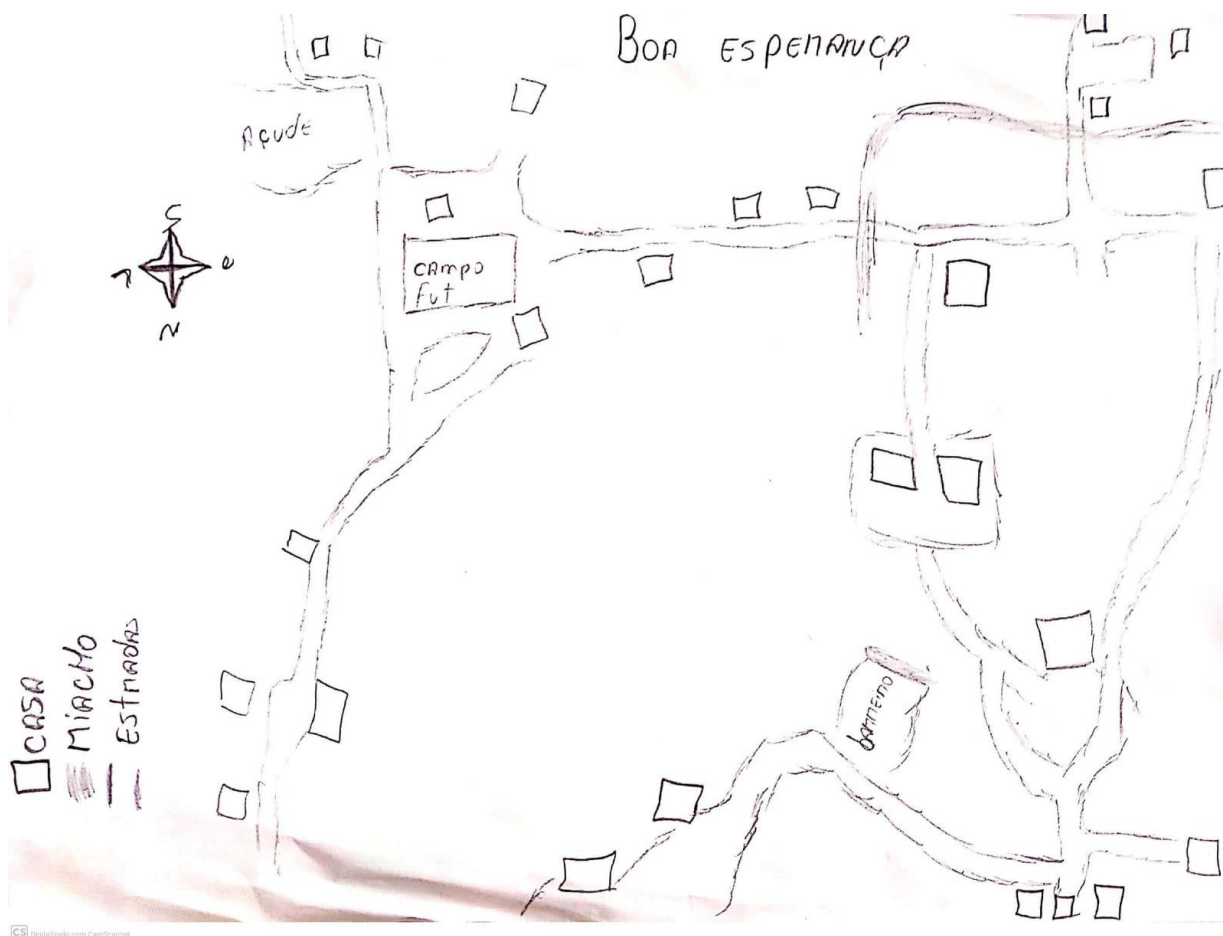
Fonte: Acervo da autora. Trabalho em sala, educando Arlilson (2022).

Figura 42 — Comunidade Várzea do São Pedro em Quiterianópolis



Fonte: Acervo da autora. Trabalho em sala, educando Pedro (2022).

Figura 43 — Croqui da Comunidade Boa Esperança em Independência/CE



Fonte: Acervo da autora. Trabalho em sala, educando Marcello (2022).

Vale ressaltar que os mapas são representações milenares, e as pessoas utilizavam esse recurso com a finalidade de fazer representações, estudo e registro de suas histórias. A partir destas características, entendemos que os educandos, com base nessa atividade, têm a possibilidade de reconhecerem-se nesse espaço, compreendendo o que existe nesse lugar, bem como os vários elementos que se relacionam nas vivências da comunidade na qual estão inseridos. Sobre esse aspecto, Callai (2005) esclarece que:

Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da



natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos).

Sobre esses vários elementos na leitura e interpretações encontrados nos mapas desenhados pelos educandos, destacamos, *a priori*, a discussão sobre o título dos mapas, que se referem aos nomes das comunidades. Em seguida, destacamos alguns elementos como a quantidade de pessoas que habitam nessa comunidade; também seus aspectos físicos, como rios, serras, plantações, além das construções sociais; postos de saúde, igrejas, pracinhas, sede da associação e escolas. Trazemos também os limites geográficos como quem são as comunidades que são vizinhas, destacando, aqui, os pontos cardeais e a direção.

Assim, buscamos construir o raciocínio geográfico por meio das vivências dos educandos/as em seus lugares, com as leituras que a paisagem desse espaço explícita de forma significativa. Esses conhecimentos vão se materializando e se (re)contextualizando. Com as histórias, aprendemos a conhecer as vivências dessas pessoas, quem foram seus primeiros habitantes, o porquê de morarem naquele lugar, quais elementos favoreceram a permanência e a sustentabilidade dessas famílias, quais atividades econômicas desenvolviam antes e hoje, a qual grupos étnicos pertencem, os seus costumes antes e hoje, bem como os diversos aspectos como alimentação, brincadeiras/festas, religião. Callai (2005, p. 3) esclarece que:

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da Geografia na escola. Refletir sobre as possibilidades que representa, no processo de alfabetização, o ensino de Geografia, passa a ser importante para quem quer pensar, entender e propor a Geografia como um componente curricular significativo. Presente em toda a educação básica, mais do que a definição dos conteúdos com que trabalha, é fundamental que se tenha clareza do que se pretende com o ensino de geografia, de quais objetivos lhe cabem.

Sobre as histórias das famílias, os/as educandos\as identificam as suas famílias, em seus textos, com o nome completo e destacam aqueles que têm esse conhecimento sobre o porquê do sobrenome. A seguir, apresentamos alguns trechos das histórias das famílias e das comunidades mediante relato dos alunos:

Profissão: pai trabalha na roça/ mãe: trabalha em casa de família/irmão: estuda

Como se conheceram: o casal foi apresentado pelos amigos comuns numa festa com a banda Bicho da goiaba, na comunidade Mutuca, município de Tauá, e a paixão foi imediata, ficaram enamorados, casaram e estão juntos até hoje.

A família vivencia sua fé na religião católica.

Se reconhecem como origem étnica com os povos indígenas.

Quais os costumes?

Não trabalhar em dia de santo, não comer carne na semana santa e nem na quaresma.

A família sempre viveu das atividades ligadas à agropecuária. O pai exerce a profissão de vaqueiro, e por não terem conseguido o seu pedaço de terra para produzir, viviam migrando de fazenda em fazenda realizando o trabalho de vaqueiro na labuta com os animais, onde todos os membros da família se envolvem atualmente. (FAMÍLIA 01, 2022).

(...)Somos de família tradicional, de almoço em família, religiosa, católica, com devoção em santos padroeiros e respeito aos costumes tradicionais de família camponesa.

Na propriedade são desenvolvidas diversas atividades como criação de pequenos animais, Apicultura, Galinha, Ovinos e Caprinos.

Fazemos parte de todos os movimentos presentes na comunidade como Igreja, Associação, pastorais sociais, Sindicatos e Política Partidária.

Conseguimos ter uma boa convivência entre esposo/a. Com relação aos filhos e filhas, bem afetuosa e harmoniosa.

Em relação às decisões, sempre foram em consenso com o casal. Às vezes ocorria com orientação externa, de acordo com o nível de assunto ou decisão a ser tomada.

Em relação à história da comunidade, é relatado, pelos moradores mais experientes, a presença de um cruzeiro onde as pessoas, antigamente, chegavam cansadas nesse lugar e paravam para descansar e conversar, e assim, tornou-se um ponto de encontros dos retirantes/viajantes. Por essa razão, ganhou o nome de Cruz.

Os primeiros habitantes da comunidade a chegarem aqui, segundo as histórias relatadas por moradores, pertenciam à família Bonfim (Rosaria).

Até o presente momento, temos o total de 126 habitantes.

Com a chegada dos primeiros habitantes, iniciaram a construção das primeiras casas e, também, de uma capela.

Atualmente, ainda predomina a religião católica, mesmo tendo a presença de outras denominações como: Assembleia de Deus, Deus é Amor, Adventista e Pentecostal.

Somos uma família que amamos o nosso lugar, e buscamos construir os nossos Sistemas Produtivos de forma que haja interação de todos os membros da família (FAMÍLIA 02, 2022).

Com base nas histórias das famílias e comunidades apresentadas acima, conseguimos, de certa forma, compreender as relações que continuam acontecendo nesses lugares.

À vista disso, a Geografia, utilizando-se das categorias Paisagem e Lugar, contribui para as reflexões sobre esses achados, bem como acerca de outros elementos como o próprio uso da água, vista como uma possibilidade de ajudar as famílias a povoarem esses lugares, pois era muito comum as famílias construírem suas casas próximas aos rios, fontes de água, e desse modo, era possível as mesmas iniciarem seus plantios, bem como ter a água para os animais matarem a sede.

Até os dias atuais, as relações construídas pelas famílias concernentes ao uso da água, apresentam uma possibilidade de transformação das paisagens semiáridas, transformadas pelos seus quintais produtivos, roçados, Sistemas Agroflorestais, dentre outros.

A terceira atividade, realizada com a turma do 2º ano do EM, e que colabora para a formação de um raciocínio geográfico acerca das paisagens e lugares nas comunidades dos estudantes da Escola Família Agrícola Dom Fragoso, foi a fotografia, considerada um recurso para a representação do espaço, e pelo qual os/as educandos/as registraram suas percepções sobre suas comunidades, destacando, a partir de suas lentes, as paisagens destas comunidades. Essa atividade foi associada ao Plano de Estudo do tema “As Riquezas naturais do nosso semiárido cearense”, no componente curricular Geografia. Em destaque o Plano de Estudo pesquisado, conforme apresentado no Quadro 8:

Quadro 8 — Plano de Estudo do tema: as riquezas naturais do nosso semiárido cearense

<p><b>ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO</b>  <b>TURMA: 2º ANO - 2022</b>  <b>TEMA GERADOR: CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO</b>  <b>1º PLANO DE ESTUDO: AS RIQUEZAS NATURAIS DO NOSSO SEMIÁRIDO</b>  <b>CEARENSE</b></p> <p style="text-align: right;">Preservar a natureza é responsabilidade nossa,  para um mundo confortável de viver,  e um mundo admirável de olhar  As nossas maiores belezas são as naturais.  Autor desconhecido.</p> <p>1. Como é a vegetação existente na sua comunidade? (altura das plantas, formato das folhas, se possuem espinhos, se ficam verde todo o ano)</p> <p>2. Quais as plantas nativas existentes em sua comunidade?</p> <p>3. Para que finalidade a família utiliza as plantas nativas?  ( ) Medicinal ( ) Lenha ( ) Madeira/Cerca ( ) Madeira/Comercialização  ( ) Arborização ( ) Alimentação dos Animais ( ) Ornamental</p> <p>4. Quais os animais nativos existentes em sua comunidade/cidade?</p>
--

5. Quais os animais nativos que tinham antigamente e hoje não vemos mais?
6. Quais as fontes hídricas existentes na comunidade e na propriedade familiar? (Existem poços, riachos, olhos d'água, açudes, barragens, lagoas?)  
Elas são preservadas? Se sim, como?
7. Como é o acesso às fontes hídricas citadas anteriormente, pela sua família e comunidade?
8. Quais as fontes de energias existentes em sua comunidade/cidade?  
( ) Energia Solar ( ) Energia Eólica ( ) Energia Elétrica ( ) Gás Butano  
( ) Biodigestor ( ) Fogão à Lenha
9. Existem projetos para implantação de parques de energia eólica, solar e/ou mineração na região ou comunidade? Se sim, quais os minérios existentes?

Boa Pesquisa!

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Sobre as paisagens registradas, os educandos apresentaram diversas imagens, desde áreas de roçados, sobre as quais é possível refletir a ação humana de forma predatória com o uso das queimadas e retirada da vegetação (broca), além da inserção das culturas agrícolas sem levar em consideração, na maioria das vezes, a declividade ou a atividade desse terreno, sendo comum os plantios morro abaixo, que mostram-se prejudiciais, uma vez que nas enxurradas a tendência é que a terra seja transportada para áreas mais baixas. As Figuras 42, 43, 44 e 45, a seguir, representam, portanto, o trabalho realizado.

Figura 44 — Criação de suínos na comunidade Riacho do Meio em Independência



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 45 — Comunidade Riacho Fechado em Independência



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 46 — Comunidade Riacho do Meio em Choró Limão



Fonte: Acervo da autora (2022).



Figura 47 — Comunidade Riacho do Meio em Choró Limão



Fonte: Acervo da autora (2022).

Com a imagem do roçado, também refletimos usando o princípio da extensão por meio do destaque do tamanho dessa área, das culturas a serem plantadas. Com isso, foi suscitada também a reflexão sobre a importância da escolha do que plantar, levando em consideração a condição de semiárida. As Figuras 46, 47, 48 e 49, adiante, registram atividades que levaram em consideração a observação das especificidades do espaço a ser utilizado.

Figura 48 — Comunidade Riacho do Meio em Choró Limão



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 49 — Comunidade Riacho do Meio em Choró Limão



Fonte: Acervo da autora (2022).



Figura 50 — Comunidade Besouro em Quiterianópolis



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 51 — Comunidade Santa Rosa em Pedra Branca



Fonte: Acervo da autora (2022).



Outras imagens sempre presentes são os criatórios de animais pastejando — conforme Figuras 50 e 51, a seguir — nas áreas nativas da Caatinga, nas quais destacamos o conhecimento das famílias sobre as espécies nativas e suas potencialidades. Isso ajuda aos educandos a conhecerem e a compreenderem as diversas formas de uso da Caatinga, como também a importância do recaatingamento<sup>12</sup>.

Os registros retratam também as áreas de florestas preservadas (Caatinga), raras, mas que ainda existem: áreas de serras e morros, rios, lagoas, olhos d'águas, e até mesmo açudes, que ajudam os jovens a perceber a Geografia na paisagem, e por conseguinte, relacionar os conhecimentos construídos como algo presente no cotidiano.

Figura 52 — Áreas de pastagem no entorno da EFA Dom Fragoso em Independência



Fonte: Acervo da autora (2022).

---

<sup>12</sup> O recaatingamento é um conjunto de ações realizadas visando ao reflorestamento com espécies nativas da Caatinga.

Figura 53 — Áreas de pastagem no entorno da EFA Dom Fragoso em Independência



Fonte: Acervo da autora (2022).

E assim os conhecimentos vão sendo construídos, fortalecidos pela alternância dos vários espaços que fazem parte dessas vivências, e vão ressignificando o raciocínio geográfico. Dessa forma, os/as educandos/as olham para essas diversas paisagens e veem além daquilo que está posto. A título de exemplo, a possibilidade de um estudante olhar para a paisagem de um açude, além de apreciar suas belezas, pode levá-lo a fazer os seguintes questionamentos: quem tem acesso à água? É um açude particular ou comunitário? A área é preservada? Onde se dá o uso da água? Estes e outros questionamentos levantados ajudam a pensar geograficamente as diversas nuances presentes em nossas comunidades.

O conjunto de imagens que compõem as Figuras 52, 53 e 54, adiante, demonstram os jovens cuidando dos seus quintais ou dos Sistemas Produtivos da EFA, realizando outras atividades agrícolas. Dessa forma, eles podem refletir sobre a importância e potencialidades do solo desses espaços, com culturas que são

interessantes para serem cultivadas em condição de semiaridez, de indisponibilidade hídrica, dentre outros aspectos, geografando com essas paisagens e lugares.

Figura 54 — Jovens em seus quintais produtivos



Fonte: Acervo da autora (2022)



Figura 55 — Jovens em seus quintais produtivos



Fonte: Acervo da autora (2022)

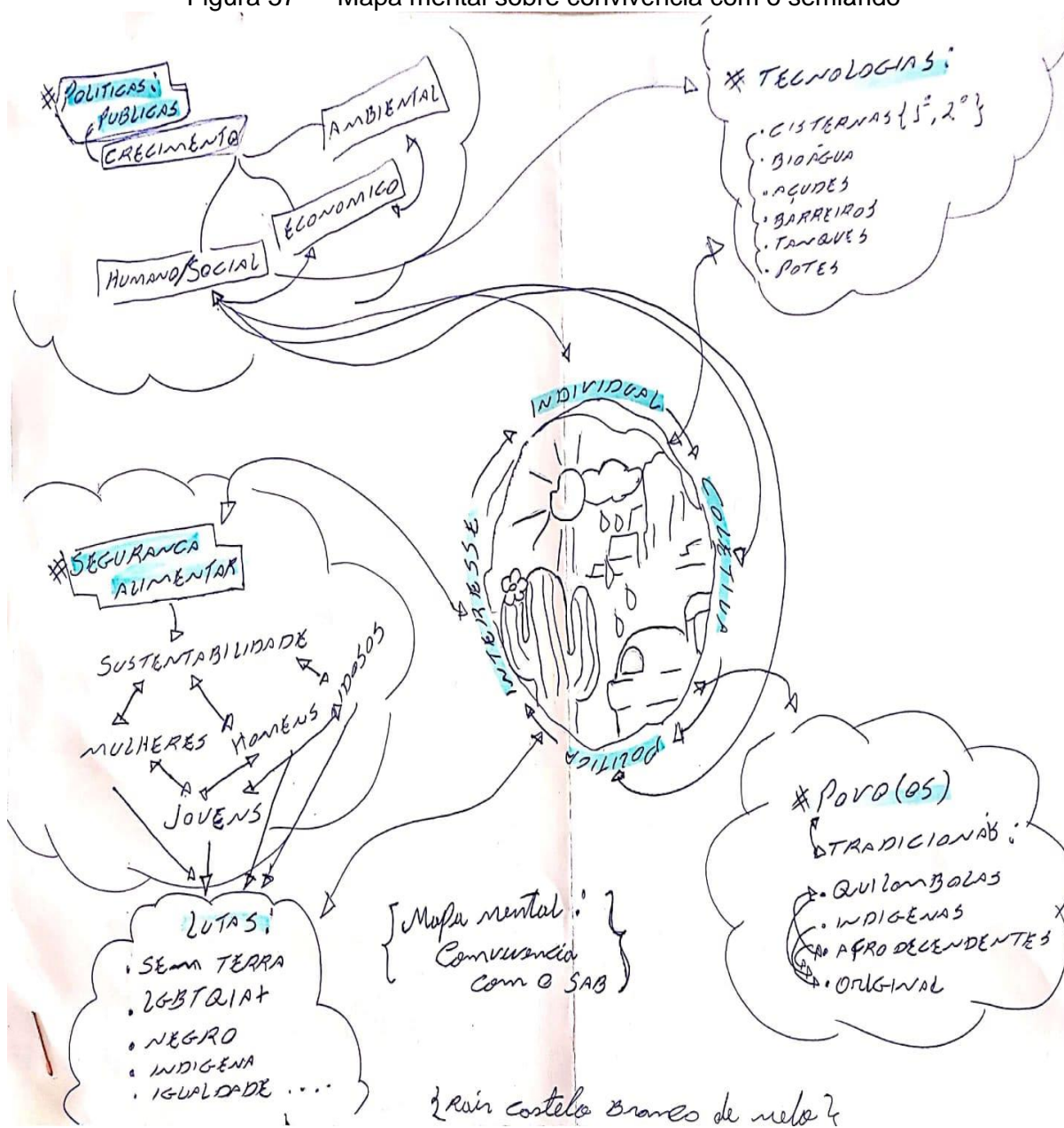
Figura 56 — Jovens em seus quintais produtivos



Fonte: Acervo da autora (2022)

A terceira atividade foi o Mapa Mental. Esse trabalho é mais um exemplo de representação do espaço, e se alinha com o desenvolvimento do raciocínio geográfico. O conteúdo de estudo e de análise foi orientado pelo Plano de Estudo “As riquezas naturais do nosso Semiárido cearense”, na turma do 2º ano do EM, na qual realizamos uma atividade avaliativa acerca dos conhecimentos e reflexões a respeito do conteúdo Geografia do Semiárido brasileiro, destacando os solos, hidrografia, relevos, clima e vegetação, conceituando-os a partir do próprio contexto da EFA.

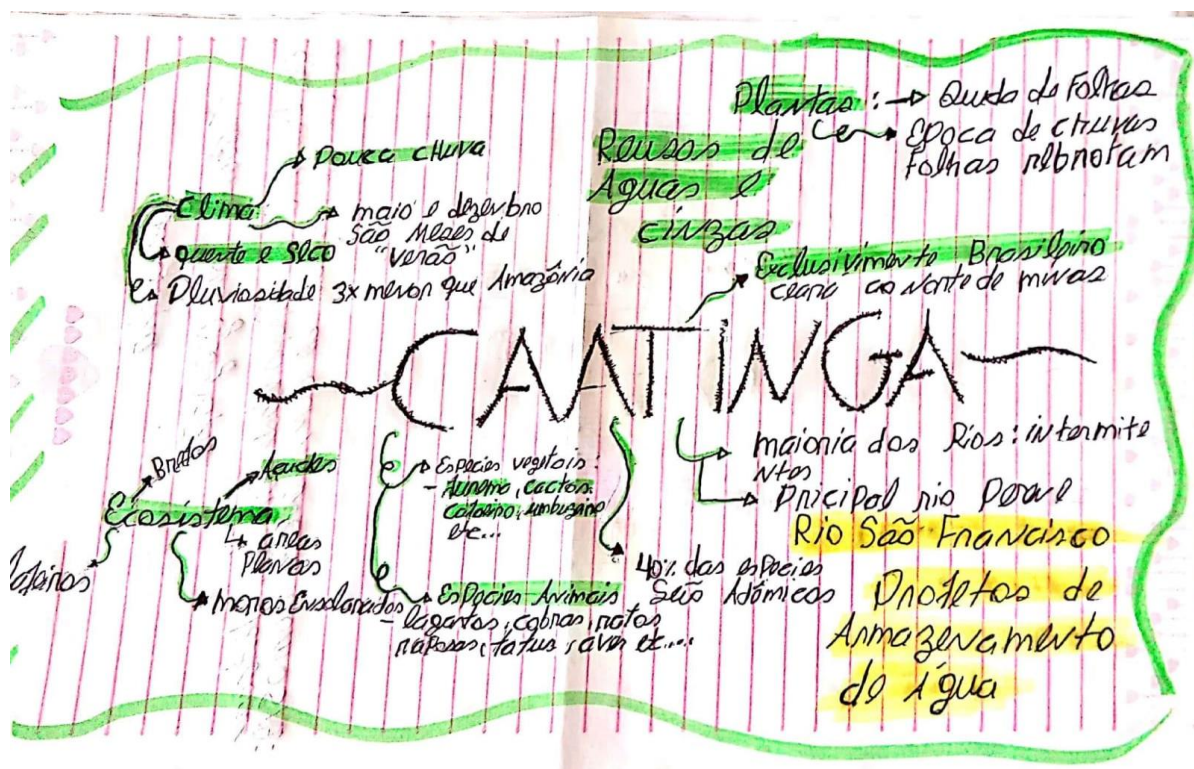
Figura 57 — Mapa mental sobre convivência com o semiárido



Fonte: Acervo da autora. Trabalho realizado em sala com turma 2ª ano (2022)

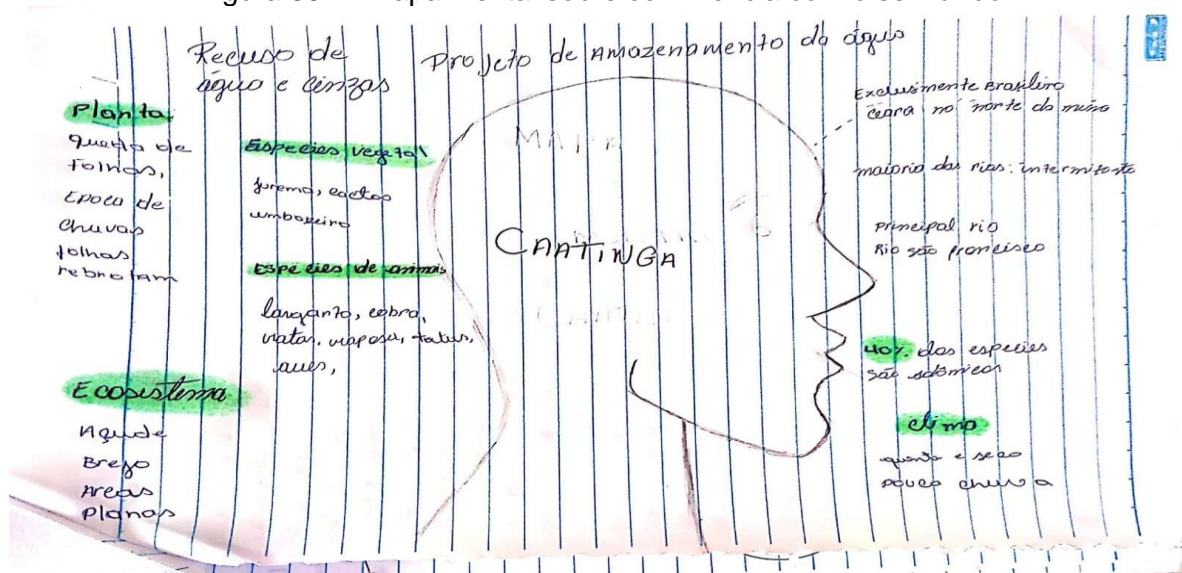


Figura 58 — Mapa mental sobre convivência com o semiárido



Fonte: Acervo da autora. Trabalho realizado em sala com a turma do 2º ano do EM, 2022.

Figura 59 — Mapa mental sobre convivência com o semiárido



Fonte: Acervo da autora. Trabalho realizado em sala com a turma do 2º ano do EM, 2022.

Depreende-se, dos trabalhos realizados, que a Geografia do semiárido e de todos os elementos conceituais (solos, hidrografia, relevos, clima e vegetação) estão

interligados, de forma que são conteúdos que se apresentam como um debate holístico, com a presença e intervenção do ser humano em todos os aspectos.

Assim, ao termos as leituras sobre o clima, compreendemos os conceitos e dialogamos sobre as diversas estratégias de convivência com o semiárido, partindo das tecnologias como: as cisternas de placas, cisternas de produção, reuso das águas com os bioáguas, mandalas, plantios diversificados com espécies nativas ou adaptadas à realidade de semiaridez, uso do esterco, cobertura seca e verde como uma forma de cobrir o solo, e com isso, a água permanecer por mais tempo, quando realizadas as regas. Além disso, promoveu-se a compreensão da convivência com o Semiárido e não ao combate à seca, que durante muitos anos perpetuou em nossas comunidades, analisando as fontes de água e o seu acesso pelas famílias das comunidades.

A educação do Campo, contextualizada no trabalho na EFA Dom Frágoso, na qual se adota a Pedagogia da Alternância, tem uma importância imensa e essencial na consolidação da convivência com o semiárido. Isso reafirma que interagimos de forma holística em muitas dimensões da vida. Sobre isso, Baptista e Campos (2013, p. 100) esclarecem que:

Ao refletirmos sobre convivência com o Semiárido e a sustentabilidade perseguimos a linha de um desenvolvimento integral, que contemple todas as dimensões da vida de cada pessoa, de sua comunidade e da sociedade. Deste modo, quando falamos de convivência com o Semiárido entendemos que as políticas a serem construídas não são apenas econômicas e técnicas. Importa, fundamentalmente, construir também novas mentalidades e novas posturas ante o Semiárido, tanto por parte dos adultos quanto dos jovens e crianças. Daí a importância de uma educação que ajude a fazer surgir e enraizar processos novos de ver, agir e se relacionar no e com o Semiárido.

Dessa forma, acreditamos ser fundamental apresentar a educação contextualizada, possibilitada na experiência da EFA Dom Frágoso pela mediação pedagógica do Plano de Estudo, que dá movimento aos conhecimentos obtidos e operacionalizados nos diversos espaços, aulas, debates, reflexões na sessão escolar, e colocam em prática, na sessão familiar, os conhecimentos obtidos. Ressalta-se ainda que também aprendem com a comunidade refletindo sobre suas experiências e trazendo para a EFA, as problemáticas e reflexões realizadas na comunidade, e é dessa forma que o conhecimento vai se moldando. Os mesmos autores citados anteriormente dizem que:

Esta educação nós a denominamos de contextualizada, na medida em que ela parte da realidade da vida, com seus limites e potencialidades, e constrói conhecimentos para a modificação dessa mesma realidade, considerando as pessoas como produtoras de conhecimento. (BAPTISTA; CAMPOS, 2013, p. 100).

Diante do exposto, percebe-se que o raciocínio geográfico abarca o pensamento espacial que é o exercício de refletir sobre a dinâmica da humanidade no espaço e que nos faz compreender a Geografia em face do contexto vivenciado. Dessa forma, passa a existir maior chance de realizar uma leitura de mundo crítica, potencializada pelos protagonismos dos sujeitos envolvidos.

Pensar, ler e versar sobre o espaço se associa com a prática espacial cotidiana experimentada por meio dos sentidos, no devir da vida real. As cores, sons, cheiros, texturas e sabores se fundem e produzem imagens mentais e noções de distâncias, tamanhos, proporções, mas, acima de tudo, possibilidades de existir e produzir novas dinâmicas. Por vezes, esse movimento pode ocorrer de forma automática. No entanto, cabe à educação geográfica escolar estimular a análise espacial de modo a trazer a consciência sobre “quem somos” e sobre “o que fazemos” nesse mundo, no nosso espaço.

Assim, raciocinar geograficamente proporciona um trabalho escolar e permanece para a vida. Ao contrário do que pode parecer, o raciocínio e o pensamento são atributos da mente humana, são funções cerebrais e por que não os direcionar para olhar e ler-versar sobre o espaço. É isso que se deve pensar em fazer na sala de aula, isto é, uma geografia do cotidiano, especial, planejada e dialogada com bases teóricas e práticas consistentes. Assim se faz Geografia na escola.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para iniciar as considerações finais, resgatarei a pergunta que direcionou esta dissertação, a saber: como o ensino de Geografia se realiza na Escola Família Agrícola Dom Fragoso, à luz da Pedagogia da Alternância, com destaque para os conceitos de paisagem e lugar? A caminhada feita nos permitiu compreender o ensino de Geografia, como uma geografia viva, dinâmica, crítica e contextualizada com a realidade desses estudantes.

Sobre os objetivos específicos, analisamos as operações conceituais de paisagem e lugar no ensino de Geografia, efetuadas pelos estudantes. Para tanto, consideramos o componente curricular Geografia na EFA, que tem como objetivo apresentar os conceitos básicos das ciências e a promoção da aprendizagem desse conhecimento, desenvolvendo nos/as educandos/as, a capacidade de interação e transformação por meio dos estudos decorrentes do elo promovido pelo Plano de Estudo, cujo propósito é promover uma nova leitura de mundo com criticidade.

Os autores em destaque, no corpo desse trabalho, nos ajudaram a potencializar, trazendo reflexões valiosas na construção dessa temática, nos desafiando a mergulhar cada vez mais na busca por conhecimentos significativos que nos ajudasse a discorrer com propriedade sobre a temática.

O conhecimento geográfico vai se construindo com saberes, experiências de vida e aprendizagens significativas em torno do lugar de origem desses educandos, e dessa forma, é concretizado em função dos saberes obtidos pelo entrelaçamento entre escola x família x comunidade. Assim, as dimensões da paisagem e do lugar vão se desvelando na aprendizagem cotidiana desses jovens, nos espaços, alternando entre o meio escolar e o meio comunitário.

Em relação ao objetivo de verificar a interação entre as sessões familiar e escolar da Pedagogia da Alternância, com relação ao ensino de Geografia, tal como analisar as práticas espaciais cotidianas dos estudantes, podemos destacar, como achado, a constatação de uma Geografia sendo ressignificada na vida desses estudantes e suas respectivas famílias e comunidades. A dinâmica proporcionada pela Pedagogia da Alternância revela uma riqueza imensa, visto que os conhecimentos vão acontecendo de forma holística, de modo que é visível perceber a construção do conhecimento com base no livro da vida de forma muito concreta. Diante disso, destacamos a importância da mediação pedagógica possibilitada pelo

Plano de Estudo, que permite conhecer a realidade da comunidade e refletir nas aulas e demais momentos de aprendizagens na EFA, e, posteriormente, retornar essas reflexões e provocações para as comunidades.

No segundo capítulo, conseguimos identificar, com relevância para os objetivos desse trabalho, os aspectos motivacionais que levam os jovens enfrentar distâncias enormes para chegarem até à EFA, e segundo depoimentos dos mesmos, são movidos pela busca por conhecimentos significativos para as vivências camponesas, conhecimentos estes que podem fortalecer as práticas de convivência com o Semiárido, além das vivências comunitárias, as perspectivas de lutas e as transformações em seus contextos.

No terceiro capítulo, destacamos, como achados importantes, o uso das técnicas e tecnologias de convivência com o Semiárido, operacionalizado nas categorias Paisagem e Lugar, desvelando as diversas possibilidades de atuação dos educandos e suas famílias a partir dessas *expertises* obtidas com o ensino de Geografia, possibilitado pela Pedagogia da Alternância. As famílias trazem, em suas falas e testemunhos, suas práticas agropecuárias, e como exemplo disso, destacamos os quintais produtivos onde percebemos os manejos sendo realizados considerando as características dos solos, a realidade hídrica, a escolha das culturas a serem cultivadas de acordo com a nossa realidade de semiaridez, dentre outros aspectos que revelam o dinamismo das aprendizagens sendo contextualizadas nesses espaços.

Percebemos ainda aspectos sobre a convivência com o Semiárido, que as famílias, aos poucos, começam a ter uma nova relação com a água, elemento que tanto marca nossas histórias, onde as secas aparecem como um motivo da destruição da vida das pessoas, dos animais e da produção, sendo que o grande problema sempre foi a falta e não a seca, e com base nisso, encontra-se, em gestação, um projeto que traz a convivência com o Semiárido a partir de um novo olhar, novas atitudes, a *expertise* do reaproveitamento das águas cinzas, um novo jeito de produzir, ressaltando o uso do esterco dos animais, o coroamento nas plantas, a cobertura seca e verde, o plantio de culturas nativas ou adaptadas, enfim, a nossa realidade de semiaridez.

Assim sendo, o ensino de Geografia ganha destaque por intermédio da aplicação das categorias paisagem e lugar, tal como pela observação e análise da paisagem que carrega os elementos da realidade e as possibilidades de

transformação. A categoria lugar, por sua vez, oferece a instrumentalização para pensar os sentidos e significados de identidade e pertencimento, na intenção de conhecer, conviver e melhorar o lugar de vida.

No quarto capítulo, desvela-se, de forma muito consistente, a operacionalização das categorias Paisagem e Lugar nas vivências desses educandos e suas famílias, e diante disso, percebemos a necessidade de pensar a Geografia de acordo com os contextos apresentados, entendendo as dimensões dessas realidades, compreendendo suas histórias, suas organizações, a forma como essas comunidades vivem, trabalham, vivenciam suas crenças. Isto revela muitos aspectos significativos das categorias Paisagem e Lugar, como também onde essas relações apresentam-se concretamente.

Em suma, o ensino de Geografia, realizado na EFA Dom Frágoso, à luz da Pedagogia da Alternância, aplicando os conceitos de paisagem e lugar, tem uma importância para a comunidade escolar, para a vida desses estudantes e suas famílias/comunidades, pois ajuda essas pessoas, por meio do conhecimento, a refletirem melhor sobre seus lugares, suas vivências, sobre a forma como se organizam, trabalham, se divertem, dentre outros aspectos. As análises e discussões empreendidas permitiram perceber as transformações nessas paisagens como fruto de um novo olhar, uma nova concepção sobre a convivência com o semiárido. Assim, a construção de uma nova sociedade do “bem viver” vai se tornando uma realidade.

Desta maneira, percebemos a relevância científica que esse estudo contribui, significativamente, para o amadurecimento teórico e prático sobre o ensino de Geografia operacionalizado nas categorias Paisagem e Lugar na Pedagogia da Alternância, trazendo, assim, o ineditismo.

Dessa forma, destacamos que o debate valiosíssimo sobre esse tema não se esgota nesse estudo, pois é necessário que outras pessoas pratiquem com outros olhares, em vista da importância deste estudo ter sido apresentado de forma muito ousada, logo, sonhamos em dar continuidade com novos voos, desta vez, em uma tese de doutorado.

Ousamos ainda continuar bebendo da fonte dos conhecimentos que libertam, transformam sonhos em realidades e quebram as algemas das opressões, nos mostrando que um outro mundo é possível, e é essa a educação na qual acredito e defendo como propósito de vida.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, Angela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. *In*: ABDAL, A.; OLIVEIRA, M. C. V.; GHEZZI, D. R.; JAIME JÚNIOR, S. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo: Cebrap, 2016. p. 8-23.
- ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; LEÃO, Geraldo. **Juventudes do Campo** (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BATISTA, N. Q.; CAMPOS, C. H. Educação contextualizada para a convivência com o Semiárido. *In*: CONTI, I. R; SCHROEDER, E. O. (Org.). **Convivência com o semiárido brasileiro: autonomia e protagonismo social**. Brasília: IABS, 2013. p. 99-114.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BEGNAMI, João Batista. **Territórios educativos na educação do campo: escola, comunidade e movimentos sociais**. Coleção Caminhos da Educação do Campo. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- BEGNAMI, João Batista; JUSTINO, Érica. **Formação por Alternância na educação do campo**. São Paulo: Lutas Anticapital, 2022.
- BENÍSIO, Joel Duarte; COSTA, Tiago Pereira da. EIXO II – PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA. *In*: BENÍSIO, Joel Duarte; COSTA, Tiago Pereira da. (Orgs.). **Anais do I Conferência Nacional da Pedagogia da Alternância do Brasil (CONPAB) & I Colóquio Internacional Interdisciplinar da Pedagogia da Alternância & IV Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância no Brasil**. Salvador, Bahia, Brasil: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. UNEFAB, 2019.
- BRANDÃO, C. R.; LEAL, A. Comunidade tradicional: conviver, criar, resistir. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 8, n. 09, p. 73–91, 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6518>. Acesso em: 17 maio 2023.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). **Instrução normativa Incra nº 15, de 30 de março de 2004**. Diário Oficial da União, n. 65, seção 1, p. 148, 5 abr., 2004.
- CALDART, Roseli Salete (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005.
- CALVÓ, Pedro Puig. Centros Familiares de Formação em Alternância. *In*: **Pedagogia da Alternância: Alternância e Desenvolvimento**. Primeiro Seminário Internacional. Brasília: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas UNEFAB, 1999.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A necessidade da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

**CARTILHA DIREITOS DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS.**

Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais. (CIMOS) - Ministério Público de Minas Gerais (MPMG). Minas Gerais, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiana: C e A Alfa Comunicação, 2019.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA — CPT. **A luta pela terra, comissão pastoral da terra 20 anos depois**. São Paulo: Paulus, 1997.

DARDEL, Eric. 1899-1967 **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FARIAS, Fabiano Fontenele. **Mapa das comunidades atendidas pela EFA Dom Fragoso**. [S. l.: s. n.], 2022. Mapa cartográfico.

FARIAS, Fabiano Fontenele. **Mapa de localização da EFA Dom Fragoso**. [S. l.: s. n.], 2022. Mapa cartográfico.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: e três artigos quase completam**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

GARCIA-MARIRRODRIGA, Roberto. **Formação em Alternância e desenvolvimento Local: O movimento educativo dos CEFFA no mundo**. Tradução Luiz da Silva Peixoto, João Batista Begnami, Thierry De Burgrave, Francisco Trevisan, Laine Fátima Ulegon Trevisan. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

GIMONET, J. C. Alternância, Adolescência e Pré-adolescência. **Revista da Formação por Alternância**. Nº 1. Brasília: UNEFAB, 2005, p. 5-21.

GIMONET, J. C. Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as Casas Familiares Rurais de educação e de orientação. *In: Seminário Internacional de Pedagogia da Alternância: Alternância e Desenvolvimento*. Salvador. Anais. Salvador: UNEFAB, 1999, p. 39-48.

GIOMETTI, A. B. R. PITTON, S. E. C. ORTIGOZA, S. A. G. **Leitura do Espaço Geográfico Através das Categorias: Lugar, Paisagem e Território**. Volume 9 - D22 - Unesp/UNIVESP, 2012.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Centro Universitário UMA, 2014.

GUSMÃO, A. D. F. Planejamento no ensino do raciocínio geográfico: a espacialidade prevista no plano de aula, 7., 2021, Campinas. **Anais do VII Encontro**

**Regional de Ensino de Geografia e III Workshop de Cartografia e novos Letramentos.** Campinas-SP: BCCL/UNICAMP, 2021. p. 114-120.

**Projeto Político Pedagógico Escola Família Agrícola Dom Fragoso.** Independência - Ceará, 2019.

JUNIOR, Astrogildo Fernandes da Silva; NETTO, Mario Borges. Entrelaçando-**Revista Eletrônica de Cultura e Educação**, caderno temático: Cultura e Educação do campo, n 3. Ano 2, p. 45-60, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MALVEZZI, Roberto. **Semiárido:** Uma Visão Holística. Brasília: Confea, 2007.

MARACCI, Marilda Teles. **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MARCOS, Valeria de. **A necessidade da Geografia.** São Paulo: Contexto, 2019.

MÓNICO, Lisete *et al.* A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **CIAIQ**, v. 3, 2017.

MONICO, Lisete S.; ALFERES, Valentim R.; CASTRO, Paulo A.; PARREIRA, Pedro M. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais. v. 3, **CIAIQ**, 2017.

MOREIRA, Ruy. **O discurso do avesso:** para a crítica da Geografia que se ensina. São Paulo: Contexto, 2014.

NETO, Otávio Cruz. **Pesquisa social:** teoria, metodologia e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Lugar como a representação da existência. *In:* HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino. (Orgs.). **Maneiras de ler:** geografia e cultura. Porto Alegre, Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 83-89.

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino. Paisagem e representação: Unitas multiplex. *In:* HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da. (Orgs.). **Maneiras de ler:** geografia e cultura, Porto Alegre, Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 107-115.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado:** Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem.** 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos: Geografia e Fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2021.

SILVA, Arisouto Moura da. **Diálogos sobre a Educação do Campo**. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2014.

SOUZA, Angela Fagna Gomes; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser e viver enquanto comunidades tradicionais. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 11, n. 26, p. 109-120, 2012.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v.32, n.93, p. 175-195, 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

VANZELLA CASTELLAR, S. M.; DE PAULA, I. R. O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 294–322, 2020. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/922>. Acesso em: 19 abr. 2023.

VIEIRA, José Guilherme Silva. **Metodologia de Pesquisa Científica na Prática**. Curitiba; Editora Fael, 2010.



## APÊNDICE A — Roteiro da Observação Participante

A Observação Participante aconteceu em diversos momentos da vivência escolar na EFA Dom Fragoso, em 2022 e 2023, tendo como objetivo dessa dissertação o ensino de Geografia com destaque para a paisagem e o lugar, à luz da Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola Dom Fragoso.

Com intuito de responder, analisar, confrontar o objetivo, foram observados, através dos/as educandos/as, famílias e suas vivências, o Plano de Estudo, as Visitas as Famílias, Projeto Político Pedagógico (PPP), mediação pedagógica Plano de Estudo, currículo e demais mediações aqui analisadas.

Os sujeitos da pesquisa foram os/as educandos/as do Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano) e 20 famílias da Escola Família Agrícola Dom Fragoso.

Observei como os alunos relacionam os conceitos de paisagem e lugar na aprendizagem, tanto na sessão escolar como na sessão familiar, e também como colocam em prática os aprendizados, constatando através dos questionários com as falas dos educandos.

Um outro espaço de observação importantíssimo foram as visitas às famílias. Realizamos por ano, duas visitas às famílias/comunidade dos educandos do 1º, 2º e 3º ano, que recebem três visitas, sendo a terceira visita o momento em que os educandos, juntamente com sua família, fazem a apresentação dos seus Projetos de Vida da Família Camponesa para a comunidade. Nas outras visitas, temos a intenção de conhecer as famílias que ainda não conhecemos, ou estreitar os laços com as famílias a partir da troca de experiências em que conhecemos mais sobre a vida dos educandos no seu espaço familiar, assim como a família procura compreender como se dá as vivências do educando na sessão escolar.

Realizei as visitas com o objetivo e observei, em primeiro momento, o seguinte: Quem são essas famílias? Como se organizam em casa e em outros espaços da sociedade? Em que trabalham? Do que vivem? Como vivem? Do que participam? Como a família percebe o/a educando/a após o ingresso do/a mesmo/a na EFA? Que mudanças consegue perceber? Dessa forma, a partir do contato com a vida dessas pessoas, conseguimos perceber muitos elementos que estão configurados nas categorias paisagem e lugar.

Conseguimos ainda perceber como os educandos colocam em prática os conhecimentos obtidos na EFA e também no espaço comunitário. Nas visitas, os/as

educandos/as e suas famílias nos mostram os seus quintais e demais espaços produtivos, e explicam como realizam as práticas, os seus manejos, quem faz o que nesses sistemas produtivos. Questionamos por que foram escolhidas essas culturas que estão plantadas nos quintais, como por exemplo, a relação que existe com a semiáridade, dentre outros elementos importantes que nos ajudam a entender o ensino de Geografia, a dinâmica da Pedagogia da Alternância e a operacionalização das categorias paisagem e lugar.

Observamos a mediação pedagógica Plano de Estudo em 2022 e 2023 com o objetivo de melhor compreender essa mediação dentro da Pedagogia da Alternância além do potencial, enquanto pesquisa, sobre o contexto dessas comunidades, que fortalece o tripé Escola x Família x Comunidade.

Durante o mês, temos oito aulas de Plano de Estudo, no qual recebemos a pesquisa e fazemos as devidas reflexões em duas aulas, que ocorre na primeira segunda-feira do início da sessão escolar.

As outras duas aulas acontecem na segunda semana, na quinta-feira, onde, juntamente com a turma, vivenciamos o momento de sensibilização para a etapa da pesquisa da temática, e a partir de então, são utilizadas várias estratégias como vídeos, dinâmicas, visitação a sistemas produtivos. Após esses momentos, os jovens são organizados em grupo, com o objetivo de fazer as perguntas referentes à temática proposta, e em seguida, os grupos socializam as perguntas propostas. Na sequência, realizamos o enxugamento das perguntas que ficaram na pesquisa, momento em que a dupla de monitores/as responsáveis irão digitar, fazer a impressão da pesquisa e entregar para os educandos levarem para a comunidade.

Os educandos realizam a pesquisa com suas famílias, e combinamos, como amostragem, o número de nove famílias pesquisadas na comunidade, totalizando, assim, dez famílias pesquisadas. Ao retornarem para a sessão escolar, ocorrem, em duas aulas, o momento de escuta e socialização dessa pesquisa, e conseqüentemente, as reflexões sobre a temática vão acontecendo, tudo direcionado pela dupla de monitoras que coordena a turma. Temos um outro momento de partilha e reflexão com os demais educadores, em que destacamos como irá acontecer a contextualização da temática nos componentes curriculares, e assim trabalhamos o processo de interdisciplinaridade nas aulas da EFA.

Na quinta-feira da segunda semana, realizamos as outras duas aulas, em que realizamos o planejamento com os educandos da turma, com o intuito de orientar o

próximo passo do Plano de Estudo que seria a Atividade de retorno e a Devolução dessa temática pesquisada para a comunidade. Essa etapa do Plano de Estudo consiste em um momento que, ao retornar para a comunidade, os/as educandos/as “devolvem” o conhecimento pesquisado, refletido, teorizado, e realizam uma atividade “prática” com as famílias da comunidade.

E dessa forma, o conhecimento acontece operacionalizado nos vários espaços – sessão escolar e sessão familiar – de forma holística, permanecendo, portanto, em constante diálogo.

Como observação participante, também foram realizadas a análise dos seguintes documentos: Projeto Político Pedagógico (PPP), mediação pedagógica Plano de Estudo, currículo e demais mediações aqui analisadas.

**APÊNDICE B — Questionário dos educandos****UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**

Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 9.996, de 02.05.2006

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO – PPGEN  
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**

Educanda: Idelzuith Souza Borges

Orientadora: Adriana David Ferreira Gusmão

Sou Idelzuith Souza Borges, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGEN, Mestrado Acadêmico em Ensino, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Autora da pesquisa intitulada, Ensino de Geografia na Escola Família Agrícola Dom Fragoso: Paisagem e Lugar na Pedagogia da Alternância.

Venho por meio deste solicitar a sua valiosíssima participação nessa pesquisa respondendo esse questionário.

**QUESTIONÁRIO PARA OS ESTUDANTES:**

01. O que você sabe sobre a Geografia?
02. Quais assuntos da Geografia são mais interessantes para você?
03. Quais assuntos da Geografia são visíveis no seu cotidiano?
04. Como os assuntos trabalhados em Geografia ajudam você a pensar o espaço no lugar onde você mora?
05. Que técnicas e tecnologias de convivência com o semiárido a família desenvolve?
06. A sua aprendizagem na Geografia contribui para o desenvolvimento da sua comunidade? Se sim, de que maneira? Se não, como poderia contribuir?
07. Para você, o que é Paisagem? Quais são os elementos da Paisagem?
08. Pensando no que você entende por Paisagem, como você percebe o relacionamento da comunidade com a paisagem do lugar onde você mora?
09. Você consegue relacionar Paisagem com Geografia? Como?
10. Para você, o que é Lugar?
11. Quais são os elementos do Lugar?
12. Pensando no que você entende por Lugar, como você percebe o relacionamento da comunidade com o Lugar onde você mora?

13. Você consegue relacionar Lugar com Geografia? Como?
14. O conceito de lugar ajuda você a entender a sua vida cotidiana e o espaço onde você circula?
15. A paisagem do lugar onde você vive contém elementos que influenciam na política, na economia e nas ações governamentais?
16. A EFA funciona de forma diferente de outras escolas. Você sabe por que a EFA aplica a Pedagogia da Alternância?
17. O que a Pedagogia da Alternância tem a ver com a paisagem e o lugar onde você vive?
18. Entender a paisagem e o lugar, nas aulas de Geografia, influencia no seu modo de viver e de entender a sua vida e a vida da sua comunidade?
19. Quando você está no seu tempo de casa, utiliza a aprendizagem que realiza na Geografia? Como?
20. Como você avalia o ensino de Geografia na sua escola? Você tem sugestões a dar sobre ele?

## APÊNDICE C — Questionário das Famílias



### UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 9.996, de 02.05.2006

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO – PPGEN  
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO

Educanda: Idelzuith Souza Borges

Orientadora: Adriana David Ferreira Gusmão

Sou Idelzuith Souza Borges, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGEN, Mestrado Acadêmico em Ensino, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Autora da pesquisa intitulada, Ensino de Geografia na Escola Família Agrícola Dom Fragoso: Paisagem e Lugar na Pedagogia da Alternância.

Venho por meio deste solicitar a sua valiosíssima participação nessa pesquisa respondendo esse questionário.

#### QUESTIONÁRIO PARA A FAMÍLIA:

1. É possível perceber a aprendizagem da Geografia no cotidiano do seu filho ou filha?
2. Como seu filho ou filha aplica os conhecimentos adquiridos na Geografia, no tempo em que está em casa?
3. Qual a influência do estudo da Paisagem realizado pelo seu filho ou filha na EFA Dom Fragoso, na comunidade em que vive?
4. Conhecer o Lugar onde se vive é importante para você e seu filho ou filha? Por quê?
5. Como você avalia o ensino de Geografia na EFA Dom Fragoso?

## ANEXO A — MATRIZ CURRICULAR

**Escola Família Agrícola Dom Fragoso**  
**MATRIZ CURRICULAR**

ÁREAS DE CONHECIMENTO/DISCIPLINA			Carga Horária 1º ANO		Carga Horária 2º ANO		Carga Horária 3º ANO		Carga horária anual	
			SE	SF	SE	SF	SE	SF		
-FORMAÇÃO GERAL BÁSICA	Linguagem, Códigos e suas Tecnologias.	Língua Portuguesa	110	10	110	10	110	10	360	
		Inglês	20	-	20	-	20	-	60	
		Artes Regionais	20	-	20	-	20	-	60	
		Educação Física	20	-	20	-	20	-	60	
	Matemática e suas Tecnologias.	Matemática	100	10	100	10	100	10	330	
	Ciências da natureza e suas Tecnologias.	Física	40	-	40	-	40	-	120	
		Química	40	10	40	10	40	10	150	
		Biologia	50	-	50	-	50	-	150	
	Ciências Humanas e suas Tecnologias.	Geografia	60	10	60	10	60	10	210	
		História	60	-	60	-	60	-	120	
		Filosofia	20	-	20	-	20	-	60	
		Sociologia	20	-	20	-	20	-	60	
	<b>FORMAÇÃO GERAL BÁSICA</b>			<b>560</b>	<b>40</b>	<b>560</b>	<b>40</b>	<b>560</b>	<b>40</b>	<b>1.800</b>
	ITINERÁRIOS FORMATIVOS DA PARTE DIVERSIFICADA	Espanhol	20	-	20	-	20	-	60	
Acompanhamento Personalizado		40	-	40	-	40	-	120		
Plano de Estudo		40	40	40	40	40	40	240		
Projeto de Vida da Família Camponesa		40	40	40	40	40	40	240		
Aprofundamento de Português		-	40	-	40	-	40	120		
Aprofundamento de Matemática		-	40	-	40	-	40	120		
Aprofundamento de Geografia		-	40	-	40	-	40	120		
Aprofundamento de Química		-	30	-	30	-	30	90		
<b>TOTAL PARTE DIVERSIFICADA</b>			<b>140</b>	<b>230</b>	<b>140</b>	<b>230</b>	<b>140</b>	<b>230</b>	<b>1.110</b>	
	Agricultura I	50	25	-	-	-	-	75		
	Zootecnia I	50	25	-	-	-	-	75		
	Informática	30	15	-	-	-	-	45		
	Sociologia Rural	30	15	-	-	-	-	45		
	Administração Rural	40	20	-	-	-	-	60		
	Agroecologia	30	15	-	-	-	-	45		
	PVFC I	20	10	-	-	-	-	30		



ÁREAS DE CONHECIMENTO/DISCIPLINA	Carga Horária 1º ANO		Carga Horária 2º ANO		Carga Horária 3º ANO		Carga horária anual	
	SE	SF	SE	SF	SE	SF		
Disciplinas do Curso Técnico Agropecuária  ITINERÁRIOS FORMATIVOS EDUCAÇÃO TÉCNICO PROFISSIONAL	Práticas de Convivência com o Semiárido Brasileiro	-	-	20	10	-	-	30
	Ciências do Solo	-	-	30	15	-	-	45
	Manejo e Mecanização do Solo	-	-	20	10	-	-	30
	Produção Vegetal I	-	-	60	30	-	-	90
	Desenho e Topografia	-	-	30	15	-	-	45
	Irrigação e Drenagem	-	-	30	15	-	-	45
	Produção Animal I	-	-	60	30	-	-	90
	PVFC II	-	-	20	10	-	-	30
	Produção Vegetal II	-	-	-	-	50	20	70
	Produção Animal II	-	-	-	-	50	20	70
	Agroindústria Familiar	-	-	-	-	60	30	90
	PVFC III	-	-	-	-	60	30	90

### CURSO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO HABILITAÇÃO EM AGROPECUÁRIA – EM REGIME DE ALTERNÂNCIA

Comunidade Santa Cruz – Zona Rural Independência – CE CEP: 63.640-000 E-mail: [efadomfragoso@yahoo.com.br](mailto:efadomfragoso@yahoo.com.br) Tel: (88) 9812-0110


#### Escola Família Agrícola Dom Fragoso

Economia e Comercialização Agrícola	-	-	-	-	50	20	70
Informática Aplicada	-	-	-	-	20	10	30
<b>TOTAL DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL</b>	<b>250</b>	<b>125</b>	<b>270</b>	<b>135</b>	<b>290</b>	<b>130</b>	<b>1.200</b>
ESTÁGIO				150		150	300
<b>TOTAL PARCIAL</b>	<b>1050</b>	<b>305</b>	<b>1070</b>	<b>445</b>	<b>1090</b>	<b>450</b>	<b>4.410</b>
<b>TOTAL GERAL DO CURSO</b>	<b>1.355</b>		<b>1.515</b>		<b>1.540</b>		<b>4.410</b>

#### OBSERVAÇÕES SOBRE O CURRÍCULO

1. Siglas: SE = Sessão Escolar SF = Sessão Familiar e Socioprofissional  
TE = Tempo Escola TF = Tempo Família  
PVFC = Projeto de Vida da Família Camponesa
2. A Alternância no meio familiar e Socioprofissional será contada como dia letivo. Esta matriz Curricular está em conformidade com **Resolução CNE/ CEB de Número 01, de 03 de abril de 2002 (Diretrizes Operacionais Para a Educação Básica nas Escolas do Campo)** e com o **Parecer CNE/ CEB 1/2006, Homologado pelo Ministério da Educação em D. O. U em 15/03/2006** – onde os Tempos relativos à sessão Familiar/Socioprofissional é computada como tempo letivo.



3. Os conteúdos referentes a História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo currículo escolar, em especial, em Arte Regional, Língua Portuguesa, Geografia e História em atendimento à Lei n.º 10 639, D. O. U., de 10/01/03.
4. A carga horária das disciplinas da Educação Profissional será trabalhada, repartindo 50% do tempo para teoria e 50% para práticas em campo, conforme definição da EFA Dom Fragoso.  
The logo of EFA Dom Fragoso features a circular emblem with a landscape scene, including a sun, trees, and a building, with the text 'EFA DOM FRAGOSO' below it.
5. Carga horária total do curso: 4.410 horas, sendo 1.800 para a Base Nacional Comum, 1.110 para Parte Diversificada, 1.200 para a Educação Profissional e 300 para Estágio Supervisionado.

Comunidade Santa Cruz – Zona Rural Independência – CE CEP: 63.640-000 E-mail:  
[efadomfragoso@yahoo.com.br](mailto:efadomfragoso@yahoo.com.br) Tel: (88) 9812-0110